



**AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS
(E OS BÁCULOS)
DO SÍTIO DO MONTE DA BARCA
(CORUCHE)**

Victor S. Gonçalves

AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS (E OS BÁCULOS) DO SÍTIO DO MONTE DA BARCA (CORUCHE) Victor S. Gonçalves

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Em 1974, foram publicados, nas Actas do 3.º Congresso Nacional de Arqueologia, materiais arqueológicos provenientes de um sítio não longe de Coruche. Dele nada se sabia antes e pouco se soube depois, salvo a sua integral destruição.

O espólio arqueológico então recolhido por Prescott Vicente e Miguéis de Andrade indica o universo megalítico, mas no local não foi registado qualquer esteio de anta nem observado qualquer elemento que permitisse caracterizar definitivamente o sítio.

Victor S. Gonçalves, professor catedrático da Universidade de Lisboa e director do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) retoma o estudo das placas de xisto gravadas e dos báculos, agora integralmente desenhados e cuidadosamente fotografados, procurando efectuar uma síntese da situação ao abrigo das novas informações entretanto recolhidas no âmbito do estudo do 4.º e do 3.º milénios a.n.e. e do próprio Projecto PLACA NOSTRA. São também publicados materiais inéditos integrados nos acervos do Museu Municipal de Coruche.

A colecção *Cadernos da UNIARQ*, agora reformulada graficamente, tem aqui o seu sétimo volume.

«...nenhuma estrutura sobreviveu à hecatombe de 1971. Nada resta no terreno e, se restasse, uma construção recente teve certamente o papel de Átila o Huno e a relva já não cresce por ali. Há por certo os materiais arqueológicos que, em boa hora, Gil Miguéis de Andrade ofereceu ao Museu Municipal de Coruche. E, entre eles, uma boa quantidade de placas de xisto gravadas. Sendo de origem este trabalho sobre elas, bem poderíamos esquecer tudo resto. Como se verá, não foi assim e as cerâmicas mereceram particular atenção, pelo que a sua forma e elementos decorativos nos poderiam ensinar.

Quanto às placas de xisto gravadas, elas integraram um complexo mágico religioso que se desenvolveu nos últimos séculos do 4.º milénio a.n.e. e perdurou na primeira metade do 3.º. Podem ser analisadas, em casos específicos, de *per se*, mas, por razões que não têm apenas que ver com estatística, quanto maior for o conjunto melhor. E este, se está longe das grandes concentrações de placas do Alentejo central – ou mesmo de alguns monumentos do Alto Alentejo – permite e justifica largamente descrição, análise e comentário. Assim se fez. »

Do limiar, por VSG

**AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS
(E OS BÁCULOS)
DO SÍTIO DO MONTE DA BARCA
(CORUCHE)**

Victor S. Gonçalves



5.º CONGRESSO DO NEOLÍTICO PENINSULAR



CNP 5

Cadernos da UNIARQ

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

7.
GONÇALVES, V. S. (2011) – As placas de xisto gravadas
(e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche).
ISBN: 978-989-95653-5-7
Depósito legal: 323353/11

DESENHOS DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS E DOS BÁCULOS
Tânia Diniz

FOTOGRAFIAS (SALVO QUANDO ESPECIFICAMENTE ASSINALADO)
E TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGEM Victor S. Gonçalves

PAGINAÇÃO TVM Designers

CAPA Artlandia (sobre fotografia de VSG)

FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Facsimile, Lda.

TIRAGEM 600 exemplares

Lisboa, Janeiro de 2011

NA CAPA: placa de xisto do Monte da Barca
(detalhe da Cabeça, foto VSG)

PARA INTERCÂMBIO

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
(a/c Prof. Victor S. Gonçalves)
Faculdade de Letras, P-1600-214 Lisboa – Portugal

VOLUMES ANTERIORES DE ESTA SÉRIE:

- 1 – FABIÃO, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. ISBN: 972-667-108-6
- 2 – GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. ISBN: 972-667-319-4
- 3 – ARRUDA, A. M.; GÓMEZ BELLARD, C.; VAN DOMMELEN, P., eds. (2007) – *Sítios e paisagens rurais do Mediterrâneo púnico*. ISBN: 978-989-95653-0-2
- 4 – SOUSA, E. (2009) – *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. ISBN: 978-989-95653-1-9
- 5 – CASCALHEIRA, J. (2010) – *Tecnologia lítica solutrense do Abrigo Vale Boi*. ISBN: 978-989-95653-3-3
- 6 – ALBUQUERQUE, P. (2010) – *Tartessos: entre mitos e representações*. ISBN: 978-989-95653-2-6.

© do Autor

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita do Autor, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em powerpoints de carácter científico ou didáctico (e não comercial) a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de a origem e a autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução. Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados.

**AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS
(E OS BÁCULOS)
DO SÍTIO DO MONTE DA BARCA
(CORUCHE)**

Victor S. Gonçalves



VICTOR S. GONÇALVES [1946.05.14] é professor catedrático da Universidade de Lisboa, coordenando, na Faculdade de Letras, de cujo Conselho Científico é membro, o ensino da Arqueologia e dirigindo o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), que fundou, e, nele, o Grupo de Trabalho UM, sobre as *Antigas Sociedades Camponesas*.

No que se refere a Coruche, em 1983-84 e 1985 publicou dois projectos de investigação sobre a antropização do Vale do Sorraia (ANSOR), então associado a Suzanne Daveau. Em 1982 e 1983-84, publicou estudos sobre o Cabeço do Pé da Erra (Coruche) e divulgou internacionalmente uma das suas melhores imagens, numa *Histoire du Portugal*, publicada em Bruxelas por Albert d'Haennens (1988). Presentemente, trabalha numa monografia sobre aquele povoado calcolítico, a editar nesta Colecção.

Em 2010, reactivou o Projecto ANSOR e iniciou escavações no povoado do Neolítico antigo de Casas Novas (Coruche).

Entre os seus livros, contam-se: *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa (1989); *Reverdo as antas de Reguengos de Monsaraz* (1992); *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos* (1999); *STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)* (2003); *As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur* (2005); *Cascais há 5000 anos* (2005). Na Colecção CASCAIS, TEMPOS ANTIGOS, que dirige, publicou duas monografias (*A utilização pré-histórica da Gruta de Porto Covo*, 2008; *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho*, 2009) e tem outra em conclusão, sobre a necrópole de Alapraia. Editou as Actas dos 2 Colóquios Internacionais sobre Megalitismo já realizados (2000 e 2003) e as

Actas do 3.º Colóquio Transformação e Mudança, estas últimas com a colaboração de Ana Catarina Sousa (2010). É autor de dezenas de textos e comunicações, publicadas em Portugal, Espanha, França e Inglaterra. Mas tem especial preferência por três deles, publicados na *Revista Portuguesa de Arqueologia*, na série *Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular*: - «A síndrome das placas loucas». 2003. *RPA*. Lisboa. 6:1, p. 131-157; - «O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.». 2004. *RPA*. Lisboa. 7:1; p. 165-183; - «As Placas Híbridas: Definição do conceito, alguns poucos exemplos e, de novo, os possíveis significados das placas». 2006. *RPA*. Lisboa. 9:2; p. 27-59).

Após ter terminado, junto ao Sorraia, a edificante leitura de *Wolf Hall*, relê pela enésima vez *Os Maias* e a *Iliada* e, Casas Novas *obligent*, a monografia e os textos publicados sobre a gruta de La Vaquera. Saboreia a experiência múltipla que é *The Hare with Amber Eyes*, um livro que torna abominável qualquer *e-book*. Pelo toque sensorial da textura da capa dura, pelo papel pálido, pelas imagens de época, mas já nessa altura deliciosamente retro, e, naturalmente, pelo facto de ser uma excelente história para ler de seguida e, depois, começando em que página for.

Num mau Inverno, planta árvores não longe do Sado. E ouve o violino de Isabelle Faust nos três B (Bach, Beethoven e Bartók), uma das poucas agradáveis surpresas que teve em 2010...

SHIU (VSG)



Victor S. Gonçalves junto ao Sorraia, no Verão de 2010
Foto: Ana Catarina Sousa

*Para o meu Avô João, que tanto apreciava os rios e as suas margens,
que nunca viu uma placa de xisto gravada,
mas que me passou o gosto pela grande Música, ao som da qual as estudo*

TÁBUA

Prefácio	9
DIONÍSIO MENDES Presidente da Câmara Municipal de Coruche	
Algumas palavras prévias apesar de tudo necessárias (pelo menos assim pensa o autor)	11
UM	
O QUE FOI O SÍTIO DO MONTE DA BARCA...	17
E O QUE SÃO AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS	
1.1. O sítio do Monte da Barca	18
1.2. O que são as placas de xisto gravadas	29
DOIS	
AS PLACAS DE XISTO DO MONTE DA BARCA NO MUSEU MUNICIPAL DE CORUCHE	34
2.1. As placas de xisto gravadas do Monte da Barca ao tempo da sua descoberta	35
2.2. As placas de xisto gravadas do Monte da Barca, hoje	37
2.3. Descrição, em corrido, e comentários às placas de xisto gravadas do Monte da Barca	43
2.3.1. Placas de que só se conhece a Cabeça	43
2.3.2. Placas anepígrafas	44
2.3.3. Placas com bandas verticais preenchidas	44
2.3.4. Placas com faixas zigiguezagueantes preenchidas	46
2.3.5. Placas com motivos em xadrez	47
2.3.6. Placas com motivos em triângulos no Corpo	50
2.4. Algumas pequenas contas e percentagens	61
TRÊS	
OS BÁCULOS DO MONTE DA BARCA	112
3.1. Os três báculos recolhidos em 1971 no Monte da Barca	113
3.2. O báculo MB-293	118
3.3. Comentário aos báculos do Monte da Barca	122

QUATRO

ALGUMAS BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE EXEMPLOS, PARALELOS E CASOS DE ESTUDO	129
4.1. As primeiras leituras, em 1974, e um seu rápido comentário	130
4.2. Presenças e ausências?	133
4.3. Antas aqui tão perto... e algumas mais longe	136

CINCO

AS CRONOLOGIAS POSSÍVEIS (QUE SÃO POUCAS)	142
---	-----

SEIS

UMA SÍNTESE FINAL? LEITURAS DE CONTEXTOS. CHAVES PERDIDAS. FECHADURAS ENCRAVADAS. NEVOEIRO?	148
6.1. Uma síntese final? Leituras de contextos	149
6.1.1. Ainda que seja sempre desagradável dizê-lo...	149
6.1.2. A informação que podemos extrair dos artefactos recolhidos é coerente e sólida?	150
6.1.3. O contexto «cultural» local, do 4.º e do 3.º milénio, para o Monte da Barca	163
6.1.4. Placas de xisto gravadas e conjuntos ideotécnicos	169
6.2. Chaves perdidas, fechaduras encravadas	170
6.3. Nevoeiro?	171

SETE

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	172
----------------------------	-----

Agradecimentos	178
Notas sobre os Separadores	179
Índice das Figuras e Quadros	180
Resumo	182
Abstract	183

PREFÁCIO

O PRESENTE TRABALHO insere-se na política municipal da promoção e divulgação do património cultural que consideramos elemento estruturante da nossa identidade como comunidade inserida na bacia hidrográfica do rio Sorraia.

Parece-nos razoável afirmar que a fixação da população neste território, que hoje conhecemos como concelho de Coruche, desde a Pré-História até aos nossos dias, se orientou preferencialmente pela busca das linhas da água e das terras férteis que lhe estão associadas.

No que respeita ao Megalitismo, o território mais conhecido e estudado situa-se no extremo sudeste do concelho onde são visíveis os monumentos funerários (antas) e ao qual os arqueólogos da primeira metade do século XX deram alguma atenção – Manuel Heleno numa primeira fase e mais tarde os alemães Vera e Georg Leisner.

O achado ocasional que motivou este estudo, ocorrido em 1971, num contexto geomorfológico muito diverso desse outro mais conhecido e estudado, levanta questões para nós muito curiosas: não há vestígios de monumento megalítico nas imediações e no local, na periferia do Vale do Sorraia, junto a uma linha de água subsidiária do mesmo, não existe qualquer tipo de rocha dura ou vestígios que o contextualizem.

O desafio que nos foi proposto pelo Professor Victor S. Gonçalves teve assim o melhor acolhimento por parte da autarquia coruchense.

É um reconhecido e reputado especialista deste período da Pré-História e simultaneamente um interessado estudioso da cultura do Vale do Sorraia, onde escavou nos anos 80 o sítio do Cabeço do Pé d'Erra e no ano passado o sítio de Casas Novas, próximo da confluência da ribeira do Divor com o rio Sorraia.

Para ele o nosso reconhecimento e a certeza de que com esta parceria «fazemos» História, ou seja, escrevemos mais uma página no livro do território que acolheu os nossos antepassados.

O Presidente
DIONÍSIO SIMÃO MENDES

ALGUMAS PALAVRAS PRÉVIAS APESAR DE TUDO NECESSÁRIAS (PELO MENOS ASSIM PENSA O AUTOR)

Sometimes when the boys came back from school he told them about Aeneas and his return to Carthage. There, on the walls, are scenes of Troy. It is only then, confronted by the image of what he has lost, that Aeneas finally weeps. *Sunt lacrimae rerum*, Aeneas says. These are the tears of things, he reads, at the kitchen table as the boys try to finish their algebra, 'Write a day in the Life of a Pencil', note the 'Dissolution of the Monasteries: Triumph or Tragedy?'

E. de Waal, *The Hare with Amber Eyes*, p. 270

O SÍTIO FUNERÁRIO DO MONTE DA BARCA foi identificado em 1971, acidentalmente, durante os trabalhos de construção de um edifício pela Cooperativa Transformadora dos Produtos Agrícolas do Vale do Sorraia.

Dois arqueólogos amadores, ambos interessados sobretudo pela Península de Lisboa, Eduardo Prescott Vicente e Gil Miguéis de Andrade, tomaram conhecimento dos achados, fotografaram e descreveram a escavação e os materiais e apresentaram-nos ao 3.º Congresso Nacional de Arqueologia, dois anos depois.

Após a sua identificação, e durante muitos anos, um estranho silêncio desceu sobre o Monte da Barca, em Coruche... É certo que as comunicações aos Congressos nem sempre são lidas, o que é mau, e neste caso ainda menor justificação havia, uma vez que o estudo de Vicente, Andrade e Dias, publicado em 1974, supera mesmo, para a época, a média de qualidade. Mas, independentemente do silêncio ou desinteresse, o que teria sido aquele sítio estranho?

Uma anta fantasma, incorpórea, um peru de que só restava o recheio?

Para já, detesto peru, vivo ou morto, e nem um bom recheio de castanhas o melhora, no meu entender. Monumentos ou sítios assim são de fugir, como patos (quando podem) fogem de terra seca. E no entanto...

Várias vezes choquei com o Monte da Barca. A propósito de coisa nenhuma, a propósito de Aljezur, a propósito da Lapa da Galinha... até mesmo do Monte do Lacrau, como já antes do Cabeço do Pé da Erra. Tanta capacidade de se fazer recordar colocava-me numa situação difícil, quando um verdadeiro turbilhão humano entrou pelo Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e me fez uma proposta irrecusável para publicar o Pé da Erra e... estudar as placas de xisto gravadas do Monte da Barca. Respondi manhosamente que só com garantias de trabalho e

aquisições directas de serviço a designers externos, co-edições, e coisas assim, o trabalho poderia ser feito, mas, contrariamente ao que esperava, pouco depois o caminho estava aberto e havia gente à espera.

Os poucos que me conhecem sabem que não sou pessoa para me deter à entrada de caminhos, mesmo em encruzilhadas duvidosas, e que só nessas alturas, felizmente raras para um absoluto produto da Revolução dos Produtos Secundários, como me reclamo ser, violo os princípios de Shingen: «rápido como o vento, silencioso como a floresta, feroz como o fogo, imóvel como a montanha...». Ainda que Shingen não tenha caído em batalha, mas de algum modo vítima do seu amor pela Música, não parece lá grande exemplo. Mas, na verdade, é.

Quanto a gente à espera, nunca sofri de agorafobia, ainda que não goste particularmente de ser olhado insistentemente. Pelo que avançar, e depressa, era a única via aberta.

E assim começou este estudo. Poderia dizer-se que com o arranque do Projecto «PLACA NOSTRA» mais tarde ou mais cedo ele teria tido lugar, mas sem dúvida que sem Ana Cristina Calais certamente seria mais tarde.

Há também algumas particularidades que devem ser referidas.

Ao longo de este texto, citam-se fragmentos relativamente extensos do artigo publicado em 1974 sobre este sítio. Pensei não se justificar um resumo de ideias alheias e a pouca acessibilidade actual ao volume das Actas do 3.º Congresso Nacional o justificaria. Escolhi assim as passagens que incluíam descrições de artefactos, contextos e algumas poucas interpretações dos autores. Na verdade, na época ainda nada se sabia dos materiais que, nos anos 30 do século 20, tinham sido recolhidos nas antas de Coruche. Os artefactos estavam no Museu Nacional de Arqueologia, muitos tal como tinham saído da terra (e ainda bem). Os então míticos Cadernos de Campo de Manuel Heleno ainda não tinham sido recuperados e a própria origem dos artefactos estava assim no oblívio. Uma considerável massa de potencial informação em bruto, um vazio de contextos que, aliás, a revelação dos Cadernos de Campo não alterou grandemente.

Refiro também, por vezes, no texto, o *Roteiro Megalítico de Coruche* (RMC), que nos anos 80 me disseram estar reservado para alguns putativos autores, amigos «da gerência» de então, agora substanciado num «guia de campo». As intenções de o fazer foram boas, resultando da actividade da autarquia e da acção de Ana Cristina Calais no Museu Municipal, no sentido de socializar o passado pré-histórico do concelho, e as imagens que reproduz têm alguma utilidade em termos científicos, mas não substituem publicações monográficas ou estudos de síntese sobre temas específicos e o «Roteiro» sofre de alguns graves erros de estratégia e mesmo de classificação de materiais. Mas claro que é difícil compatibilizar um projecto teoricamente para o grande público com um projecto científico. Para mim, este dá origem ao outro e suporta as opções que devem ser assumidas, não o contrário. E alguns de estes monumentos são mesmo importantes, uma vez que estão longe de ser todos iguais e as carapaças hoje vazias das antas estavam preenchidas com deposições funerárias, algumas muito antigas dentro do megalitismo alentejano, e outras não tanto assim. E integradas em paisagens muito distintas do Monte da Barca. E próximas de outras áreas pré-megalíticas, cujo conhecimento é vital para compreender a dinâmica das antigas sociedades camponesas que conduz ao megalitismo.

Para os que observaram a propósito de Porto Covo (Gonçalves, 2008b) que imagens do Egipto antigo suscitavam sempre a ideia de um orientalismo *forcené*, as que aqui escolhi para ilustrar as presumíveis funções dos báculos nenhuma implicação de esse tipo têm (nem as de Porto Covo as tinham...). Na verdade, a civilização egípcia forneceu quantidades avassaladoras de imagens, muito úteis para entender, com as devidas reservas, coisas e situações. Mas como alguns poucos sabem, assim como aos gregos sempre preferi os troianos, e Heitor a Aquiles, também, no que ao Oriente diz respeito, sempre preferi os sumérios aos egípcios. Escolhas, subjectivismos e empatias que nada têm que ver com difusionismos exarcebados. Ainda que...

As placas de xisto gravadas estão um pouco por toda a parte (ou não fossem elas as motivadoras de este texto). Algumas repetições resultam inevitáveis e ideias e conceitos navegam à bolina. Recomendo a leitura do glossário já publicado (Gonçalves, 2004a, 2005b), para esclarecer designações menos óbvias.

Gostaria também de explicar algumas opções que assumi, algumas contrariado. Para integrar as 29 placas de xisto gravadas e os quatro báculos do Monte da Barca, sem contextos conhecidos, não me pareceu lógico percorrer todo o megalitismo «português» (e mais algum seu vizinho). Privilegiei assim os espólios de monumentos próximos e os de dois grupos megalíticos coesos, um relativamente bem conhecido (Crato/Nisa) e outro, que é talvez o melhor estudado de todos os grupos megalíticos «portugueses», o de Reguengos de Monsaraz.

É um ponto de partida. Oxalá eu e outros, no futuro, possam ir mais longe.

Para terminar,

Do sítio funerário do Monte da Barca, nenhuma estrutura sobreviveu à hecatombe de 1971. Nada resta no terreno e, se restasse, uma construção recente teve certamente o papel de Átila o Huno, e a relva já não cresce por ali. Há por certo os materiais arqueológicos que, em boa hora, Gil Miguéis de Andrade ofereceu ao Museu Municipal de Coruche. E, entre eles, uma boa quantidade de placas de xisto gravadas. Sendo de origem este trabalho sobre elas, bem poderíamos esquecer tudo o resto. Como se verá, não foi assim e as cerâmicas mereceram particular atenção, pelo que a sua forma e elementos decorativos nos poderiam ensinar.

Quanto às placas de xisto gravadas, elas integraram uma fase de um complexo mágico-religioso que se desenvolveu no último século do 4.º milénio a.n.e. e perdurou na primeira metade do 3.º. Podem ser analisadas, em casos específicos, de *per se*, mas, por razões que não têm apenas que ver com estatística, quanto maior for o conjunto melhor. E este, se está longe das grandes concentrações de placas do Alentejo médio – ou mesmo de alguns monumentos do Alto Alentejo – permite e justifica largamente descrição, análise e comentário. Assim se fez.

O que tem que ver com o quê? – poderíamos perguntar, olhando a imagem a seguir. E nisso não há mal algum.

A capa da colectânea de Henry Purcell (1659-1695) em CD (DGG, ARCHIV) responde sozinha: tudo e nada.

Que tem que ver Dido e Eneias, o rei Artur, Diocleciano, Tímon de Atenas ou as 3 Odes com o megalitismo? Talvez o Rei Artur um pouco, pela fusão de tempos e pela compressão da memória.

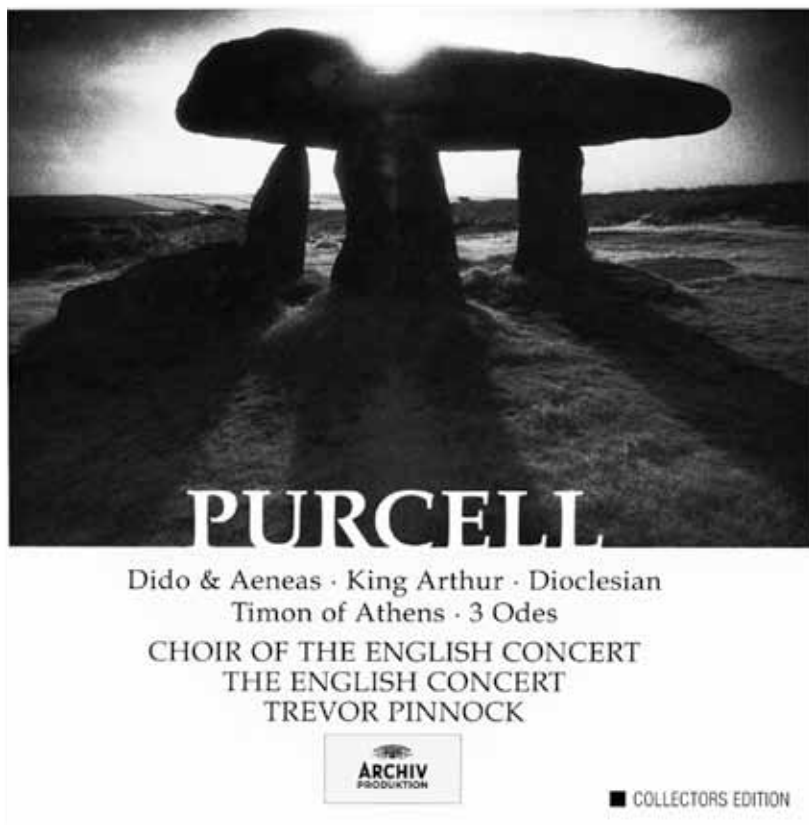


FIG. 0-1 Colectânea de Henry Purcell editada pela DGG-ARCHIV e Mocho de metal de origem africana com 23 cm de altura (coleção particular).



Ou pela utilidade das antas para abrigar os cavaleiros em busca do graal, não os do 3.º milénio a.n.e., mas o outro, se é que existiu, o que é muito duvidoso, e que seria bem diferente em forma e utilidade. Ainda que, para uma coisa existir, não é sequer necessária uma existência real. Basta que alguém pense que ela existe mesmo... Mas uma anta e Purcell, que nunca deve ter visto alguma, de resto nada. Ou tanto como o *cromlech* que puseram em frente às saídas internacionais do aeroporto de Lisboa...

E, a propósito do mocho, tanto faz ele ter duas ou seis patas, olhos simples ou Olhos de Sol, como a Deusa. É sempre um mocho (quando não é uma coruja). Como as placas de xisto gravadas, seja qual for o seu formato e a sua gravação. O facto de alguns atributos ou categorias corresponderem a realidades específicas quer mesmo dizer que elas sejam realmente *diferentes* entre si?

Não creio, mas mesmo assim passo não pouco tempo a listar atributos e construir categorias. Que a melhor maneira de aprendermos a conhecer uma coisa é descrevê-la, classificá-la e só depois interpretá-la. Nunca gostei assim tanto de água que me arriscasse a cair num charco...

Coruche, Lisboa, Inverno de 2010



9.5.21

UM

O QUE FOI O SÍTIO DO MONTE DA BARCA... E O QUE SÃO AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS

Procurei sempre realidades,
mas elas nem sempre me encontraram
Os Escritos de Iis, parábola do Buscador Desiludido

*Corrino multi cani ad una cazia
Quillo la piglia chi e stanca la trova.
Lu braccho che non cerca per la trazia
quanto piu corre tanto mino jova.
L'uccelo che da multi se discazia
al ultimo alli riti se retrova¹*

*Strambotto-cacia: CORRINO MULTI CANI
Anónimo (C. Montecassino), c. 1238-1492*

¹ Tradução livre a partir de Savall, 2010, p. 300-301:
Muitos cães correm na caçada/ O que apanha uma presa,
apanha a que está cansada./ O cão que não segue a pista/
ganha menos, correndo mais./ O pássaro que muito foge/
no fim é apanhado pela rede.

1.1. O SÍTIO DO MONTE DA BARCA

EM 1973, NO 3.º CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, que decorreu no Porto entre 5 e 8 de Novembro, foi apresentada uma comunicação sobre um sítio cuja história e localização foram assim descritas pelos autores:

«No Verão de 1971, durante o desaterro para as fundações dum edifício da Cooperativa Transformadora dos Produtos Agrícolas do Vale do Sorraia, surgiram na pá de uma escavadora mecânica alguns objectos que despertaram a atenção do encarregado daquela obra, Senhor Domingos Duarte Roxo.

Embora desconhecesse a significação dos objectos, suspeitou da sua muita antiguidade, pelo que resolveu guardar todos os que foram aparecendo durante os trabalhos e também alguns que já estavam na posse dos operários. Apresentou-os depois a dois dos autores desta nótula (VMRD e EPV): uma alabarda e facas de sílex, báculo e placas de xisto gravados, pequenos vasos e fragmentos de vasos de cerâmica, materiais suficientes para definirem uma estação arqueológica no local do achado.

A estação situa-se a sudeste de Coruche, 3,5 km a sul do rio Sorraia, como se vê na estampa I, em cota com cerca de 23 m nas areias plistocénicas, depósitos dos terraços do tirreniano II. As suas coordenadas geográficas são: Lat. 38° 56' 19" N. (ap.), Long. 8° 30' 19" W. (ap.).

O local, onde a escavadora mecânica desenterrou as primeiras peças arqueológicas, foi junto e do lado exterior dos moldes de madeira que se vêem em H na estampa II.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 91).

Tratava-se assim de uma realidade não caracterizada, a não ser pela negativa, por falta de dados suficientes para uma diagnose adequada. Os autores, que tinham tido conhecimento dos acontecimentos quando eles já tinham em grande parte decorrido, puderam, no entanto, observar directamente o que restava da informação e, mesmo, fotografar alguns dos aspectos que lhes pareceram mais interessantes do sítio.

Mas os seus comentários deixam pouca margem para uma recuperação aceitável daquela realidade cujo contexto estava já irremediavelmente perdido:

«Por várias vezes fomos àquela obra, procurando oportunidade para exame e prospecção do local onde tinham aparecido os materiais arqueológicos, mas a nossa actuação só seria possível em ocasião que não prejudicasse o dinâmico prosseguimento dos trabalhos de construção civil. Conseguimos a oportunidade na parte da tarde de um dia, isto é, no escasso tempo de poucas horas.

Verificámos então que o desaterro feito pela escavadora mecânica continha já a parede de cimento em construção G, os moldes de madeira para esta parede H e estava parcialmente obstruído com areia e entulho E. No sítio donde a escavadora retirou as peças arqueológi-

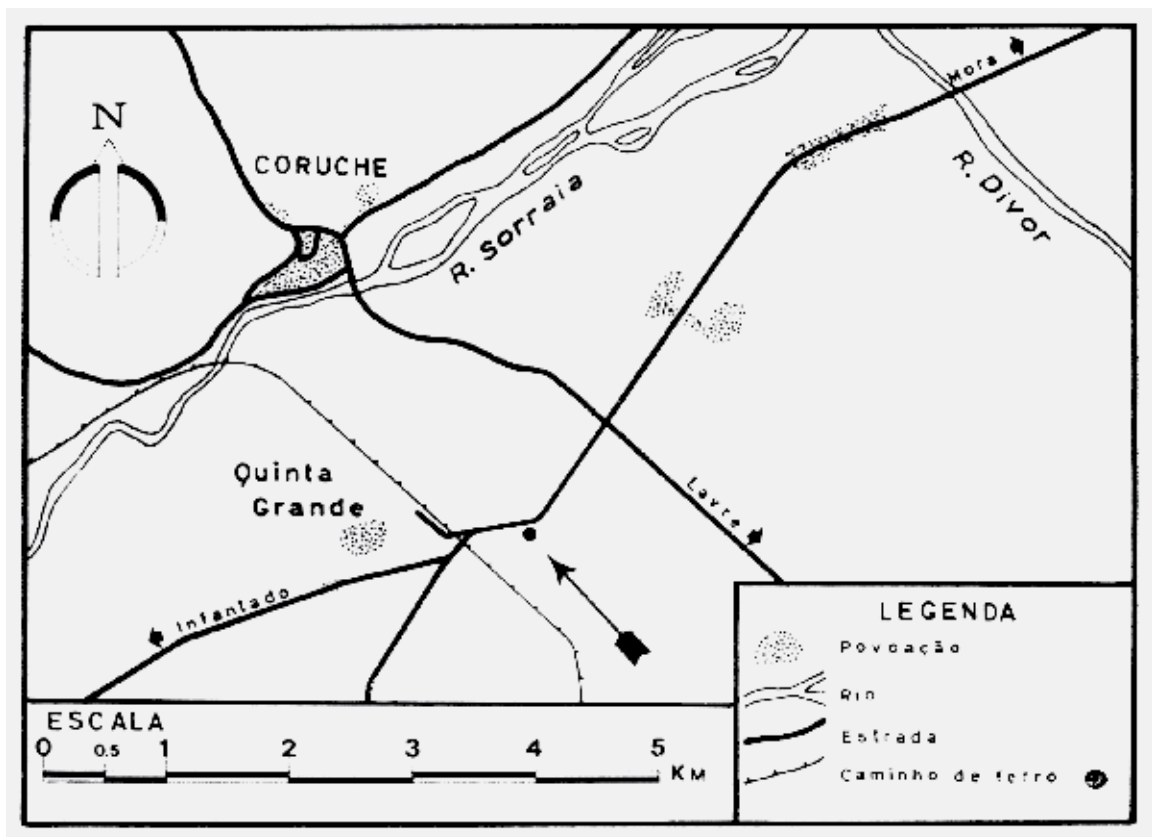


FIG. 1-1 Mapa de localização do Monte da Barca (Vicente, Andrade e Dias, 1974).

cas, e que nos foi indicado pelo senhor encarregado da obra, removemos parte do entulho E, pondo a descoberto o talude paralelo à parede de cimento. O exame deste talude revelou a existência de quatro camadas ou estratos com características diferenciadas: A, B, C e D.

Sobreposto aos estratos e sobre o talude havia à superfície a via férrea F, onde circulava uma torre com guindaste. A escavação dos estratos subjacentes poderia causar grave acidente e, por isto, só seria possível escavar muito pouco para o interior do talude, ficando excluída a possibilidade de trabalho subordinado a método, como pretendíamos. E, assim, a nossa actuação no campo ficou limitada a pouco mais que simples recolha de peças arqueológicas, condicionada ao pouco tempo de que dispúnhamos, como referimos.

A rápida evolução da obra era premente, pois, logo que a parede G, em construção, tivesse altura suficiente, a vala entre o talude e aquela parede seria entulhada, ficando soterrados definitivamente todos os testemunhos arqueológicos que lá estivessem.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 92).

Torna-se assim evidente que os autores da comunicação ao 3.º Congresso foram efectivamente afastados da observação directa da sequência dos resultados dos trabalhos de construção e não puderam presenciar a série integral das acções que iriam destruir completamente a informação localmente então disponível. Ao mesmo tempo que, segundo informação recente (2010),



o próprio Presidente da Junta de Freguesia recolhia artefactos que guardou em sua casa e que, por isso, não foram incluídos na publicação de 1974.

Após a constituição do Museu Municipal de Coruche, nele deram entrada, em Outubro de 2000, dois grupos de artefactos provenientes do Monte da Barca. O primeiro era parte da colecção recolhida por Vicente, Andrade e Dias (entretanto tinham desaparecido, ao que se diz, para Inglaterra, algumas das peças mais «valiosas» do conjunto, nomeadamente um punhal de sílex, os báculos e várias placas de xisto gravadas). O segundo grupo de artefactos resultava de uma oferta do Sr. Joaquim António Guilherme, ex-presidente da Junta de Freguesia de Coruche, que entregou ao Museu os materiais recolhidos por ele e que ainda guardava, nomeadamente um báculo e duas placas de xisto gravadas.

Alguns dados, representando conjecturas sobre o significado possível do sítio, foram também avançados em 1973. Apesar da sua pouca fiabilidade, assinala-se o seu registo e a preocupação em entender uma situação no mínimo bizarra:

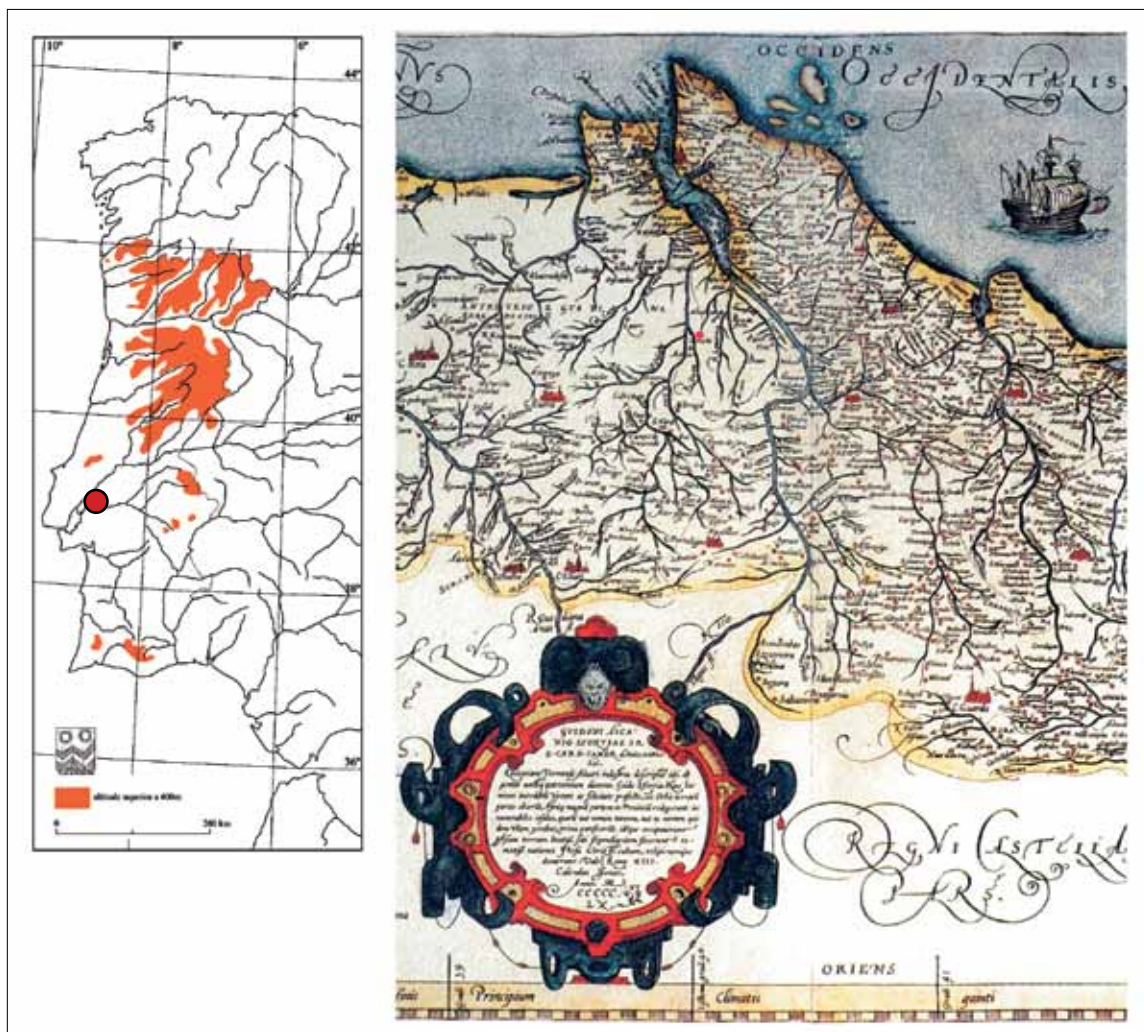


FIG. 1-3 Localização do Monte da Barca (Mapa UNIARQ) e de Coruche no mapa Oriente Ocidente de 1560. Coruche está assinalada por um ponto vermelho que reforça o original. Observem-se as linhas de penetração, muito fáceis a Sul do Tejo.

◀ FIG. 1-2 Vista actual do sítio funerário do Monte da Barca.



FIG. 1-4 Da esquerda para a direita, Prescott Vicente, Gil Miguéis de Andrade e Ricardo Belo em Olelas, na segunda metade da década de 1950 (Foto E. C. Serrão).

«O espólio recolhido por nós estava sem estratificação aparente e na quase totalidade entre aquelas duas covas, como se vê na estampa III, sugerindo, assim, o interior dum monumento, se admitirmos que as covas correspondem aos locais onde estiveram esteios. Talvez um dólmen, pois o espólio tem características concordantes com este tipo de monumento funerário.

Algum tempo depois de concluído o nosso bem modesto trabalho de campo, voltámos ao local da estação, procurando obter informações que viessem reforçar ou anular a possibilidade de ter existido aquele dólmen. Nada conseguimos saber; apenas nos foram mostrar, a uns 200 m para oeste, umas pedras amontoadas com vários materiais de construção. Estas pedras, pelas dimensões, podiam ter pertencido a um dólmen, mas ninguém nos soube informar donde vieram. Falaram-nos então, de forma imprecisa, de várias antas na região, que teriam sido destruídas, e indicaram-nos uma próximo e para noroeste também destruída quando da construção de uma estrada.

A probabilidade de terem existido próximo outros monumentos funerários, não permite que relacionemos as referidas pedras, situadas a cerca de 200 m, com aquele por nós conjecturado.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 93).

A observação das imagens referidas pelos autores do artigo de 1974 mostra uma realidade algo diferente, não sendo nenhuma das escassas imagens de campo uma contribuição decisiva para o entendimento do sítio. Na realidade, na Estampa 2, o corte desenhado não evidencia qualquer informação gráfica sobre estruturas e, na Estampa 3, uma imagem de plano da camada C

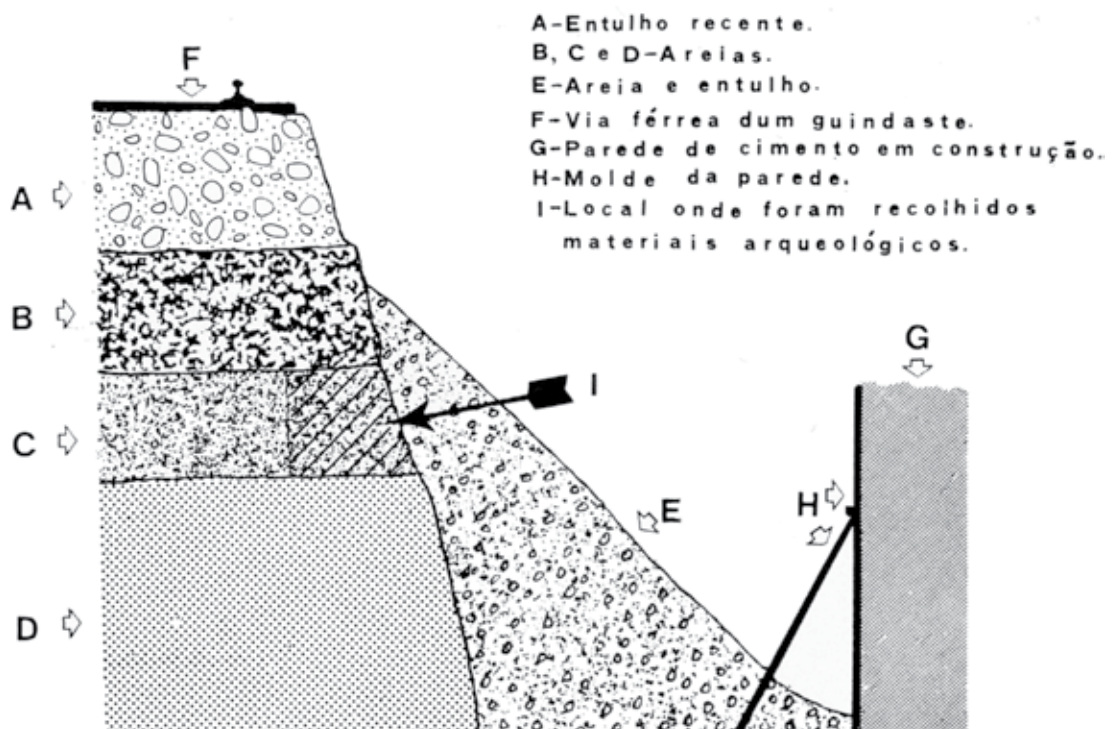
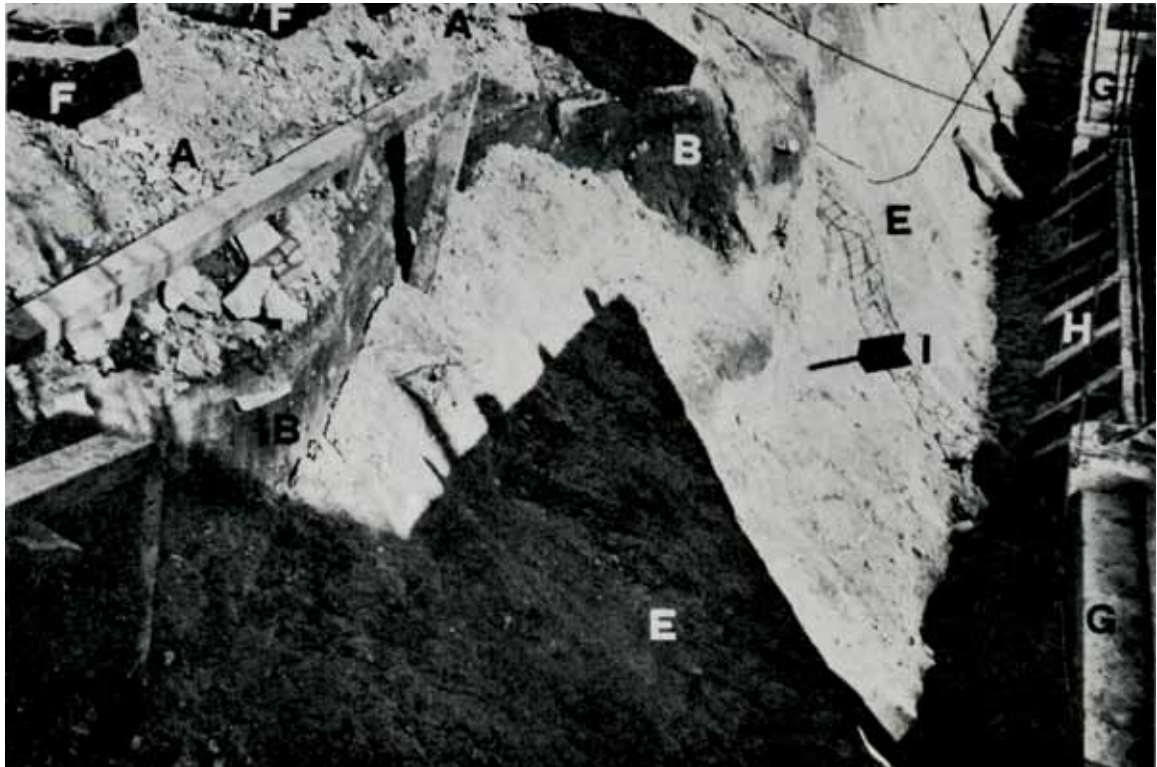
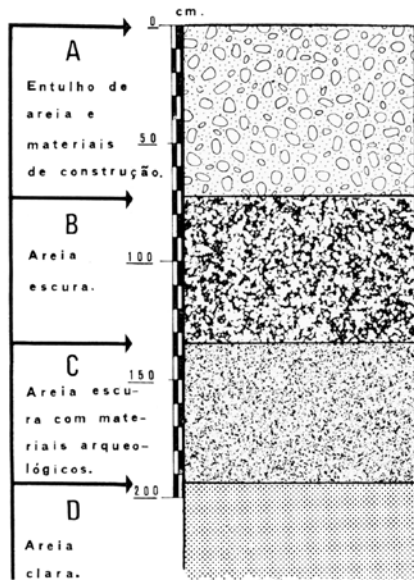
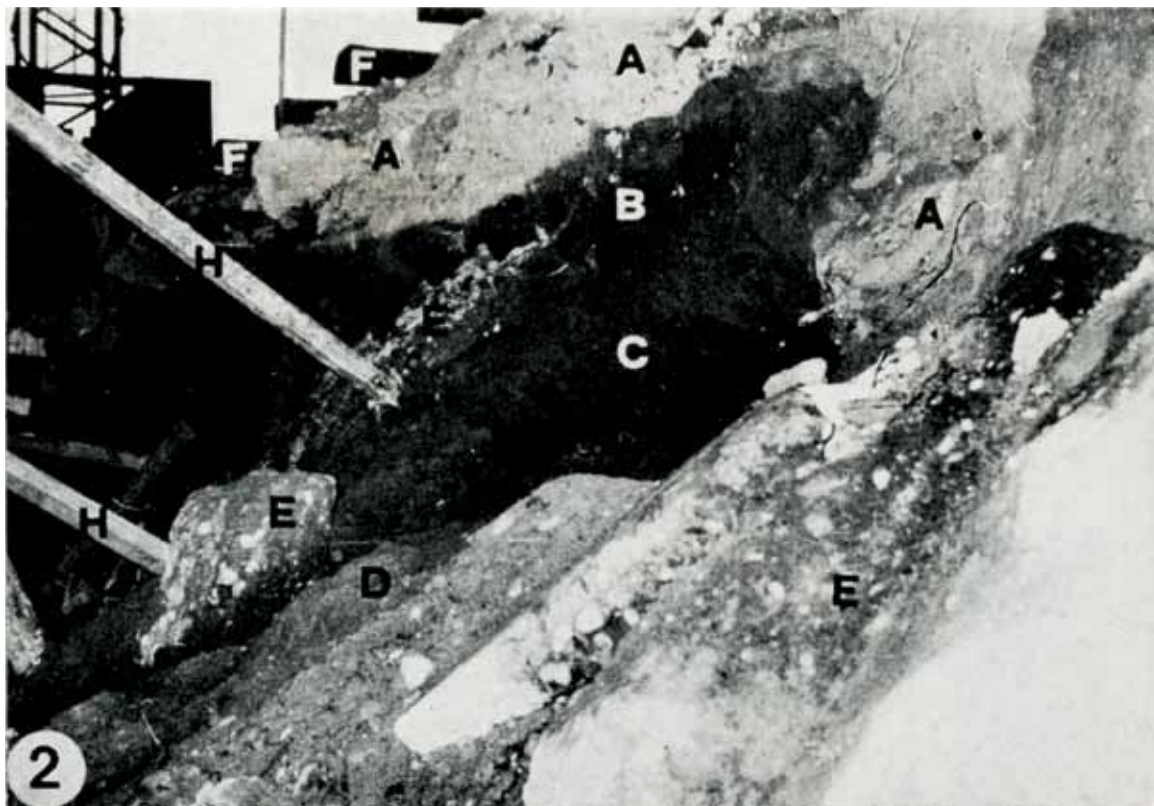
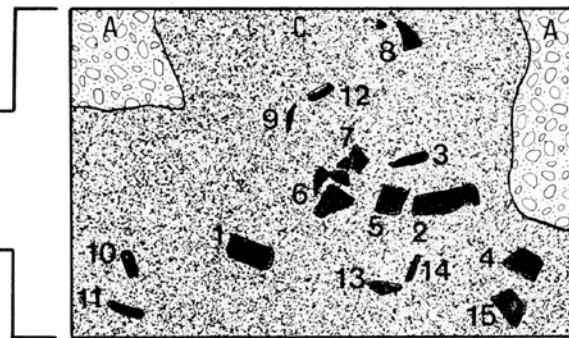


FIG. 1.5 Imagens do sítio segundo Vicente, Andrade e Dias, 1974.

ESTRATIGRAFIA



1a9-Placas de xisto gravadas.
11-Faca de sílex.
12a15-Cerâmicas.
10-Berloque de xisto.



Limite da prospecção

FIG. 1.6 Imagens do sítio segundo Vicente, Andrade e Dias, 1974.

mostra já um amontoado de nove placas de xisto cuja disposição claramente indica a sua descontextualização e o facto de se encontrarem clarissimamente num ambiente secundário. A sua concentração não traduz qualquer deposição funerária, o mesmo acontecendo com o pendente, a lâmina e os quatro recipientes cerâmicos votivos assinalados. Apesar de ilusoriamente a coluna estratigráfica parecer indicar uma estratigrafia, na realidade o que temos no sítio onde os materiais arqueológicos foram fotografados e desenhados é um produto da destruição de planos originalmente preservados. Finalmente, a dimensão da sondagem e as condicionantes impostas a Prescott Vicente e Miguéis de Andrade traduziram-se numa escavação em área muito reduzida, que em caso algum permitiria avaliar uma eventual existência de um conjunto significativo de ortóstatos.

Deve, porém, assinalar-se (na época, eram praticamente inexistentes os estudos em que as placas de xisto gravadas são descritas com rigor ou, no mínimo, com aplicação) o empenho demonstrado por Prescott Vicente e Miguéis de Andrade, e registar louvor pelo esforço feito em descrever e enquadrar as placas de xisto gravadas do Monte da Barca num contexto mais amplo. Os autores da comunicação de 1973 não são imunes à forte presença das placas de xisto gravadas e observam a propósito destes conhecidos artefactos ideotécnicos, e de outros, associados:

«/102 Referimos já a constância de tipos e algumas igualdades nos desenhos das placas de xisto que, além de sugerirem a possibilidade de origem comum, parecem documentar uniformidade de símbolos e de figurações inerentes a rito funerário efectuado, na maioria dos casos, no mesmo tipo de sepultura: a anta.

O espólio destes jazigos a sul do Tejo apresenta persistência nas características dos componentes – com pequenas variantes no espaço e no tempo –, uniformidade que define um ambiente cultural comum, o das antas alentejanas.

Considerando todos os materiais arqueológicos característicos desta cultura, parece difícil incluir nela o espólio da jazida do vale do Sorraia, porque lhe faltam alguns: pontas de seta, «micrólitos» e figurações de pequenos animais de osso (coelhos?). Não encontramos estas peças na nossa exploração, que apenas incidiu em pequena parte do provável monumento desaparecido. Da pá da escavadora mecânica, que revolveu a maior parte da jazida, foram só recolhidas peças grandes e, se lá havia das que faltam, é possível que não tivessem sido notadas, por serem muito pequenas. Portanto, não podemos ter como significativa a ausência daqueles caracteres.

/103 Os vasos hemisféricos têm semelhantes nos das antas de Reguengos de Monsaraz, nos das antas do Crato e nos de muitas outras alentejanas. Alguns, tronco-cónicos, são idênticos a outros do Crato, cujo tipo é raro ou falta em Reguengos de Monsaraz.

Os três «machados» de secção rectangular são semelhantes a outros das antas do Crato, tipo menos abundante nas estações mais para SuL.

Os báculos de xisto, de que recolhemos três, apesar de não serem peças muito frequentes, têm sido encontrados em conjuntos bem caracterizados na cultura das antas alentejanas.

E, assim, apesar da falta das referidas pequenas peças típicas, julgamos aceitável a inclusão deste espólio naquela cultura, ou melhor, na fácies, ou na fase cultural a que pertence o espólio de algumas antas da região do Crato.

Desta jazida são também as três alabardas triangulares que referimos: uma de filite e duas de sílex. As de sílex têm as faces polidas e são retocadas nos dois bordos, com técnica que lembra a do Egipto pré-dinástico. Exemplares semelhantes têm aparecido em estações para Norte da foz do Tejo, isto é, na região central do litoral atlântico, *verbi gratia*: Casa da Moura (Cesareda), Cova da Moura (Torres Vedras), Cabeço da Ministra (Alcobaça), Casével (Santarém). As únicas, que sabemos encontradas em locais mais próximos da jazida que nos ocupa, são: uma em Salvaterra de Magos e outra na Anta da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo). É possível que estas últimas tenham vindo da região onde têm sido encontradas com mais frequência.

Temos este tipo de alabarda, como também a de filite, por exótico no ambiente cultural das antas alentejanas, critério que talvez se modifique pela publicação de novos trabalhos apoiados em melhores dados.

Muitas antas do vasto Alentejo, situadas em regiões distantes do vale do Sorraia, estão publicadas, descritos os espólios minuciosamente e propostas cronologias; elucidativos e valiosos elementos de estudo. Mas, para melhorar este nosso modesto trabalho, seria necessário obter também dados acerca das muitas antas de regiões mais próximas, escavadas e que estão ainda inéditas.

Podemos considerar o espólio, que ligeiramente comentámos, como neolítico, talvez de uma fase avançada, mas por ser incompleto e recolhido sem dados estratigráficos, parece-nos ousadia propor quaisquer datas como cronologia absoluta.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 102-103).

Se as coordenadas do Monte da Barca não mudaram, como parece natural, há um ponto omissos das descrições anteriores que deve ser atentamente considerado. Refiro-me, naturalmente, à *outra* localização do Monte da Barca. Aquela que diz respeito ao monumento na paisagem envolvente.

Tive já oportunidade de, por diversas vezes, desmontar o erro arquetípico dos que consideram a implantação dos monumentos megalíticos como «simbolicamente» determinada pela visibilidade.

No Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, apenas a localização de um ou dois monumentos pode ser assim interpretada. No caso de STAM-3 (Gonçalves, 2003a), logo a 50 metros se conseguia uma localização com muito maior visibilidade. O mesmo para as outras duas antas da Herdade de Santa Margarida. O mesmo para as duas antas do Olival da Pega. Para Cebolinhos 1 e 2 ou para todas as Antas do Passo. Para todas as antas do subgrupo oriental (Gonçalves, no prelo). O mesmo para as antas «de Coruche».

O Monte da Barca tem visibilidade excelente a partir da crista da margem direita do Sorraia... porque está numa planície absoluta. Mas ver-se-ia ainda melhor dessa mesma planície se estivesse na margem direita e não na esquerda... Também aqui o critério da visibilidade se não aplica, a não ser ao invés...

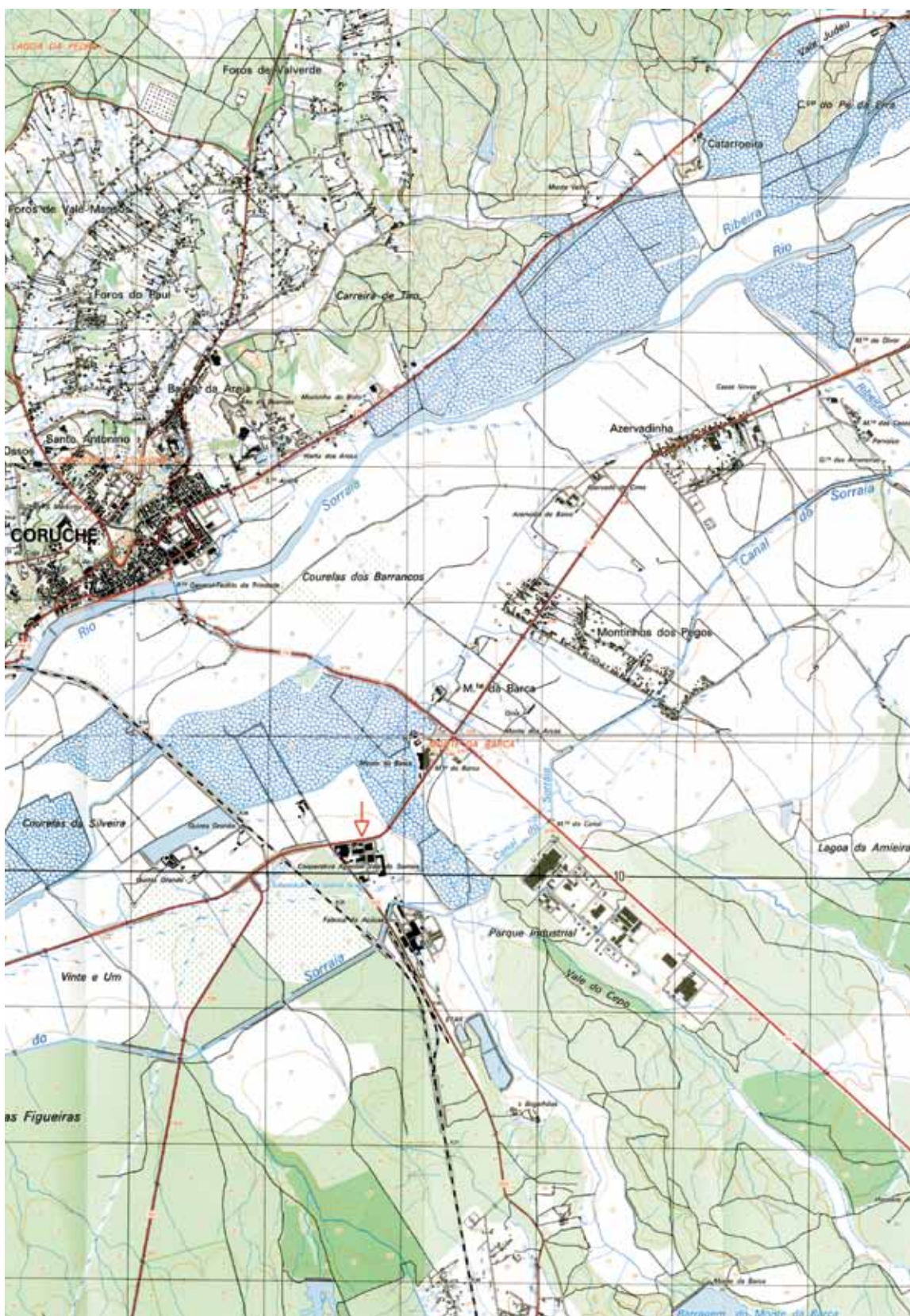


FIG. 1-7 CMPs n.ºs 392, 393, 406, 407. O sítio está assinalado pela seta vermelha.

Na página seguinte:

FIG. 1-8 Imagem do Monte da Barca, vista do Alto da Senhora do Castelo (Coruche).



1.2. O QUE SÃO AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS

AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS são sem dúvida, de todos os artefactos pré-históricos recolhidos no território actualmente português, aquele que mais cedo e mais prolongadamente foi objecto de estudos específicos.

Independentemente de muitas abordagens sucintas, um capítulo inteiro das *Antiguidades Monumentaes do Algarve* lhes é dedicado e outras referências lhes são feitas ao longo da monumental obra do pioneiro Estácio da Veiga.

Curiosamente, José Leite de Vasconcellos não lhes atribui a mesma importância que Estácio da Veiga, para ele, aliás, um inimigo entre muitos.

Na sequência das *Antiguidades* e das *Religiões da Lusitânia*, são avançadas várias propostas para a interpretação de estes artefactos ideotécnicos.

Para uns, as placas de xisto despertavam reminiscências orientais, particularmente egípcias, para outros eram representações do inumado, para outros, imagens de uma Deusa-Mãe que acompanharia os defuntos.

Comecei a discutir o problema das placas muito cedo (Gonçalves, 1970) e recomecei o seu estudo de algum modo quando recolhi as primeiras no campo, ao escavar a Anta da Castelhana, no Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989a). Nesse mesmo ano, iniciei uma série de publicações há muito anunciada: *Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular*, cujo primeiro texto se chamava exactamente *Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, uma nota preambular* (Gonçalves, 1989b). A partir daí, publiquei 50 textos quer especificamente sobre as placas quer sobre os seus contextos megalíticos. Outros cinco estão em preparação.

A tal ponto me parecia claro o significado das placas – uma divindade protectora da vida e da morte interligadas – que comecei o seu estudo com uma análise de uma segunda fase da sua representação, aquela em que a Deusa aparece associada a um «filho», situação comum no mundo mediterrânico. Contrariamente ao que os Leisner e outros autores tinham preferido fazer, um estudo classificativo, preocupei-me sempre mais com o seu estudo descritivo, no sentido de carrear elementos para uma futura sequência de ordenamento e interpretação.

As aproximações às placas fazem-se assim, inicialmente, num vazio contextual impressionante: nenhuma delas, até à escavação da Cova das Lapas, estava associada especificamente a um esqueleto. Por outro lado, nem os próprios Leisner tinham explicado com clareza (ou sem ela) porque é que havia monumentos megalíticos «com placas» e outros «sem placas». Ainda que o tivessem pressentido.

A questão da morfologia (isto é: do contorno) das placas despertou interesse moderado e praticamente zero interpretações.

Um tema que pareceria central, os motivos decorativos aplicados sobre as várias matérias-primas de suporte, foi quase sempre abordado de forma ligeira, havendo um reduzido consenso em que poderiam traduzir padrões decorativos de um vestuário próprio.

Aquilo que parece hoje impressionante é o facto de, durante tanto tempo, estes critérios classificativos não terem convergido num bloco coerente, onde fossem associados. Reflectindo quiçá os desvarios de alguma pseudo «Nova Arqueologia», e a descontextualização que ela praticou entre os factos e os modelos interpretativos, houve mesmo quem avançasse como hipótese, naturalmente considerada pela autora como certa ou altamente provável, de os motivos gravados nas placas traduzirem elementos identitários pessoais, com registos de memória misteriosamente associados a identificações inter-étnicas ou a representações heráldicas (Lillios, 2008).

Após uma fase insuficiente, largamente insuficiente, praticamente sem estudos monográficos sobre as placas provenientes de um dado monumento, entrava-se assim no mais completo desnorre.

Nada de mal há em que se crie um modelo interpretativo, seja ele qual for. O que é mau é que para um fenómeno tipicamente europeu, mais propriamente «português», se procurem desatinadamente paralelos na Ilha de Páscoa ou na Papua Nova Guiné. Rapa Nui tem a sua história. Como todas as histórias de *sapiens*, tem as suas semelhanças estruturais com outras. Mas aqui se termina, uma vez que comportamentos similares não são necessariamente os mesmos comportamentos.

Mais recentemente, as placas de xisto gravadas foram incluídas nas representações móveis de antepassados, hipótese cara a Primitiva Bueno-Ramírez (2010), ainda que a necessitar melhor fundamentação e debate em outras perspectivas. Noutro lugar voltaremos a este modelo interpretativo.

Na realidade, a questão das placas não é possível de entender integralmente sem uma normalização dos critérios descritivos, um estudo de pequenas, médias e grandes colecções, provenientes de um único monumento ou sítio, e, acima de tudo, sem o entendimento dos contextos funerários onde elas foram recolhidas.

Estamos assim perante fenómenos cuja compreensão tem forçosamente que tomar em conta a categoria de análise que fazemos. E tentar operar a sua convergência, no sentido de se procurar uma síntese global que permita uma leitura dinâmica do fenómeno:

1. a normalização dos critérios descritivos é um processo indispensável para a estabilização da metalinguagem arqueológica, tanto para os agentes da ciência como para os leitores. Neste sentido, para além dos critérios definidos aquando do estudo das placas de Aljezur (Gonçalves, 2004a), o glossário então apresentado, e hoje em vias de actualização, representou uma contribuição para que essa perspectiva se tornasse operacional. A subjectividade de algumas referências e designações – «Síndrome das Placas loucas», «Placas híbridas», «Placas CTT», Placas «Orelhas de Coelho» ou «Placas Cabeçudas» foi objecto de definições que estabilizaram os conceitos;
2. a dimensão das colecções é um facto de grande importância, particularmente se tomarmos em conta que o número de placas num monumento sem vestígios ósseos pode corresponder a um número mínimo de indivíduos (*nmi*), ainda que este, eventualmente, possa estar longe da realidade, se nem todos os inumados forem acompanhados por placas. Um monumento com poucas placas não significa necessariamente um monumento pouco

«habitado», veja-se o caso de OP-2b com eventualmente mais de 200 indivíduos depositados na primeira fase e muito poucas placas, enquanto em STAM-3 o número de placas corresponde sensivelmente ao número de indivíduos identificados.

Para além do *nmi*, a importância do número de placas traduz também a pujança regional ou local do conjunto de prescrições mágico-religiosas a que as placas estariam associadas. Mas uma coisa é analisar um conjunto até 20 placas e outro com mais de 200. No grande conjunto, é possível detectar oscilações nos padrões decorativos, presença de minorias e a emergência possível de novas fases na concepção das placas, até mesmo nas matérias-primas utilizadas;

3. os contextos, contrariamente ao que se poderia pensar, são de dimensões diversificadas, sendo o menos amplo o próprio monumento, e a sua estrutura, e o mais restrito o conjunto de actos rituais e suas consequências a nível do indivíduo portador da placa. Os três casos em que escavei deposições funerárias de indivíduos com placas ao peito foram, por ordem de antiguidade, o enterramento «do feiticeiro», na gruta natural da Cova das Lapas, Alcobaça (Gonçalves, 1999b), a deposição do «fundador» no *tholos* OP-2b, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1999a) e o enterramento Cm-7 na anta STAM-3 (Gonçalves, 2003a, p. 46, 90-91, 100).

A situação não tem aqui espaço para ser discutida com detalhe, mas o último dos três pontos enumerados justifica um curto desenvolvimento.

Na Cova das Lapas, a placa encontrava-se sobre o que tinha sido o peito de um jovem de cerca de 18 anos, afligido por várias deficiências físicas (uma perna mais curta que outra, ombro sobreelevado e deficiente irrigação sanguínea no crânio, segundo a análise de Santinho Cunha). Nenhum outro artefacto acompanhava o morto, cuja datação directa apontava a segunda metade do 4.º milénio.

No «enterramento do fundador», no *tholos* OP-2b, sobre a placa de xisto gravada encontrou-se uma grande lâmina de sílex, com as arestas polidas, facto único no monumento. O estado de deterioração do esqueleto era tal que se seguia apenas o pó resultante da desagregação dos ossos. Apesar disso, verificou-se que a placa e a lâmina cruzada sobre ela estavam efectivamente colocadas na área que correspondia ao peito do morto. Não foi possível qualquer cronologia directa, ainda que o nível de deposições que imediatamente se lhe seguia tivesse sido datado da primeira metade do 3.º milénio.

Em STAM-3, pelo contrário, a deposição funerária Cm-7 apresentava a placa abaixo da mandíbula e de ossos do crânio, datados pelo radiocarbono, a dois sigmas, entre 2920 e 2870 a.n.e. (Beta 166422, Gonçalves, 2003a, p. 46). A notável placa J.8-667 (Gonçalves, 2003a, p. 176-195) não estava porém acompanhada por nenhum outro artefacto identificado que tivesse estado em conexão com o inumado.

Temos assim, para os casos claramente datáveis e datados, dois tipos de placas diferentes em duas fatias de tempo distintas. A placa da Cova das Lapas diz respeito a um modelo clássico de triângulos, aparentemente o mais comum ao longo de todo o tempo em que se produziram placas, e a grande placa recortada de STAM-3 indicando uma fase evoluída do contorno das placas, em que o antropomorfismo é sublinhado pelo recorte dos ombros e da Cabeça, ao



FIG. 1-9 Topo da placa da Alcáçova de Santarém, com a «franja» própria a várias placas do 3.º milénio a.n.e.

mesmo tempo que a decoração do Corpo perde rigor de representação, tornando-se mesmo irregular.

Bem, há também o caso da placa da Alcáçova de Santarém (Gonçalves, 2006b), aparentemente islâmica, que provavelmente representa uma sobrevivência extrema da «ideia das placas» ou, mais propriamente, um reflexo de qualquer outra coisa...

Para terminar: as placas de xisto gravadas são artefactos ideotécnicos, representando de várias maneiras uma Deusa-Mãe, nas suas fases mais evoluídas associada ao seu Filho, um «Jovem Deus». Eram colocadas ao peito dos mortos ou sobre os ossários e deposições secundárias. Representam um dos fragmentos visíveis de um subsistema mágico-religioso indígena, muito provavelmente nascido no Alentejo médio, de onde radiou para todo o Centro e Sul de Portugal e áreas exteriores da actual fronteira com Espanha. Teve, apesar de tudo, uma longa duração (700 anos) e, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., foi reescrito pelos grupos e comunidades de agro-metalurgistas em marcha, por vezes ao longo das antigas rotas de troca de sílex e anfibólito.



MMM 50(31)

DOIS

AS PLACAS DE XISTO DO MONTE DA BARCA NO MUSEU MUNICIPAL DE CORUCHE

Medir e contar... sempre

Lewis Binford reescrito

2.1. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MONTE DA BARCA AO TEMPO DA SUA DESCOBERTA

AS PLACAS DE XISTO gravadas do Monte da Barca constituem uma parte significativa (e chamativa) do espólio recolhido naquele sítio. Na verdade, os autores do texto de 1974 atribuem-lhe mesmo uma importância pouco frequente à época:

^{/96}«d) – Placas de xisto gravadas – Estampas IX, X e XI.

27 placas do tipo conhecido por «ídolo-placa». Neste número, consideramos as seguintes: 23 como que completas, faltando em cinco um pequeno pedaço de canto que não impede a concepção total da placa;

2 incompletas, nas quais é impossível conceber a totalidade da placa;

3 fragmentos que, não pertencendo a nenhuma das anteriores, definem pelo menos 2 placas. São todas de forma trapezoidal. Apenas uma tem ombros, a n.º 1 da estampa IX.

As duas maiores medem 173 e 171 mm de comprimento, com 120 e 109 mm de largura, respectivamente, e as duas mais pequenas, 108 e 100 mm ^{/97} de comprimento, com 65 e 73 mm de largura, respectivamente. As espessuras são variáveis, sendo a máxima de 14,2 mm e a mínima de 3,3 mm.

Com exceção de uma que adiante referiremos, todas têm desenhos gravados só numa face, que é plana, a anterior. Foram desbastadas na face posterior, que nem sempre ficou plana, apresentando algumas ligeira convexidade mais ou menos regular, e outras ainda foram adelgaçadas próximo do bordo inferior, que, assim se assemelha a um gume.

Todas têm um furo próximo do bordo superior (com exceção de duas, que, por incompletas, não permitem localizar o furo). Os furos são bicôncavos, ou talvez mesmo bicônicos, tendo maior diâmetro na face anterior, menor na posterior e mínimo no interior. Medimos estes diâmetros em três placas e verificámos:

na 1. ^a ,	face anterior 8,4 mm,	posterior 4,2 mm,	interior 3,2 mm;
na 2. ^a ,	7,4 mm,	4,1 mm,	3 mm;
na 3. ^a ,	6 mm,	5,4 mm,	4 mm.

Muitos furos mostram na parede estrias circulares resultantes da rotação duma ponta perfurante, talvez de sílex, ou de outro material menos duro que implicaria uso de areia. A perfuração seria iniciada na face anterior e, quando a ponta já quase atingia a posterior, seria feita nova furação por esta face, até encontrar a outra. Se o furo fosse executado a partir duma só face, soltar-se-iam esquirolas na face oposta quando a ponta perfurante lá saísse. Em nenhuma das placas que examinámos há vestígios da desagregação [*sic*] de esquirolas. Uma das placas tem na face posterior e junto ao furo uma pequena cavidade circular e côncava. Esta cavidade é resultante duma perfuração que não encontrou a que primeiro tinha sido feita na face anterior. Noutras placas, pequenos descentramentos entre as perfurações opostas causaram ligeiras inclinações dos furos.

Por comodidade na exposição, agrupámos as placas que recolhemos em quatro tipos diferenciados, segundo características geométricas dos desenhos que geralmente cobrem a maior parte da placa e que diríamos figurarem vestuário, se fizéssemos interpretação antropomórfica. Todos os desenhos são formados com segmentos de recta, gravados com maior ou menor perfeição. Por nos parecer suficiente para documentar os quatro tipos, apenas reproduzimos nas estampas dez placas.

As quantidades de placas, e os seus respectivos tipos, são os seguintes:

16 do 1.º tipo. Triângulos – quase sempre isósceles – com o vértice mais agudo para cima e com preenchimento retiforme obtido por traços /⁹⁸ cruzados. Os triângulos são dispostos em faixas transversais. Nos n.ºs 1, 2, 3 e 4 da estampa X figuram 4 destas placas.

4 do 2.º tipo. Faixas transversais em ziguezague, com preenchimento retiforme obtido por traços cruzados. Nos n.ºs 1 e 2 da estampa IX figuram duas destas placas.

3 do 3.º tipo. Linhas verticais e horizontais cruzadas, originando quadrados ou rectângulos que, alternadamente, estão preenchidos com desenho retiforme. No conjunto formam um xadrez. Nos n.ºs 3 e 4 da estampa XI figuram duas destas placas.

2 do 4.º tipo. Faixas verticais, unidas lateralmente e preenchidas com linhas oblíquas. A inclinação destas linhas é alternada formando desenhos em espinha. Nos n.ºs 1 e 2 da estampa XI figuram as duas placas.

Uma placa tem desenho do 1.º tipo, que mal se vê por estar muito gasta. Na face posterior foram desenhados triângulos imperfeitos cobrindo confusamente toda a face, talvez sobre outro desenho que parece ter existido. Na periferia, e sobre a aresta da face posterior, foram traçados pequenos sulcos com 2 a 4 mm, lembrando uma forma arcaica de registar contagem. Uma outra placa tem desenhos do 1.º tipo que cobrem totalmente a face. Um lado é arqueado e o furo no topo está ao lado e não no eixo longitudinal da placa. Foi executada aproveitando parte de outra muito maior e a que pertencia o desenho que patenteia.

Em três placas, os desenhos que – neste modesto trabalho – definem tipos, estão associados pela parte superior a faixas transversais com desenhos, como se vê no n.º 2 da estampa XI, e, num único exemplar, pela parte inferior, a placa com ombros (n.º 1 da estampa X).

A persistência de alguns dos motivos figurados nos desenhos gravados nas placas, provenientes das várias jazidas funerárias do território português, permite agrupá-las por tipos diferenciados segundo aqueles motivos. Comparando as placas procedentes de várias estações, não só verificamos identidade e constância de tipos, como até, em muitos exemplares, igualdade total dos desenhos.

As que obtivemos poderiam ser, em parte, agrupadas tipologicamente com as de outras estações. Algumas têm mesmo a totalidade do desenho igual ao de outras encontradas em antas alentejanas, *verbi gratia*: Anta 1 do Passo e Anta Grande do Olival da Pega, em Reguengos de Monsaraz, Anta 1.ª do Couto do Biscaia e Anta 1.ª da Herdade da Costa, no Crato, e Anta 5 da Torre das Arcas, em Elvas.

A igualdade de desenhos, lembra a possibilidade duma origem comum, mas não temos elementos que permitam estabelecer qualquer hipótese.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 96-98)

2.2. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MONTE DA BARCA, HOJE

CONHECEMOS 29 PLACAS DE XISTO gravadas provenientes do Monte da Barca, ainda que três delas, tendo desaparecido, nunca deram entrada no Museu Municipal de Coruche, sendo apenas identificáveis pelas fotografias publicadas em 1974.

A seguir, os dados brutos que se lhes referem:

QUADRO 2.1 REGISTO, ESTADO, PESO, CARACTERIZAÇÃO DO CORPO E TIPO DE CABEÇA DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MONTE DA BARCA						
NOVO N.º	N.º ANTIGO	EST	PESO gr	CORPO	CABEÇA	OBSERVAÇÕES
250	406-4-02-19	8	490,96	Anepígrafa	NO	
251	406-4-02-20	1	460,06	Triângulos	TRI	
252	406-4-02-21	1	192,72	Triângulos	TRI	
253	406-4-02-22	2	140,68	Triângulos	NA	
254	406-4-02-23	1	133,73	Triângulos	TRI LE	lados do tri encurvados
255	406-4-02-24	1	201,99	Triângulos	TRI	
256	406-4-02-25	1	154,90	Triângulos afrontados	TRA*	
257	406-4-02-26	2	159,98	Triângulos	TRI	
258	406-4-02-27	2	142,01*	Triângulos	TRI	«placa cabeçada»
259	406-4-02-28	1	144,18	Ziguezagues	TRI	«orelhas de coelho»
260	406-4-02-29	1	212,84 *	Triângulos	RECT	
261	406-4-02-30	1	216,58	Xadrez	TRI	
262	406-4-02-31	1*	253,18	Bandas verticais	TRA	
263	406-4-02-32	1	136,01	Xadrez	TRI	
264F	406-4-02-33F	3,4,5B	97,38*	Triângulos	TRI	duas faces gravadas
264V	406-4-02-33V	-	-	Triângulos?	NA	duas faces gravadas
265	406-4-02-34	1	175,131	Ziguezagues	TRI	
266	406-4-02-35	2	142,12	Xadrez	TRI	
267	406-4-02-36	1	78,05	Triângulos	TRA	
268	406-4-02-37	5*	177,95*	Ziguezagues	NO	
269a	406-4-02-38a	3*	12,42*	Ausente do fragmento	TRA ?	
269b	406-4-02-38b	5b*	16,15*	Triângulos	NO	
269c	406-4-02-38c	3.2.	29,39*	Ausente do fragmento	TRI LE ?	lados do tri encurvados
269d	4061-4-02-38d	5.C.	56,96*	Triângulos	NO	
270	406-4-02-39	1	65,97	Triângulos	TRI	
294	406-4-02-64	2	189,66*	Triângulos	TRI	«orelhas de coelho»
295	406-4-02-65	1	176,27	Ziguezagues	TRI	
X-12	Desaparecida	1	NO	Triângulos	TRA	recortada
X-32	Desaparecida	1	NO	Triângulos	SEM CB	sem cabeça, banda h
XI-12	Desaparecida	1	NO	Bandas verticais	TRI	

¹ Pesada sem um grupo de pequenos fragmentos do verso.

² Estas placas desapareceram após a sua recolha, nunca tendo dado entrada no Museu Municipal de Coruche. São descritas, nos atributos básicos, através das fotografias publicadas e foram desenhadas através das fotografias, tratadas em *Photoshop*. O n.º em romano refere-se à Estampa da publicação de 1974 e o árabe à sua numeração dentro dela.

* Medida ou classificação sob reserva, por fragmentação do artefacto.

QUADRO 2.2 MEDIDAS OBSERVADAS NAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MONTE DA BARCA (EM MM)

N MB+	Alt	Alt Cb	ALT Sp.	Alt Cp	Alt Sp1	Alt B1	Alt B2	Alt B3	Alt B4	Alt B5	Alt B6	Alt B7	Alt B8	Lb	LCb	Lt	Esp pm
250	144,20	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	92,16	NA	67,15	14,80
251	158	43,67	NA	113,86	NA	32,49	26,35	28,55	26,86	NA	NA	NA	NA	113,19	-	67,63	13,71
252	147,20	46,85	NA	100,21	NA	45,32	55,04	NA	NA	NA	NA	NA	NA	83,02	69,89	59,24*	7,50
253	162	NA	NA	162	NA	41,35	35,37	44,60	41,28	NA	NA	NA	NA	78,60*	NA	45,16*	4,91
254	151,53	44,82	NA	106,42	NA	20,42	20,01	19,17	20,04	25,05	NA	NA	NA	70,39	63,27	42,66	7,09
255	142,51	46,22	9,27	86,96	NA	41,78	29,21	19,96	NA	NA	NA	NA	NA	103,85	85,59	59,67*	6,77
255	147,30	58,62	15,36	72,96	NA	33,83	39,00	NA	NA	NA	NA	NA	NA	104,11	89,23	58,49*	4,78
257	143,22	51,72	NA	91,18	NA	41,94	27,70	21,65	NA	NA	NA	NA	NA	85,29*	70,56	59,62	7,18
258	141,08*	76,17*	2,66	62,68	NA	31,91	31,09	NA	NA	NA	NA	NA	NA	80,32*	79,87	58,53*	6,60
259	120,53	28,54	NA	90,53	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	72,80	53,87	73,48	8,30
260	170,00	56,82	NA	114,67	NA	32,56	32,75	21,96	NA	NA	NA	NA	NA	108,05	83,92	109,11	5,34
261	136,08	37,98	5,14	93,15	NA	5,47	15,11	11,66	13,74	12,12	12,37	8,16	13,99	91,01	71,67	58,28	9,14
262	146,43	39,53	9,53	97,85	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	72,43	67,40	74,19	11,34
263	153,30	63,62	3,14	88,16	NA	11,38	14,37	12,61	10,09	11,64	12,45	7,13	9,21	81,75	45,63	79,83	5,66
264F	148,93*	32,54	NA	118,42*	NA	26,44	31,62	25,50	32,95*	NA	NA	NA	NA	NO	56,40	38,45	9,73
264V	148,93*	86,52	NA	NO	NA	NO	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NO	72,52	-	-
265	147,00	43,40	NA	104,05	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	85,04	54,02*	86,16	8,53
266	134,30	43,79	NA	90,08	NA	30,32	32,39	25,81	NA	NA	NA	NA	NA	79,89*	65,17	47,51*	6,48
267	125,52	32,36	NA	92,95	NA	27,14	31,42	34,21	NA	NA	NA	NA	NA	76,51	69,09	61,14*	3,38
268	171	NO	NO	NO	NA	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	99*	NO	65*	6,48
269a	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	87,77*	NO	NO	NO
269b	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO
269c	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	8,47
269d	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO	29,08	30,43	42,22	NO	NO	NO	NO	3,89
270	99,52	34,45	NA	64,99	NA	16,84	24,94	23,81	NA	NA	NA	NA	NA	61,01	61,21	32,14	4,34
294	170	47,96	NA	123,96	NA	29,50	29,50	29,50	19,26	16,24	NA	NA	NA	97,85*	69,27	47,86*	5,28
295	146,41	39,88	8,84	98,17	NA	C* 98,23	C* 97,81	C* 96,81	NA	NA	NA	NA	NA	57,90	52,99	47,71*	9,03
X-1 ¹	160*	47*	NA	113*	NA	25*	24*	27*	21*	NA	NA	NA	NA	89*	70*	54*	NO
X-3 ¹	123*	NA	NA	96*	NA	22*	24*	27*	24	NA	NA	NA	NA	88*	NA	72*	NO
XI-1 ¹	102*	20*	NA	142* ²	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	62*	NA	46*	NO

¹ Indicam-se, sob reserva, apenas as medidas lidas nas fotografias restituídas ao seu tamanho original.

² Na verdade, não havendo separação gráfica, a Cabeça dentro da Cabeça pode ser medida, mas o Corpo estende-se a toda a altura da placa.

* Medida ou classificação sob reserva, por fragmentação do artefacto.

Ref.: registo da placa no último inventário do Museu de Coruche (prefixo comum a todas: 406-4-2-); EST: estado de conservação: Inteira: 1; Integralmente reconstituível: 2; Cabeça: 3; Separador Cb-Cp: 4; Corpo: 5; Corpo Área mesial: 5B; Corpo, Área proximal: 5C; Separadores intermédios: 6; Indicador FP: 7; Indeterminável, lisa: 8; Indeterminável, gravada: 9. Os números combinam-se em sequência, quando várias situações se combinam nos fragmentos de uma única placa. Por «integralmente reconstituível» entende-se uma placa com fragmentações, mas com todas as medidas e leituras possíveis de recuperar; PF: perfurações; ALT: altura da placa medida num ponto central; ALT Cb: altura da Cabeça; ALT Sp: altura do separador Cb-Cp; ALT Cp: altura do Corpo medida num ponto central; ALT Sp1: altura dos Separadores internos; ALT B1 a B5: altura das Bandas; Alt Sep. F: altura do separador = Indicador de fim de placa; Lb: largura da base; LCb: largura da Cabeça medida na sua base; Lt: largura do topo; DPF: diâmetro das perfurações na face; DPV: diâmetro das perfurações no verso; Esp. pm: espessura num ponto médio; C*: indica que estamos a descrever Colunas e não Bandas.

QUADRO 2.3 COMPOSIÇÃO DOS COMPONENTES DAS PLACAS E DADOS COMPLEMENTARES

Ref. ^a	Faces	Motivo dominante Corpo	Composição do Separador	Composição da Cabeça	Perfuração	DPF	DPV	la	%Cb
250	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA
251	1	Quatro Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, não parecendo o último deles ser um indicador de fim de placa.	NA	Triângulo central, ladeado por 3+3 bandas oblíquas preenchidas com retícula.	Única, BTC.	8,83	4,17	1,4	28
252	1	Duas Bandas com TPVC.	NA	Triângulo descentrado, definido por bandas quase horizontais segundo a fórmula 3+3 e 1+1 remate superior.	Única, centrada dentro do triângulo que está descentrado em relação ao topo da placa.	6,90	2,45	1,8	32
253	1	Quatro Bandas com TPVC.	NA	NA	Única, actualmente descentrada após o reaproveitamento da placa.	4,97	3,43*	2*	NO
254	1	Cinco Bandas de TPVC.	NA	Duas bandas radiantes de cada lado definem um espaço central de forma geral hiperbolóide.	Única, irregular correspondendo a uma dupla perfuração falhada.	5,57	4,03*	2,2	30
255	1	Três Bandas de TPVC.	Duas bandas. A superior tem num ponto central a altura de 5,19 mm e é totalmente reticulada no lado esquerdo da placa. A inferior tem uma altura de 3,62 mm e é preenchida parcialmente por minúsculos TPVC.	O espaço central trapezoidal, muito alongado, é definido por duas faixas oblíquas mais largas em cima do que em baixo, reticuladas. À da esquerda adossam-se 5 bandas oblíquas reticuladas, com um pequeno remate no topo.	Única, descentrada provavelmente por fractura no topo direito da placa.	5,75	4,51	1,4	32
256	1	Duas Bandas, a de cima com TPVB e a de baixo com TPVC, afrontados pelo vértice.	3 faixas preenchidas com oblíquas orientadas para a direita na primeira faixa, para a esquerda na segunda e de novo para a direita na terceira.	Trapézio de lados côncavos delimitado por duas faixas reticuladas radiantes, ladeadas por 3+3 faixas horizontais reticuladas.	Única, centrada.	4,57	3,61	1,4	40
257	1	Três Bandas de TPVC.	NA	Triângulo descentrado definido por duas faixas reticuladas de dimensão diferenciada. A do lado direito num ponto médio mede 3,02 mm contra, 6,21 mm do lado esquerdo. O preenchimento dos lados é feito por 3+3 bandas oblíquas e 2 remates trapezoidais no topo.	Única, centrada, ao contrário da C.BTC.	4,61	4,31	1,7*	36

QUADRO 2.3 COMPOSIÇÃO DOS COMPONENTES DAS PLACAS E DADOS COMPLEMENTARES

Ref.ª	Faces	Motivo dominante Corpo	Composição do Separador	Composição da Cabeça	Perfuração	DPF	DPV	la	%Cb
258	1	Duas Bandas TPCV.	Vazio, variando de um simples traço à direita com uma extensão de 20,16 mm que bifurca até atingir a altura de 3,19 mm do lado esquerdo da placa.	Triângulo central alongado, definido pelas mais interiores de três bandas grosseiramente simétricas. No lado direito da placa, observa-se ainda um pequeno remate triangulóide que preenche o espaço entre a primeira das bandas e o bordo da placa. «Placa cabeçuda».	Única, centrada, BTC.	4,73	3,86*	1,8*	54
259	1	Faixas ziguezagueantes organizadas por duas linhas-guia.	NA	2 faixas trapezoidais alongadas preenchidas com retícula que ultrapassa os limites das faixas. «Orelhas de Coelho».	Única, centrada, bitroncocónica, extremamente bem executada.	7,04	6,14	1,7	24
260	1	Triângulos preenchidos com vértices para cima.	NA	A meio da perfuração central traço divisório fino e abaixo dele motivo reticulado. Este campo central é ladeado à direita por 4 bandas horizontais reticuladas e no lado esquerdo por 5. As bandas preenchidas e lisas de um lado e de outro estão intencionalmente desencontradas.	Única, descentrada, sendo o menor afastamento o da direita.	8,43	3,99	1,6	33
261	1	Oito Bandas e 13 Colunas formando xadrez.	Vazio.	Triângulo central definido na lado direito da placa por 3 faixas preenchidas por retícula ligeiramente encurvadas. No lado esquerdo por 2 bandas e um remate triangulóide na base.	Única, bitroncocónica com dimensões de arranques idênticas na face e no verso. O diâmetro útil da perfuração é de 3,61 mm.	5,75	5,75	1,5	28
262	1	Faixas verticais preenchidas com oblíquas de orientação diferente de faixa para faixa.	Duas faixas adossadas com oblíquas de orientação diferente.	Trapezoidal, definida por 3 bandas reticuladas, a do lado direito funcionando quase como um remate.	Única, BTC, feita a partir da face num ângulo ligeiramente oblíquo. A perfuração a partir do verso é de extensão mínima.	7,68	4,23	2	27
263	1	Oito Bandas e 9 Colunas formando xadrez.	Vazio.	Triângulo central definido por duas faixas riantes reticuladas, oblíquas.	Única, BTC, descentrada, 21,12 para a d.ª e 31,84 para a e.ª.	6,18	4,00	1,9	42
264F	2	Quatro Bandas visíveis com triângulos preenchidos de forma irregular reunindo áreas reticuladas e áreas com horizontais ou oblíquas. A decoração está hoje muito apagada.	NA	Triângulo definido por 2 bandas riantes, a da direita preenchida por oblíquas e a da esquerda grosseiramente reticulada.	Única.	3,56*	10,14*	NO	22

QUADRO 2.3 COMPOSIÇÃO DOS COMPONENTES DAS PLACAS E DADOS COMPLEMENTARES

Ref. ^a	Faces	Motivo dominante Corpo	Composição do Separador	Composição da Cabeça	Perfuração	DPF	DPV	la	%Cb
264V		Sulcos profundos criando a ilusão de triângulos não organizados em bandas e grosseiramente preenchidos. Toda a periferia da placa ainda visível é marcada por sulcos paralelos entre si, que na Cabeça configuram uma «franja» no limite externo, sem atingir completamente o bordo.	NA	De grandes dimensões, nesta face é uma «placa cabeçada», apresentando triângulos grosseiros sem base e parcialmente preenchidos.	Única, com a maior entrada e abertura nesta área da placa.			NO	58,1*
265	1	Faixa ziguezagueante, sem linhas-guia, enquadrada por TPVB em cima e TPVC em baixo.	NA	Triângulo central definido por 2+2 faixas radiantes oblíquas, reticuladas, e 2 pequenos remates.	1, central. BTC, de traçado oblíquo na face (de cima para baixo).	5,21	5,21	1,7	30
266	1	Teoricamente, estamos perante um motivo em xadrez, ainda que as «casas» sejam na verdade rectangulares na vertical. Valores de exemplo L/A são na 1.ª banda 5,99 mm x 30,04 mm; na 2.ª banda 6,24 mm x 32,46 mm; 3.ª banda 7,15 mm x 26,82 mm.	NA	Triângulo central enquadrado por 4+4 faixas radiantes encurvadas preenchidas com retícula.	Única, TC, com um diâmetro único equivalente à medida do verso de 3,98 mm.	8,10	4,42	1,7*	33
267	1	Quatro bandas com TPVC, pouco simétricos, sendo alguns quase triângulos rectângulos.	NA	Trapezoidal com as laterais preenchidas por dois «andares» de 2+3 TPVC de cima para baixo.	Única, ligeiramente descentrada.	5,68	5,19	1,6	26
268	1	Três linhas-guia organizam faixas ziguezagueantes com erros bizarros de paginação, nomeadamente nas colunas 1 e 2.	NO	NO	Única, provavelmente centrada.	NO	5,94	1,7*	NO
269a	1	NO	NO	Trapezoidal? As laterais parecem confirmar uma situação de 3 ou 4 faixas horizontais reticuladas.	Única.	5,17	4,13	NA	NO
269b	NO	Bandas TPVC de que restam duas.	NO	NO	NO	NO	NO	NA	NO
269c	1	NO	NO	3 + 3? Bandas radiantes encurvadas reticuladas definindo o espaço central.	Única.	5,02	4,18	NA	NO
269d	1	Bandas com TPVC.	NO	NO	NO	NO	NO	NA	NO
270	1	Três Bandas com TPVC.	NA	Triângulo ligeiramente descentrado, ladeado por 2+2 bandas oblíquas e um acabamento triangulíde no topo de cada lado.	Única, TC, com uma ligeira depressão no verso indicando uma contra-perfuração ou uma lascagem decorrente da pressão exercida na face.	7,77	4,16	1,6	35

QUADRO 2.3 COMPOSIÇÃO DOS COMPONENTES DAS PLACAS E DADOS COMPLEMENTARES

Ref. ²	Faces	Motivo dominante Corpo	Composição do Separador	Composição da Cabeça	Perfuração	DPF	DPV	la	%Cb
294	1	Cinco Bandas com TPVC, não sendo impossível que a última pudesse ser classificada como um indicador de fim de placa.	NA	Uma típica «Orelhas de Coelho».	Única, descentrada.	4,23	3,43	1,7*	28
295	1	Faixas ziguezagueantes preenchidas com retícula organizadas por duas linhas-guia de traçado irregular mas organizando efectivamente o traçado das faixas.	Constituído por duas bandas, a primeira lisa com um altura de 2,11 mm e uma segunda preenchida com TPVC e com altura de 6,43 mm.	Triângulo central definido por um traço único, reforçado nos cerca de 27 mm inferiores por estreitas bandas preenchidas com retícula. Do motivo central partem 4 bandas oblíquas para a direita (talvez 5), as 4 bandas ligeiramente oblíquas na esquerda todas reticuladas.	Única, BTC, com a dimensão útil de 2,91 mm.	8,44	5,96	2,5	28
X-1 ²	1	Quatro bandas de triângulos reticulados e IFP reticulado.	Traço simples.	Recortada, com ombros reforçados por 1+1 triângulo reticulado e duas faixas radiantes definindo um trapézio.	Única, centrada	0,56*	NO	1,8*	29
X-3 ²	1	Quatro bandas de triângulos, não estando a primeira definida no topo.	Inexistente.	Vazia, com 1+1 faixa reticulada convergindo na perfuração.	Única, centrada.	0,42*	NO	1,4*	NA
XI-1 ²	1	Faixas horizontais adossadas, preenchidas com oblíquas de orientação diferente de faixa para faixa.	Não aplicável.	Triângulo liso envolvido pela decoração do Corpo.	Única, centrada.	0,66*	NO	1,6	19,6

B: Bandas; BTC: [perfurações] bitroncónicas; C: Coluna; la: índice de alongamento; % Cb: altura da Cabeça referenciada à altura total da placa; TC: [perfurações] troncocónicas; TPVB: triângulos preenchidos com o vértice para baixo; TPVC: triângulos preenchidos com o vértice para cima
 * se considerarmos uma divisória feita por traço oblíquo descendo da direita da placa para a sua esquerda. Mas esta medida é apenas uma probabilidade e não deve ser contada em termos de contabilidade da proporção da Cabeça em função do Corpo.

2.3. DESCRIÇÃO, EM CORRIDO, E COMENTÁRIOS ÀS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO MONTE DA BARCA (29 PLACAS)

Abreviaturas mais frequentes:

B - Banda (normalmente contendo triângulos);

BHL - Banda horizontal lisa;

BHP - Banda horizontal preenchida;

IFB - Indicador de fim de banda;

IFP - Indicador de fim de placa;

IIB - Indicador de início de banda;

TPVC - Triângulos preenchidos com o vértice para cima.

2.3.1. Placas de que só se conhece a Cabeça (duas: MB-269a, -269c)

■ MB-269a (antigo registo: 38a) - Fig. 2-1, 2-15.

Três fragmentos da Cabeça, ainda com áreas de colagem, sendo um deles o central, com perfuração. Os restantes correspondem a dois componentes das laterais da Cabeça. Seguindo o que resta dos traços definidores da «Cabeça dentro da Cabeça», parece possível que esta se trate de uma Cabeça trapezoidal, mas não é certo.

■ MB-269c (antigo registo: 38c) - Fig. 2-1, 2-15.

Um fragmento do lado direito da Cabeça, com a perfuração, e três bandas radiantes reticuladas. É uma placa espessa, cuja fragmentação evidencia a composição laminar do xisto de forma exemplar.

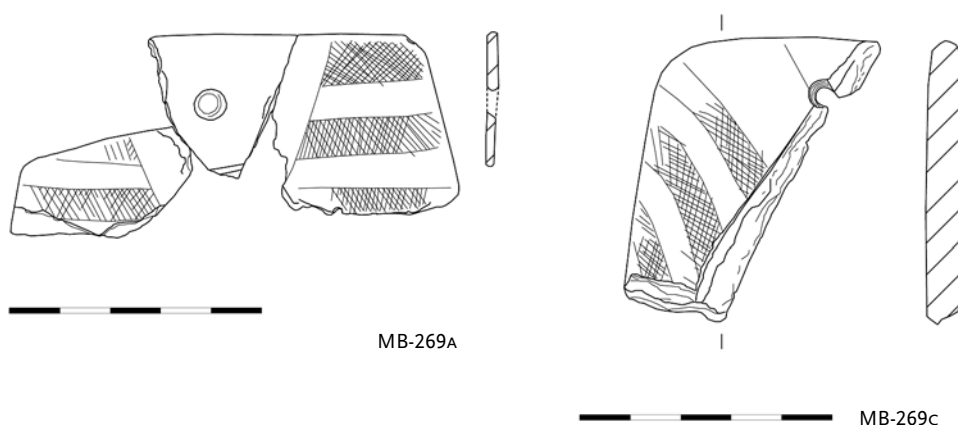


FIG. 2-1 Placas de que só se conhece a Cabeça MB-269 e MB-269c.

2.3.2. Placas anepígrafas (uma: MB-250)

■ MB-250 (antigo registo: 19) – Fig. 2-2, 2-15.

Um excelente exemplo de placa lisa. No entanto, apresenta-se bem polida, com os bordos denotando um corte cuidadoso e polimento subsequente.

A base apresenta-se convexa e simétrica; e o topo também convexo, ainda que menos simétrico; um dos bordos apresenta uma convexidade maior.

A questão que esta placa levanta é, basicamente, a de se tratar ou não de uma placa preparada para receber a gravação, o que nunca foi feito. A partir do sítio das Águas Frias (Gonçalves e Calado, no prelo) foi possível propor que as placas eram, pelo menos parcialmente, comercializadas lisas, sendo eventualmente gravadas no povoado de quem as adquiria, ou mesmo junto ao monumento funerário. A placa MB-250 está completamente polida e preparada para receber a gravação e, eventualmente, a perfuração para suspensão. Não apresenta qualquer sinal de ter sido pintada, mas o grau de acabamento pré-gravação é perfeito. Nesta situação, não é possível evidentemente optar definitivamente por uma opção interpretativa em detrimento de outra.

2.3.3. Placas com bandas verticais preenchidas (duas: MB-262, MB-XI-1)

■ MB-262 (antigo registo: 31) – Fig. 2-2, 2-16, 2-17, 2-56.

Nesta placa, observa-se em primeiro lugar a regularidade do trapézio que constitui a «Cabeça dentro da Cabeça», as suas proporções (10,75x37,09 mm) e o tipo de gravação, o mesmo utilizado para todas as definições de campos dentro da placa. O Corpo foi decorado com oito faixas verticais preenchidas com oblíquas de orientação oposta de faixa para faixa. Por estranho acaso, a maior parte das placas de este tipo, que são uma minoria dentro do conjunto geral das placas, aparece muito fragmentada. Tal verifica-se, por exemplo, no Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz, no caso concreto de STAM-3. Esta é uma das raras placas de este tipo praticamente intacta. O separador Cabeça-Corpo aparece dividido em duas faixas que apresentam as oblíquas preenchidas com orientação diversa, a mesma estratégia decorativa usada nas faixas verticais do Corpo.

■ MB-XI-1 (sem registo anterior) – Fig. 2-2, 2-16.

A paginação de esta placa representa uma situação clássica. O triângulo que serve de Cabeça tem uma linha-guia traçada do seu vértice até à base e em paralelos quase perfeitos, de cada lado dela foram traçadas duas outras, as duas mais interiores convergindo para os lados do triângulo e as duas exteriores traçadas do topo à base da placa. As bandas verticais assim obtidas foram de seguida preenchidas por oblíquas com orientação diferente de banda para banda. Este é o exemplo de um tipo de placas de xisto gravadas que tem apenas um espaço reduzido no topo em que a Cabeça está representada, sendo ladeada por um único motivo, que preenche no fundo a totalidade do suporte. É uma placa cuidadosamente paginada, feita com precisão e indiscutível qualidade.

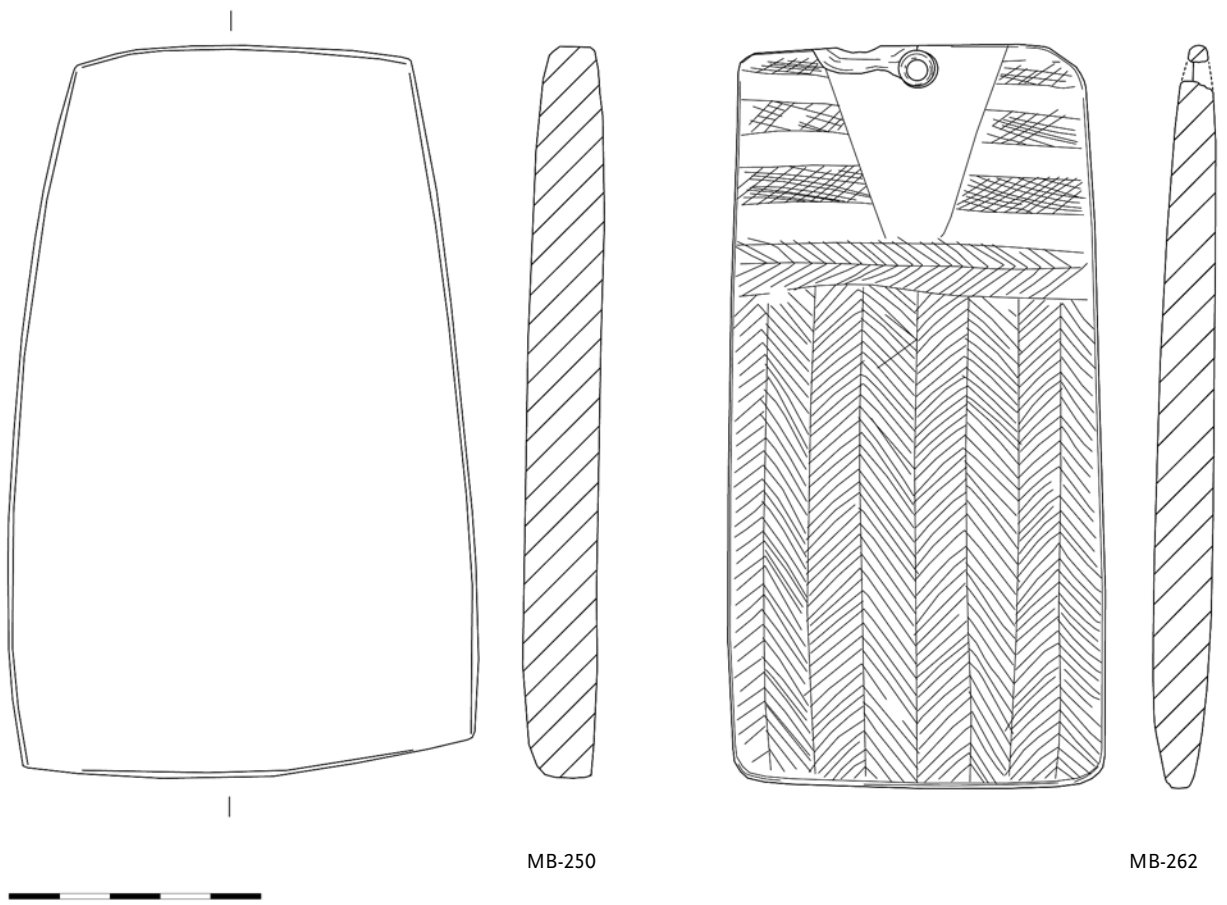


FIG. 2-2 Placa anepígrafa MB-250 e placas com faixas verticais preenchidas MB-262 e MB-XI-1.

2.3.4. Placas com faixas ziguezagueantes preenchidas (quatro: MB-259, -265, -268, -295)

■ MB-259 (antigo registo: 28) – Fig. 2-3, 2-18, 2-53.

Esta placa de dimensões relativamente reduzidas, próximas de MB-270, tem como motivo principal do Corpo duas grandes faixas ziguezagueantes organizadas por duas linhas-guia. Em baixo, existe um remate simétrico à linha-guia à esquerda do observador e nenhum à linha-guia da direita. Em cima, os remates são feitos nos três campos definidos pelas duas linhas-guia, convergindo os que se encontram mais à direita do observador. A Cabeça, triangular, é definida por duas faixas radiantes de diferente dimensão, nas quais foi sistematicamente ultrapassado o limite definido pelos traços de enquadramento, o que aliás acontece também no Corpo da placa. Típica «Orelhas de Coelho». A perfuração é bem centrada e perfeitamente executada.

■ MB-265 (antigo registo: 34) – Fig. 2-3, 2-22, 2-33, 2-55.

Esta placa, de forma geral trapezoidal, apresenta uma Cabeça relativamente curta e um Corpo marcado por uma grande faixa ziguezagueante central, com oito segmentos, enquadrada em cima e em baixo por triângulos preenchidos por retícula. Estes triângulos constituem contraponto aos espaços vazios abertos pelo ziguezaguear da faixa ziguezagueante. A placa apresenta apenas duas ligeiras fragmentações, uma no lado esquerdo da Cabeça, outra no flanco esquerdo, quase junto à base. No topo, são particularmente bem visíveis traços de polimento.

■ MB-268 (antigo registo: 37) – Fig. 2-3, 2-19, 2-20.

A placa apresenta uma grande fragmentação no sentido transversal, que arrancou uma lasca de espessura considerável: a espessura média na zona conservada da área proximal e mesial da placa é de 5,60 mm, enquanto o valor correspondente na parte distal não ultrapassa os 2,15 mm.

A parte conservada da perfuração permite defender a sua classificação como troncocónica, mas não obter o seu diâmetro na face.

Corpo: organiza-se com o apoio de três linhas-guia, mas tudo parece consideravelmente mal executado. Assim:

Colunas 1 a 4: três faixas ziguezagueantes reticuladas a toda a área transversal da placa.

Colunas 1 e 2: a primeira faixa ziguezagueante a contar debaixo foi mal gravada na sua junção à primeira linha-guia. O espaço inferior a ela apresenta um remate grosseiro e não simétrico. O espaço entre a primeira e a segunda faixa ziguezagueante foi acrescentado por uma meia faixa ziguezagueante, muito mais fina do que as restantes, e que não continua para as faixas 3 e 4.

Colunas 3 e 4: remate triangular simétrico abaixo da primeira faixa ziguezagueante integral.

■ MB-295 (antigo registo: 65) – Fig. 2-3, 2-19, 2-21.

Esta placa apresenta irregularidades evidentes, umas na Cabeça e outras no Corpo. Mais uma vez, trata-se de uma placa gravada por um dextro pouco hábil, como se vê pela irregularidade dos limitadores do triângulo da Cabeça e, sobretudo, pelo traçado muito irregular das linhas-guias do Corpo. Ainda que as linhas-guia e as faixas ziguezagueantes coincidam nos pontos de junção, a quarta das faixas deixa um espaço muito desigual para a quinta, que se transforma num remate feito na primeira e segunda coluna por um triângulo e, na terceira, por uma faixa quebrada.

2.3.5. Placas com motivos em xadrez (três: MB-261, -263, -266)

■ MB-261 (antigo registo: 30) – Fig. 2-4, 2-23.

Placa com a principal característica de o motivo de xadrez irregular preencher todo o Corpo até ao Separador Cabeça-Corpo, que é uma faixa vazia (como em MB-263). Não é uma placa bem paginada, uma vez que as linhas de enquadramento do xadrez final se encontram na maior parte dos casos ou oblíquas em relação ao eixo da placa ou mesmo encurvadas, o que é particularmente visível no caso das linhas horizontais dois, quatro e seis. As linhas verticais apresentam um desvio de cima para baixo, da direita para a esquerda, pelo que esta placa foi quase certamente gravada por um dextro. Esta placa apresenta grande irregularidade na altura dos componentes do xadrez.

■ MB-263 (antigo registo: 32) – Fig. 2-4, 2-24, 2-25.

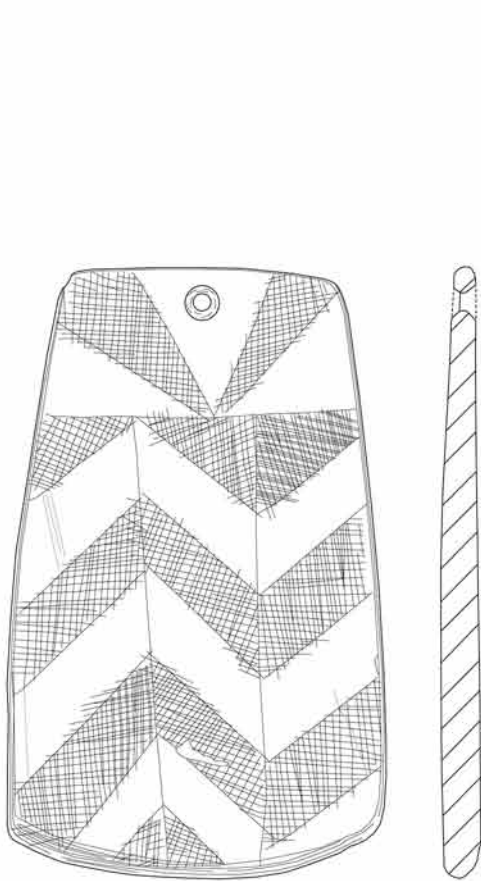
Placa com gravação nítida, muito bem executada.

■ MB-266 (antigo registo: 35) – Fig. 2-4, 2-26, 2-27.

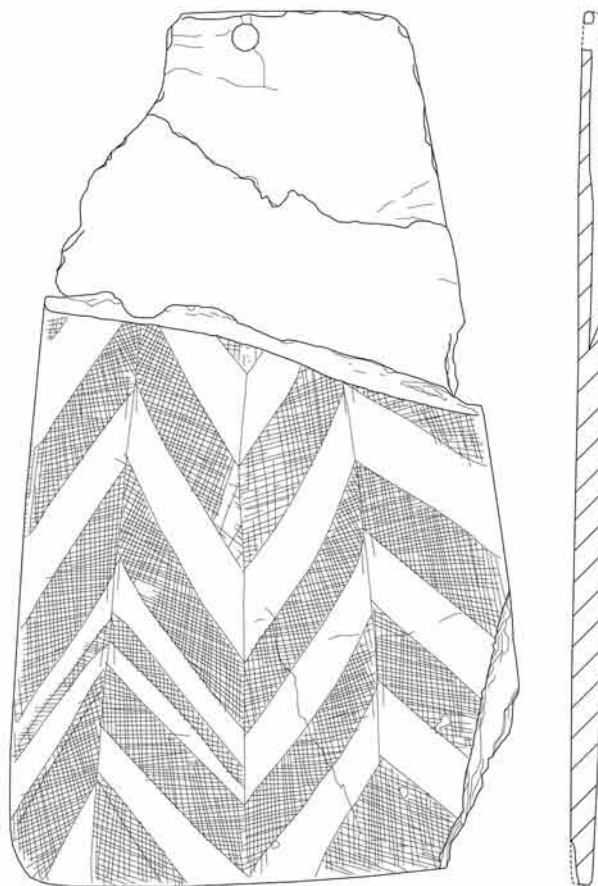
A pequena fragmentação na base esquerda da placa, e outra ainda menor no topo direito, não afectam as medidas. O polimento visível no verso é maioritariamente vertical, ainda que no topo se observem traços regulares, ligeiramente oblíquos, que correspondem não ao polimento mas a uma efectiva gravação, um pouco ao estilo das franjas registadas em outras placas.

Cabeça: com faixas radiantes, apresenta a particularidade das 4+4 faixas radiantes encurvadas o serem integralmente. Com efeito, a mais externa de cada lado foi, noutras placas com maiores dimensões, substituída por um remate triangulóide.

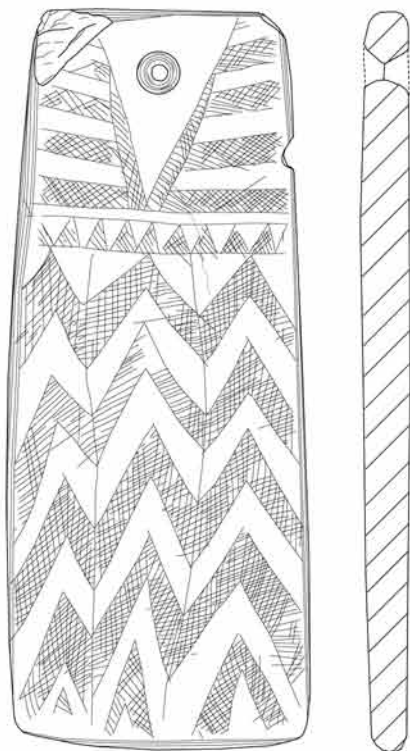
Corpo: esta placa apresenta como característica principal um Corpo em «xadrez» em que os componentes são rectângulos na vertical e não quadrados. Dispostos apenas em três bandas, a sua distribuição por seis teria permitido uma quadrícula clássica.



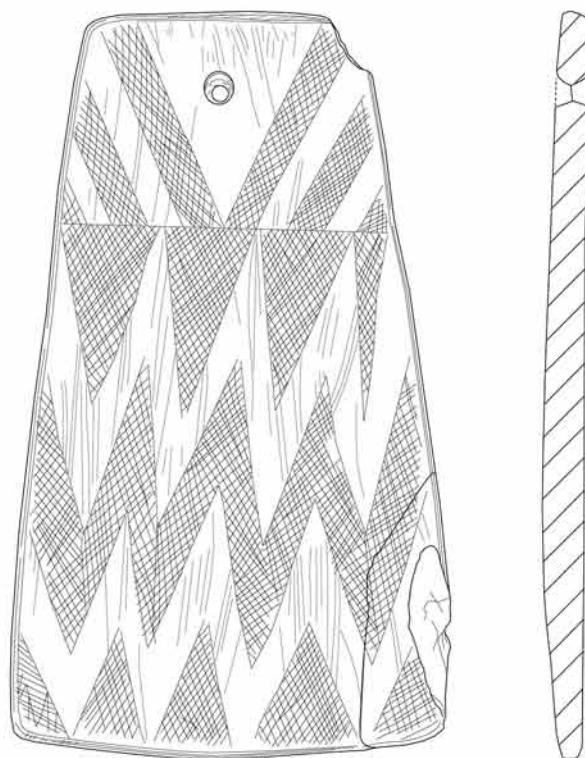
MB-259



MB-268

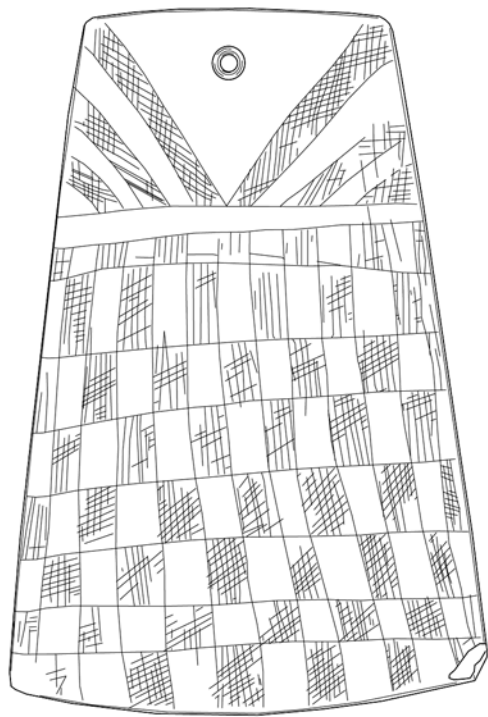


MB-295

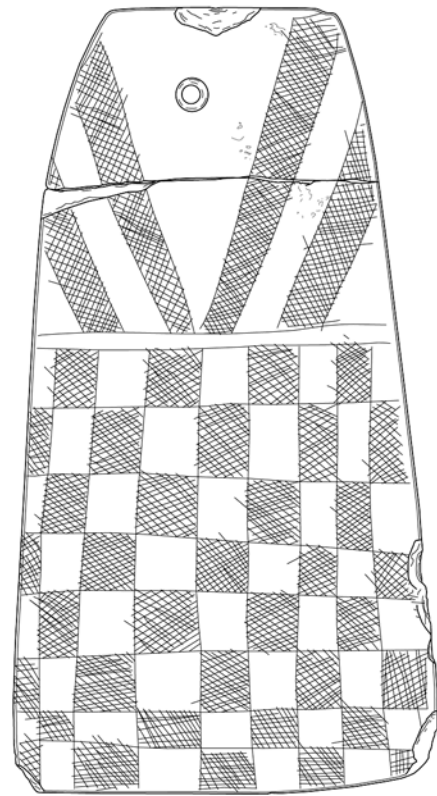


MB-265

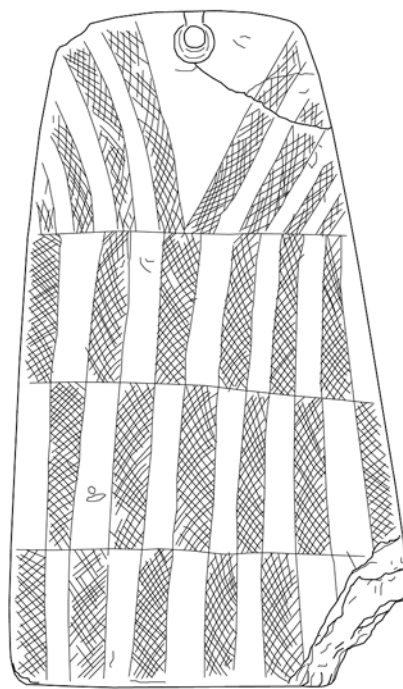
FIG. 2-3 Placas com o Corpo decorado com faixas zigzagueantes preenchidas. Com linhas-guia: MB-259 (uma placa com «Orelhas de Coelho»), -268, -295. Sem linhas-guia: MB-265.



MB-261



MB-263



MB-266



FIG. 2.4 Placas com o Corpo decorado com motivos em xadrez. MB-261 e -263, xadrez obtido com quadrados. MB-266, xadrez obtido com rectângulos na vertical.

2.3.6. Placas com motivos em triângulos no Corpo (dezassete: MB-251, -252, -253, -254, -255, -256, -257, -258, -260, -264, -267, -269b, -269d, -270, -294, MB-X-1, MB-X-3)

■ MB-251 (antigo registo: 20) – Fig. 2-5, 2-29.

Na perfuração, feita da face para o verso, com uma área correspondente a $\frac{4}{5}$, converge noutra, com cerca de $\frac{1}{5}$, esta lida no verso. Ligeiro desacerto na fusão das duas perfurações.

A decoração da Cabeça baseia-se na fórmula das faixas ligeiramente oblíquas, convergindo para baixo num triângulo central liso: é a fórmula 3+3. Do lado esquerdo da placa, observa-se um traço que pode ter correspondido a um erro de paginação e que não originou uma quarta banda.

Decoração do Corpo: quatro bandas,

B1: 1 IIB + 6 TPVC

B2: 1 IIB + 7 TPVC

B3: 8 TPVC

B4: 9 TPVC

Em B4, os triângulos 3 e 4 estão praticamente fundidos na base.

Todo o traçado das linhas horizontais, que definem as bandas, é ligeiramente ondulante e irregular. Como foram traçadas com alguma profundidade, superior à dos triângulos, torna-se visível uma paginação prévia em que elas foram claramente gravadas antes deles.

O verso da placa regista intensos traços de polimento com diversas orientações, normalmente oblíquas. No acabamento dos bordos, obteve-se, por vezes, uma superfície aplanada, onde também são visíveis os traços de polimento. No topo do verso da placa, há uma área de facetagem e polimento com traços curtos no lado esquerdo.

■ MB-252 (antigo registo: 21) – Fig. 2-5, 2-30, 2-31, 2-34.

Placa com uma paginação bizarra, pelo desequilíbrio das dimensões dos TPVC.

Corpo: duas bandas incompreensivelmente preenchidas, em especial no caso da superior. Esta banda inclui com efeito um enorme IB, seguido por um triângulo muito estreito que parece preencher um erro de paginação, e depois por outros três TPVC. Estamos perante uma placa que poderá ter sido gravada por um esquerdino. A segunda banda surge com um início de banda quase idêntico ao da superior, seguindo-se quatro verdadeiros TPVC. Para evitar que o último deles fosse um IFB, ele é representado quase na oblíqua, inclinado para o lado direito da placa.

■ MB-253 (antigo registo: 22) – Fig. 2-6, 2-30, 2-32, 2-33.

Esta interessante placa foi claramente reaproveitada e tentou-se reconstituir o seu traçado original. Na realidade, a sua forma geral é um trapézio de lados maiores quase rectilíneos, com uma largura estimada para a base de 104,55 mm (e não a actual de 78,60 mm), e para o topo 86,67 mm (e não a actual, 45,16 mm). A recuperação desta placa deve ter resultado de uma fragmentação extensa do seu lado direito, que produziu claramente ondas de choque para a área actualmente conservada, mas que permitiu a sua recuperação através de um corte convexo e de um repolimento do novo bordo assim obtido. Convém também

sublinhar o facto de esta placa representar uma tipologia não muito comum: a das placas sem Cabeça, com comparações à placa de Pragais, em Porto de Mós, na Península de Lisboa (Sousa, 2004) ainda que nesta os triângulos tenham o vértice para baixo, e ambas faixas sejam decoradas.

■ MB-254 (antigo registo: 23) – Fig. 2-6, 2-35.

Placa com paginação irregular, particularmente na delimitação superior da primeira banda, em que a altura na parte direita da banda é de 19,19 mm contra os 24,69 mm do seu lado esquerdo.

O polimento visível no verso demonstra tentativas para compensar o escamamento parcial da placa. O polimento dos bordos é particularmente visível no bordo esquerdo da placa.

Cabeça: a organização corresponde à fórmula clássica usada para as placas com faixas radiantes na Cabeça, neste caso segundo a fórmula 2+2, sem qualquer compensação de preenchimento.

Corpo:

Banda 1: 7 TPVC

Banda 2: 6 TPVC

Banda 3: 6 TPVC + 1 IFB

Banda 4: 6 TPVC

Banda 5: 6 TPVC

■ MB-255 (antigo registo: 24) – Fig. 2-6, 2-36.

Uma placa que levanta alguns problemas curiosos. Por exemplo, a assimetria verificada sobretudo no topo direito parece traduzir uma fractura localizada, recuperada no bordo por um polimento completo. Observa-se, com efeito, que o bordo esquerdo da placa apresenta um polimento idêntico ao do bordo direito até cerca de 79,89 mm medidos a partir da base. Toda a restante superfície deste bordo foi regularizada através de um polimento muito mais homogêneo que o anteriormente produzido.

Cabeça: a Cabeça apresenta componentes já descritos no Quadro em cima.

Separador: constituído por duas bandas adossadas, cuja decoração ou ficou incompleta ou foi apagada do lado direito de ambas, o que poderia derivar do repolimento apontado para o topo direito. A superior teria sido integralmente reticulada, tal como a inferior inteiramente preenchida.

Corpo: Três bandas mal paginadas com alturas bastante diferenciadas e com triângulos desenhados irregularmente.

Banda 1: IIB + 3 TPVC + IFB

Banda 2: IIB + 4 TPVC + IFB

Banda 3: IIB + 6 TPVC + IFB

Esta placa apresenta um aspecto de desequilíbrio uma vez que as três bandas de alturas muito diversas, diminuem de cima para baixo, tendo no topo uma banda com triângulos minúsculos que integra o separador.

■ MB-256 (antigo registo: 25) – Fig. 2-7, 2-37, 2-38.

Nesta placa, o único elemento verdadeiramente original reside no facto de os triângulos do Corpo se organizarem nas duas únicas bandas de forma a se afrontarem pelo vértice. Assim, os da banda superior têm o seu vértice para baixo, tocando mesmo a maior parte deles nos vértices dos triângulos da faixa inferior. Situação frequente em outras placas é o facto de, no verso da placa, se verificar uma tentativa de perfuração frustrada, substituída atempadamente por outra, que convergiu com a perfuração da face.

■ MB-257 (antigo registo: 26) – Fig. 2-7, 2-39, 2-40.

Corpo: três bandas mal paginadas, com alturas bastante diferenciadas.

Banda 1: 6 TPVC

Banda 2: 6 TPVC

Banda 3: 6 TPVC + 1 (?)

A particularidade específica de esta placa reside no facto de a perfuração estar completamente centrada em relação à Cabeça (o afastamento tanto do bordo direito como do bordo esquerdo é de 30,09 mm), apesar da área central estar evidentemente descentrada (o afastamento do bordo direito é 28,39 mm e do bordo esquerdo 41,85 mm, medido a partir do vértice). É também de registar a progressiva degradação da altura das três bandas. De cima para baixo, a altura desce de 41,94 mm até 21,65 mm.

■ MB-258 (antigo registo: 27) – Fig. 2-7, 2-41.

Uma «placa cabeçuda» na categoria da «Cabeça muito grande» (53% da altura total da placa). Nota-se uma irregularidade na organização das faixas radiantes da Cabeça, mais encurvadas do lado esquerdo da placa que no lado direito. A faixa mais interior do lado direito é mesmo praticamente rectilínea.

Separador: vazio e irregular no traçado. Parece ter sido feito com alguma regularidade na linha de baixo, mas a superior não acompanhou o seu traçado.

Corpo: as duas bandas visíveis, ainda que de dimensão diferenciada, estando a última parcialmente destruída do lado direito, parecem seguir o mesmo estilo de composição: dois indicadores de início de banda e dois de fim, triangulóides, enquadram quatro TPVC. Na banda inferior, só os triângulos 1 e 4 coincidem com o que é sensivelmente o meio da base do triângulo que lhes fica acima.

■ MB-260 (antigo registo: 29) – Fig. 2-7, 2-42, 2-43, 2-44, 2-45.

Esta placa, de decoração complexa, deve ser descrita tomando em conta diversas alternativas. Cabeça: o espaço da Cabeça é definido por um rectângulo central, dividido na horizontal a meio da perfuração. Abaixo desta segmentação, surge um outro rectângulo em campo aberto, preenchido com retícula. O rectângulo maior define assim, na Cabeça da placa, dois espaços laterais, o primeiro na direita da placa, medindo 34,12 mm; o esquerdo medindo 37,01 mm. Debaixo para cima, o espaço do lado direito organiza-se desta forma: banda horizontal preenchida + banda horizontal lisa + BHP + BHL + BHP + BHL + BHP de remate. Do lado esquerdo a sequência é: BHP com metade da altura das restantes + BHL + BHP + BHL +

BHP + BHL + BHP + BHL + BHP de remate. A imagem que se deve reter de esta placa é de que a única simetria de BHPs se encontra no topo e, apenas em pequena escala, na base.

Corpo: de baixo para cima, o Corpo desta placa compreende duas bandas de triângulos adossadas, que podem ser consideradas como uma única unidade descritiva, ou como um indicador de fim de placa, adossado a uma banda de triângulos. A banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima que se lhe segue insere-se num espaço vazio, mas que pode também ser considerado como dois separadores individualizados. Finalmente, a banda superior a esta está delimitada pelo separador linear que marca a separação da Cabeça do Corpo, ao qual se adossam os vértices dos seus triângulos, que, em quase todos os casos, ultrapassam ligeiramente esta divisória.

A fórmula da decoração é:

B1: um IIB + 5 TPVC.

B2: um IIB + 3 TPVC + um IFB.

B3: um IIB + 5 TPVC + um IFB.

B4: um IIB + 5 TPVC + um IFB.

■ MB-264 (antigo registo: 33)

Esta placa, com gravação em ambas faces, levanta vários problemas, sendo o primeiro a interpretação do que é a face e o verso. O critério foi escolher como face a que apresentava uma decoração mais coerente e inteligível. O lado escolhido como face apresenta um triângulo descentrado e disposto numa posição algo oblíqua, delimitado por duas únicas faixas radiantes. O Corpo tem quatro bandas legíveis de triângulos, que devem constituir a totalidade dos inicialmente existentes.

O «verso» desta placa é marcado por uma decoração caótica, mal segmentada, numa Cabeça desmesurada e num Corpo infelizmente amputado da sua parte proximal. Ainda assim, e para uma altura estimada da placa por volta dos 160 mm, apresenta uma Cabeça que atinge os 51% da altura. No sentido de se entender melhor a diferenciação entre face e verso, e como é habitual nos casos das placas com dupla face, vamos separar a descrição como se de duas placas de tratasse.

■ MB-264 face (antigo registo: 33F) - Fig. 2-8, 2-46, 2-48.

Apresenta uma gravação muito ténue, quase apagada, havendo traços que parecem ter sido sublinhados com uma espécie de pasta branca. A Cabeça é curta e o triângulo assimétrico é delimitado por duas bandas, a da direita encurvada e a da esquerda quase rectilínea. As bandas correspondem tanto quando é possível ver a:

Banda 1: 3 TPVC + 1 (?)

Banda 2: 3 TPVC + IFB

Banda 3: 4 TPVC (os 3 primeiros espacejados na base)

Banda 4: 3 TPVC (grosseiramente desenhados, parecendo o terceiro mais um escutiforme do que um triângulo).

■ MB-264 verso (antigo registo: 33V) – Fig. 2-8, 2-46, 2-49.

A primeira particularidade objectivamente diferente desta placa reside na profundidade das gravações da moldura, que contrasta com as da face. Todo o contorno da placa é marcado por pequenos traços paralelos e perpendiculares ao topo e aos bordos da placa. Mais do que uma «franja», como na placa J.8-667, de STAM-3, trata-se de um quase denteado. A superfície da placa é dividida por um traço oblíquo e os motivos decorativos triangulares não são passíveis de descrição, parecendo a placa uma tentativa de copiar outra, com uma composição caótica que destoa da forma organizada da placa. A perfuração apresenta de este lado um diâmetro muito maior que do outro, parecendo ter sido feita na direcção verso-face, o que é incompreensível neste contexto gráfico.

Se os traços usados são muito finos na face, e espessos no verso, esta placa bem poderia ter sido gravada por duas pessoas diferentes, e com diferentes instrumentos de gravação.

■ MB-270 (antigo registo: 39) – Fig. 2-9, 2-51, 2-52.

Uma pequena placa que apresenta sinais de polimento e, no verso, de adelgaçamento, particularmente no lado esquerdo (o que é facilmente observável não só em corte como em plano). Os sinais de polimento são particularmente visíveis na preparação do topo e da base do verso e nos bordos.

Cabeça: as duas faixas laterais da Cabeça traduzem, pela sua dimensão, a má paginação, sendo que a da direita mede na base 25,06 mm e a da esquerda 35,66 mm. O preenchimento foi feito com duas faixas divergindo da parte inferior da Cabeça. O remate superior, onde poderia ter cabido perfeitamente uma terceira faixa, foi integralmente preenchido. A simetria com as faixas e a morfologia local do suporte transformaram-no praticamente num triângulo oblíquo.

Corpo: três bandas de triângulos com a seguinte fórmula:

Banda 1: IIB + 5 TPVC + IFB

Banda 2: IIB + 5 TPCV (o último dos quais torcido de forma a ser efectivamente um triângulo e não um fim de banda)

Banda 3: IIB + 5 TPCV + IFB

Esta placa apresenta a gravação erodida, tal como se tivesse sofrido um efeito de redução de arestas da decoração inicial. No entanto, pode perfeitamente tratar-se de uma gravação com um instrumento rombo, por exemplo de osso. O verso da placa apresenta sinais intensos de polimento, tal como a parte superior do bordo esquerdo visto do verso.

■ MB-267 (antigo registo: 36) – Fig. 2-8, 2-50, 2-56.

As três particularidades de esta placa residem na sua fina espessura, na qualidade da gravação, contrastando com o desenho irregular dos triângulos e, finalmente, na sua Cabeça muito pouco comum, com bandas de triângulos estratigrafados.

Cabeça: no lado direito do trapézio central, os dois níveis de triângulos são separados por um traço oblíquo descendente, o mesmo acontecendo com os do lado esquerdo. Vemos a particularidade dos triângulos superiores esquerdos de estes serem típicos triângulos de vértice cortado.

Corpo:

Banda 1: 5 TPVC + 1 IFB

Banda 2: 5 TPVC + 1 IFB

Banda 3: 5 TPVC

Não é impossível que esta placa tivesse sido gravada por um esquerdino.

■ MB-269b (antigo registo: 38b) – Fig. 2-8, 2-50.

Dois fragmentos do Corpo de uma ou duas placas, um deles da face gravada (triângulos preenchidos em bandas), outro do verso, com traços de polimento horizontais. O primeiro conserva ainda parte do lado direito do bordo.

■ MB-269d (antigo registo: 38d) – Fig. 2-8, 2-50.

Três fragmentos coláveis da base e área mesial, com triângulos preenchidos com o vértice para cima. Sendo impossível saber o número exacto das bandas, as três observáveis foram incluídas no Quadro descritivo numeradas de 8 para trás. O estado de fragmentação impediu também que houvesse certeza sobre o número de TPVC das bandas, uma vez que as fracturas tiveram lugar no sentido transversal, na oblíqua, e uma no sentido quase longitudinal. É, no entanto, muito possível que a banda numerada como 8 tivesse seis triângulos.

■ MB-294 (antigo registo: 64) – Fig. 2-9, 2-51.

Ver placa de Aljezur 985.39.52 (Gonçalves, 2005b, p. 54, Fig. 18), também com «Orelhas de Coelho», ainda que com apenas 3 bandas no Corpo.

Corpo: 5 bandas com TPVC com a seguinte composição

Banda 1: IIB triangulóide + 3 TPVC

Banda 2: IIB + 3 TPVC + 1 IFB

Banda 3: IIB + 3 TPVC + 1 IFB

Banda 4: n + 4 TPVC

Banda 5 : n + 4 TPVC

Cabeça: duas faixas encurvadas formando as «Orelhas de Coelho», com vários traços de preenchimento saindo do campo delimitado.

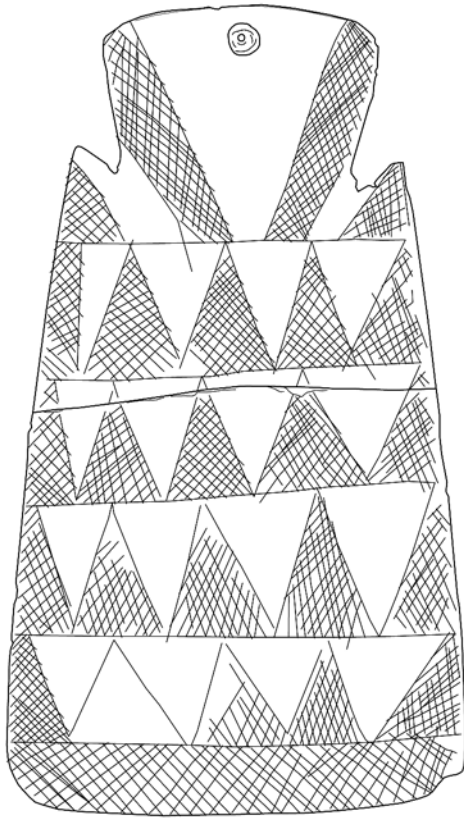
■ MB-X-1 (sem registo anterior) – Fig. 2-5, 2-28.

Esta placa apresenta as características principais de um dos tipos das placas recortadas, o que apresenta ombros levantados na oblíqua, diferenciando a Cabeça. Foi construída manifestamente com dois espaços. O da Cabeça apresenta duas faixas radiantes que definem uma Cabeça trapezoidal e dois triângulos, um de cada lado, que ajudam a definir os ombros. O Corpo é constituído por quatro bandas preenchidas com triângulos de vértice para cima e uma banda reticulada que é objectivamente um *Indicador de fim de placa*.

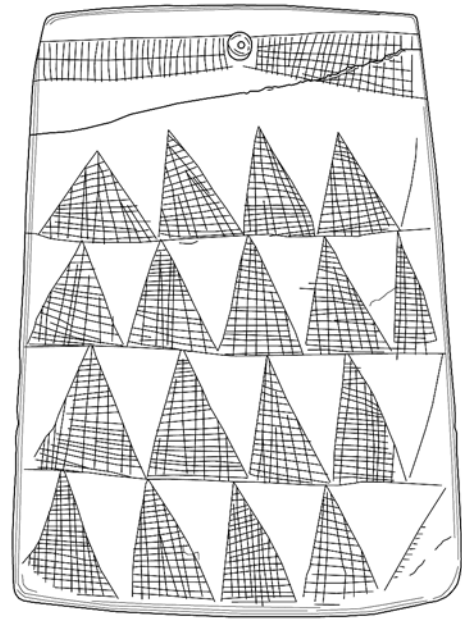
Banda 1: IB + 4 TPVC, o último muito provavelmente um IFB

Banda 2: IB + 4 TPVC, o último muito provavelmente um IFB

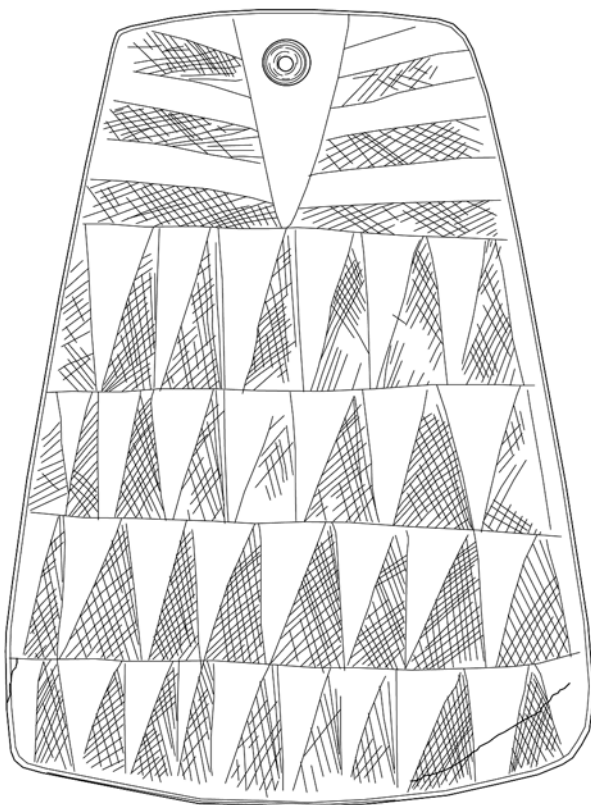
Banda 3: IB + 4 TPVC, o último muito provavelmente um IFB



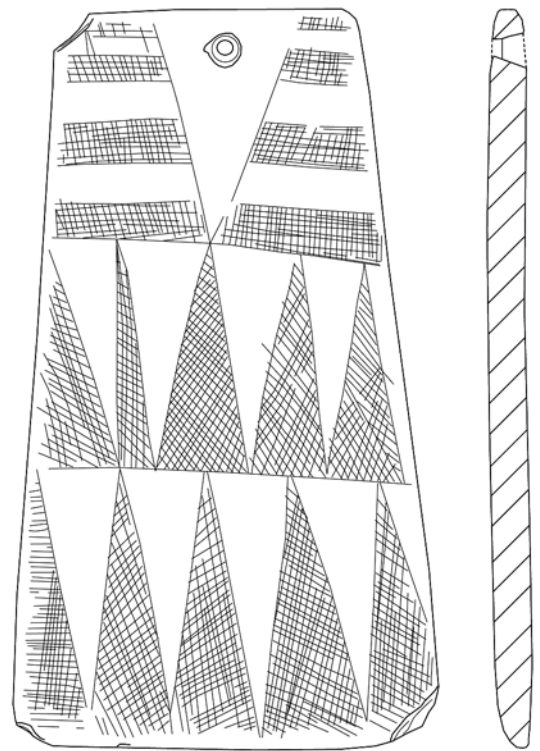
MB-X-1



MB-X-3

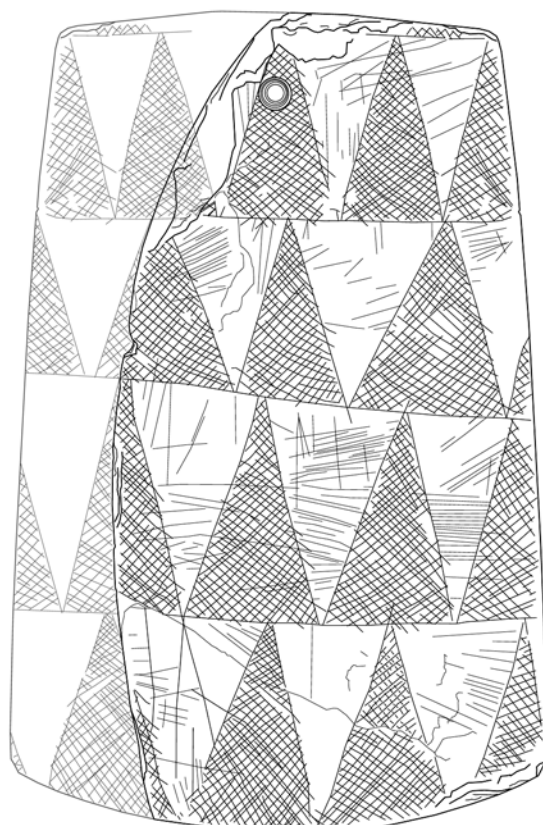
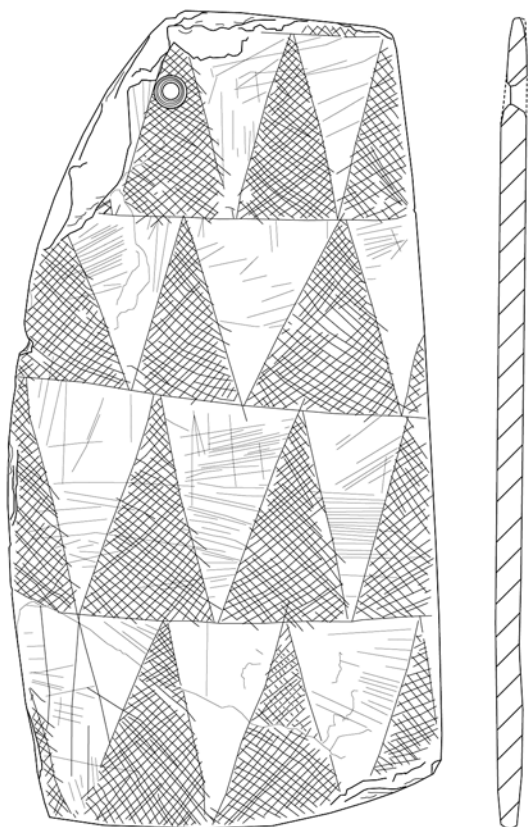


MB-251

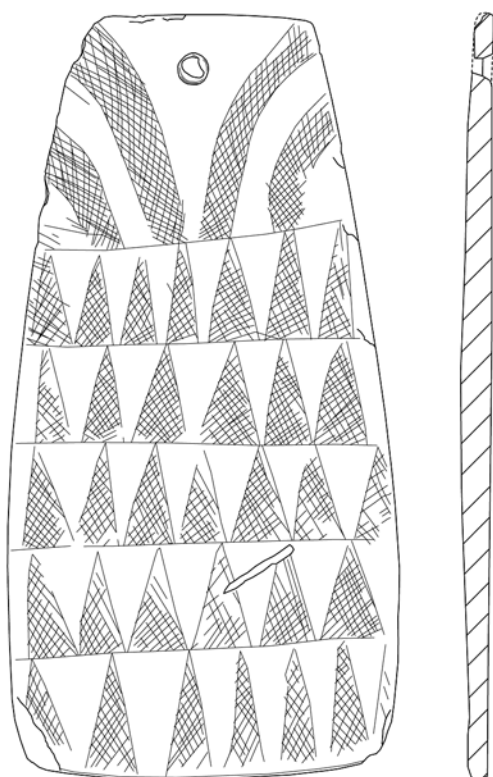


MB-252

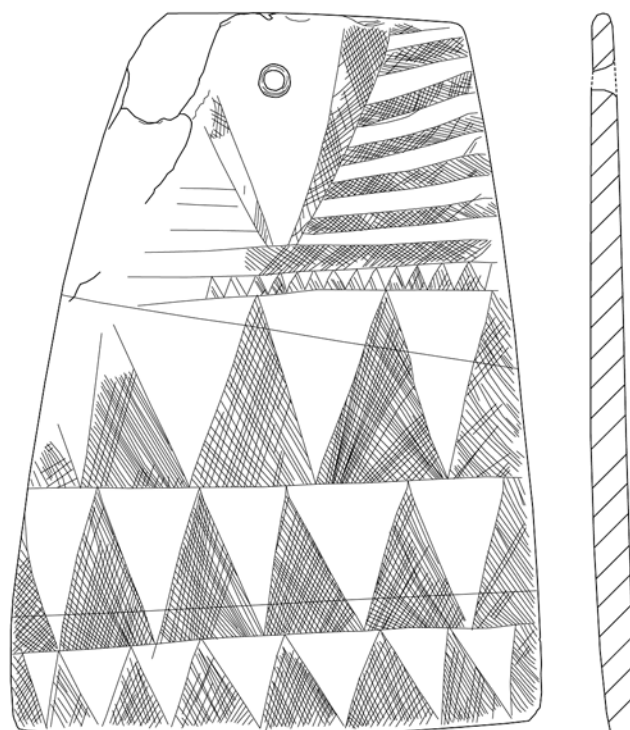
FIG. 2-5 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos com o vértice para cima. A placa MB-X-1 é também uma placa recortada e MB-X-3 pertence ao grupo das placas sem definição do espaço central da Cabeça.



MB-253

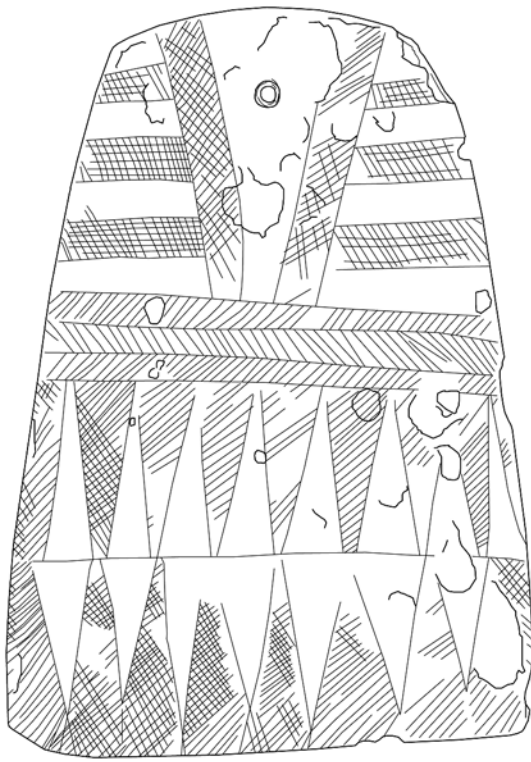


MB-254

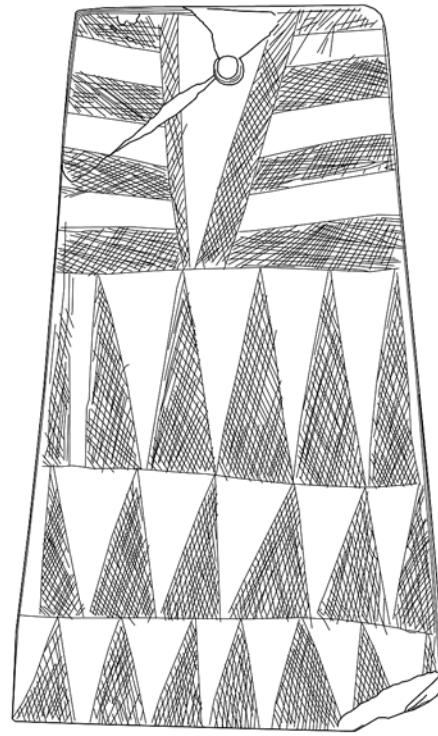


MB-255

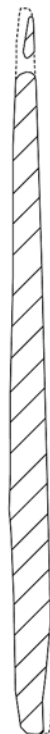
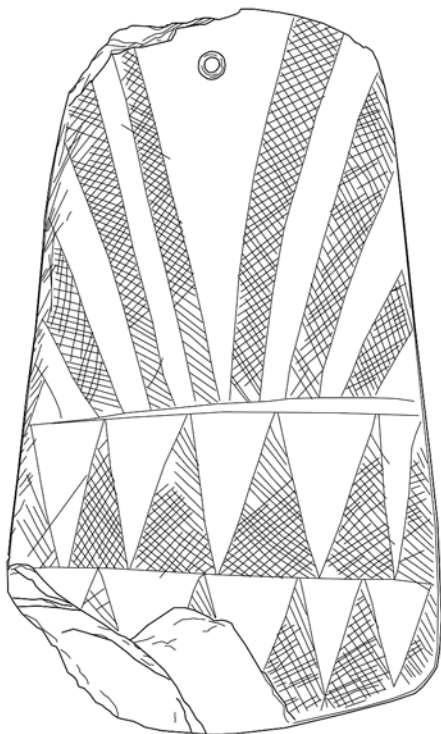
FIG. 2-6 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos com o vértice para cima. MB-253 é uma placa reaproveitada, apresentando-se ao lado uma sua reconstituição.



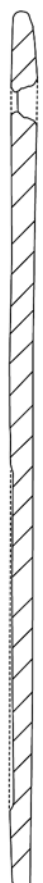
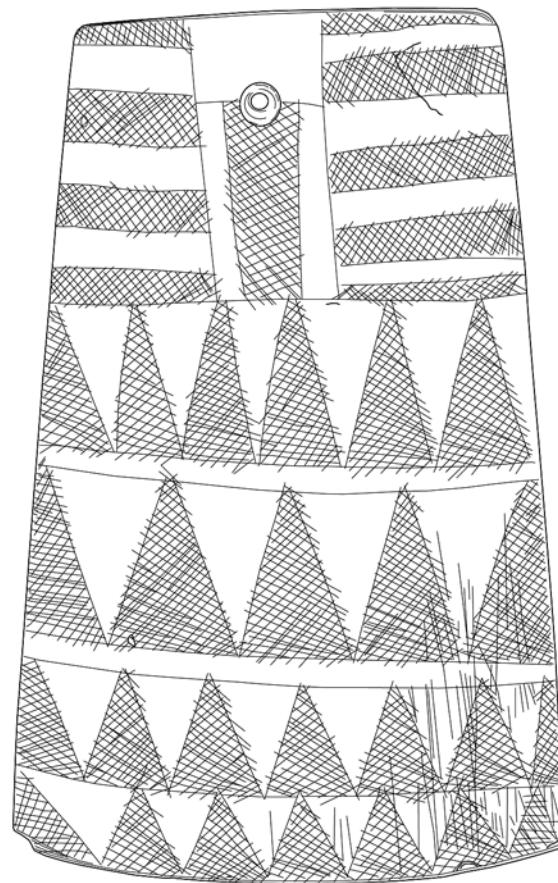
MB-256



MB-257



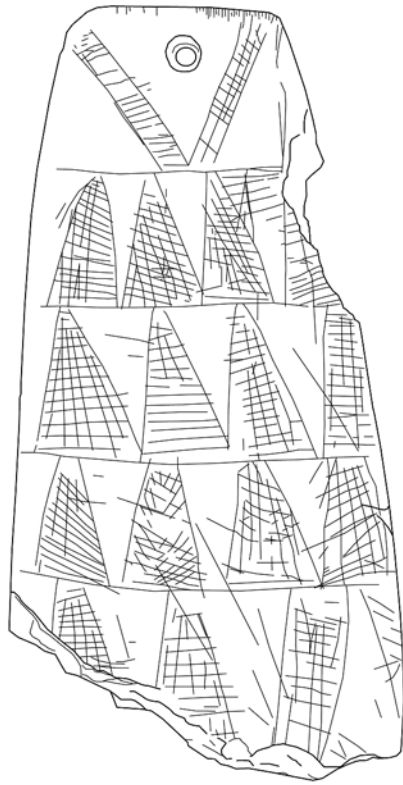
MB-258



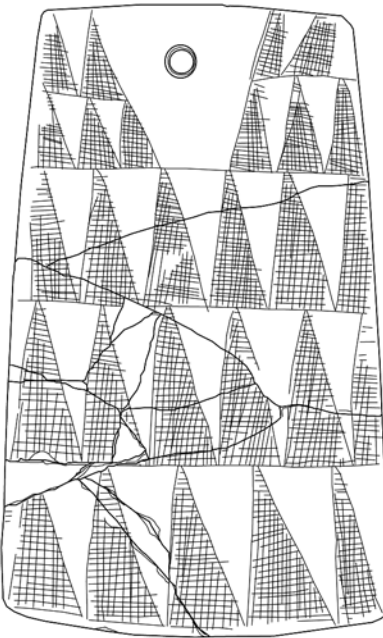
MB-260



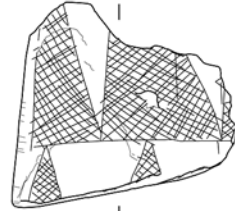
FIG. 2-7 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos com o vértice para cima. Nesta Figura, sobressaem três das quatro placas. MB-256 tem o Corpo decorado com triângulos afrontados, MB-258 é uma «placa cabeçada», MB-260 apresenta uma rara Cabeça rectangular.



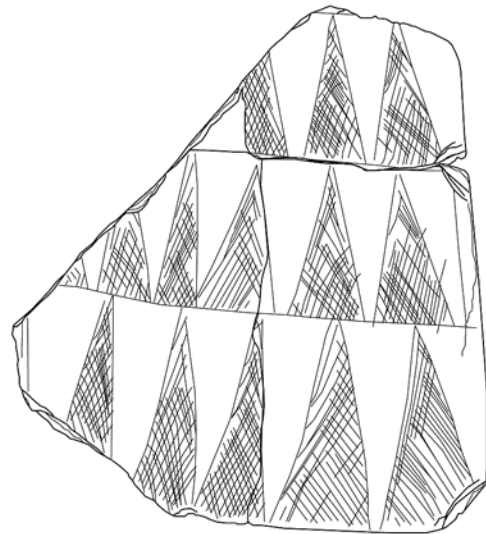
MB-264



MB-267



MB-269b



MB-269d



FIG. 2-8 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos com o vértice para cima. A placa MB-264, gravada em ambas faces, apresenta no verso uma decoração caótica que faz lembrar os ensaios de Águas Frias. A estratigrafia de triângulos nas faces da Cabeça da placa MB-267 repete um motivo pouco comum, mas presente em algumas placas alentejanas.

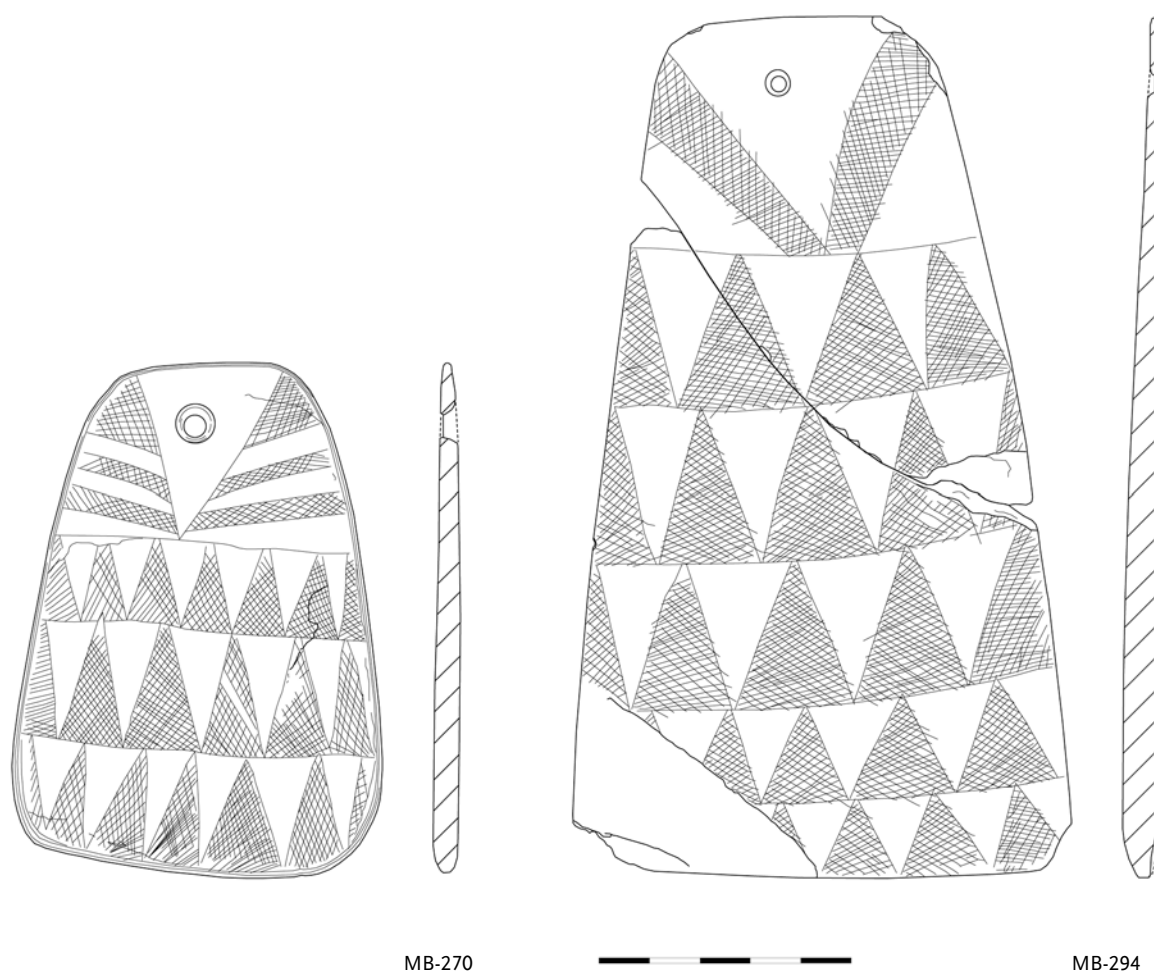


FIG. 2-9 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos com o vértice para cima. A placa MB-294 apresenta na Cabeça faixas radiantes que a incluem no grupo das placas «Orelhas de Coelho».

Banda 4: IB + 4 TPVC, o último muito provavelmente um IFB, o primeiro e o segundo dos triângulos parecem incompletamente preenchidos ou a gravação foi apagada totalmente no caso do primeiro e parcialmente no caso do segundo. Estando a peça desaparecida é impossível verificar qual das situações é a real.

Banda 5: completamente reticulada

■ MB-X-3 (sem registo anterior) – Fig. 2-5, 2-28.

Esta placa apresenta a particularidade de, em termos técnicos, ter Cabeça, mas não apresentar a «Cabeça dentro da Cabeça». Com efeito, as quatro bandas de triângulos reticulados, com o vértice para cima, que constituem o Corpo, a primeira, a terceira e a quarta com indicadores de fim de banda vazios, apresentam acima do bloco que constituem um espaço em que se encontra uma única perfuração centrada. Dela partem, para a sua direita, duas bandas adossadas com traços verticais incisos e, para a sua esquerda, uma grande banda reticulada. Ambas dispostas na horizontal. Esta decoração recorda de algum modo placas como as da Anta Grande do Zambujeiro ou de El Pozuelo (Gonçalves, 2003a) ainda que estas apresentem no Corpo faixas zigzagueantes e não triângulos.

2.4. Algumas pequenas contas e percentagens

Medir e contar, metade já lá vai, é a altura de somar, multiplicar e dividir. E as placas de xisto gravadas do Monte da Barca nos revelarem alguns segredos nada pitagóricos. E convém advertir que a população varia de acordo com o número de placas em que se registam as condições ou atributos pertinentes para cada análise.

1. Para 27 placas, 26 (96,3 %) têm o contorno contínuo e apenas uma (3,7 %) é recortada;
2. para 29 placas, 27 (93,1 %) têm apenas uma face gravada, uma (3,4 %) tem as duas faces gravadas e outra (3,4 %) não tem qualquer gravação em ambas faces;
3. para 26 placas, o motivo dominante do Corpo tem a seguinte proporção:

Bandas verticais preenchidas: 2 (7,7 %);

Faixas ziguezagueantes reticuladas: 4 (15,4 %), das quais três (75 %) com linhas-guia;

Xadrez: 3 (11,5 %), das quais uma com retângulos na vertical, reticulados, em vez dos quadrados habituais;

Triângulos reticulados com o vértice para cima: 17 (65,4 %), das quais uma (MB-256) com triângulos afrontados pelo vértice, ainda que separados por um traço horizontal.

4. para 24 placas, o Separador Cabeça-Corpo existe nestes números:

um fino traço horizontal ou simples delimitação por mudança de motivo: 14 (58,3 %);

uma banda horizontal lisa: três (12,5 %), uma (MB-258), sob reserva;

duas bandas preenchidas com oblíquas de orientação diferente em cada banda: uma (4,2 %);

três bandas preenchidas com oblíquas de orientação diferente em cada banda: uma (4,2 %);

uma banda reticulada e outra com triângulos reticulados: uma (4,2 %);

uma banda lisa e outra com triângulos reticulados: uma (4,2 %);

não existe qualquer Separador: três (12,5 %).

Em MB-XI-1, o triângulo que representa a «Cabeça dentro da Cabeça» está isolado pelo motivo do Corpo que sobe até ao topo da placa. Em MB-X-3, há um espaço vazio, não delimitado, com bandas horizontais convergindo para a perfuração central. Em MB-253 os triângulos preenchem todo o suporte. Considerado o ambíguo caso de MB-267, decidi incluí-la no grupo das placas com um fino traço horizontal, apesar do motivo de triângulos invadir as duas faces da Cabeça. Na verdade, há mudança nas dimensões dos triângulos e a própria base menor do trapézio-Cabeça é definida pela linha horizontal que atravessa toda a placa;

5. para 26 placas (excluída a placa inacabada MB-250) com perfuração conservada, 26 (100%) apresentam uma única perfuração centrada;

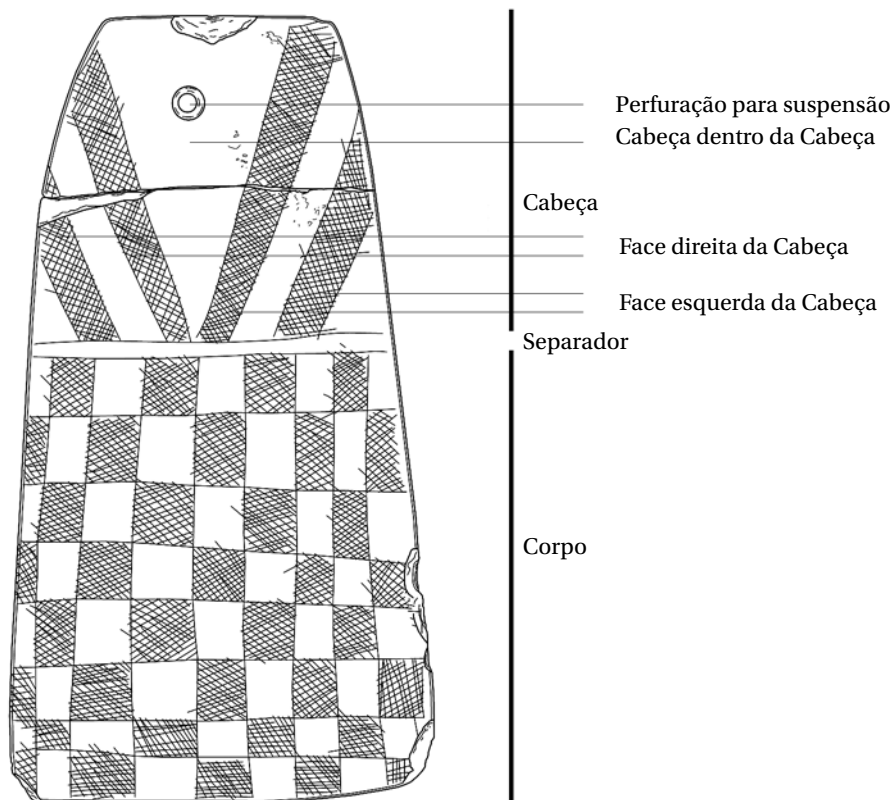
6. para 25 placas de xisto gravadas, a composição da Cabeça apresenta os seguintes indicadores: faixas radiantes – 11 (44 %), duas das quais (MB-259 e -294) com «Orelhas de Coelho»;

faixas horizontais – 5 (20 %);

faixas oblíquas múltiplas – 9 (36 %);

7. a geometria da «Cabeça dentro da Cabeça» é, em 22 placas de xisto gravadas,

Triangular: 16 (72,7 %), dos quais MB-254, -264 e -294 configuram a imagem de um triângulo com os dois lados maiores côncavos, situação clássica nas placas com «Orelhas de



MB-263



MB-295

FIG. 2-10 anatomia básica de duas placas de xisto do Monte da Barca. Na placa MB-263 temos uma Cabeça com faixas radiantes (são as que partem da Separação Cabeça-Corpo). Na placa MB-295, temos faixas oblíquas partindo da «Cabeça dentro da Cabeça» (no geral, podem ter três orientações: de cima para baixo, horizontais, de baixo para cima). O preenchimento das faces é diversificado, podendo incluir a síndrome das placas loucas (Gonçalves, 2003a, 2003f). Ambas Cabeças são triangulares, mas a da placa MB-263 é simples, definida pelas faixas radiantes interiores, e a da placa MB-295 tem uma moldura com preenchimento reticulado que a define. Nas placas cujo motivo do Corpo são as faixas ziguezagueantes, existem ou não linhas-guia, auxiliares para a construção da faixa ziguezagueante que, aliás, nem sempre funcionam. Tecnicamente, é preciso uma placa larga para se conseguirem boas faixas ziguezagueantes. Nas placas mais conhecidas, as linhas-guia variam entre uma e quatro e são efectivamente um elemento central do processo de paginação.

Coelho», mas também em outros tipos com faixas radiantes delimitando a «Cabeça dentro da Cabeça» (MB-254, por exemplo);

Trapezoidal: três casos (13,6 %);

Rectangular: um caso (4,5 %);

Sem Cabeça: duas (9,1 %), ainda que uma (MB-X-3) tenha uma dupla banda horizontal no espaço onde ela deveria estar;

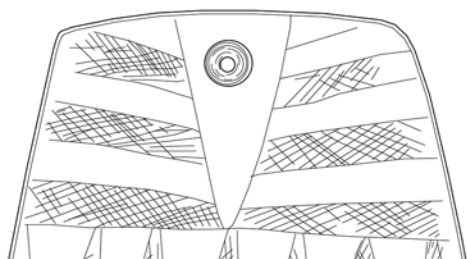
8. o índice de alongamento das placas (Ia: altura/largura da base) é um indicador insuficiente, devendo ser completado por outras informações sobre o contorno geral de estes artefactos ideotécnicos. Ainda assim, para 20 placas que apresentavam condições para uma leitura segura (para além dos fragmentos, e das placas com bases fragmentadas, excluíram-se da contagem as placas MB-253, -258, -268, que não permitiam leituras com rigor), zero estão abaixo de 1 (não existem placas curtas), 18 estão entre 1 e 2 (placas de alongamento médio), duas estão entre 2 e 2,5 (placas alongadas).

9. para 21 placas em que foi possível determinar a relação de altura entre a Cabeça e a altura total da placa, duas afastam-se em extremos: a placa X1-1, em que a Cabeça ocupa apenas 20% da altura da total da placa, e a «placa cabeçuda» MB-258, em que a Cabeça corresponde a 54% da altura total. A propósito da placa J.8-688 de STAM-3 (Gonçalves, 2003a, Fig. 94, p. 197), também uma «placa cabeçuda», chamei a atenção para evidentes paralelos nas antas e *tholoi* daquele grupo (Olival da Pega 1, *tholos* Farisoa 1 b, Passo 1, mas muitos outros exemplos são possíveis, ainda que esta seja, dentro de cada monumento, uma situação sempre minoritária.

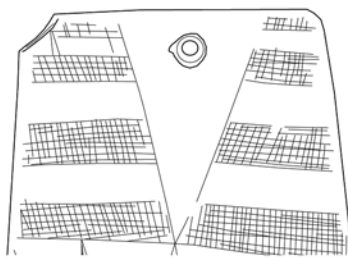
Que nos dizem estes números, já que a língua, morta há muito tempo, seja difícil de sequer imaginar...?

1. a extrema raridade das placas de xisto gravadas recortadas;
2. a extrema raridade das placas de xisto gravadas em ambas faces;
3. o claro domínio dos triângulos preenchidos como motivo principal do Corpo, deixando, no Monte da Barca, o segundo classificado bem longe (17 placas de xisto gravadas com triângulos contra as quatro com faixas ziguezagueantes);
4. o pequeno número dos Separadores Cabeça-Corpo mais elaborados;
5. 100% de placas uniperfuradas falam por si;
6. a minoria, ainda que por números não muito significativos, das faixas radiantes, na Cabeça das placas, sobre os outros tipos;
7. o domínio estatístico das Cabeças triangulares, ainda que com variantes, sobre as trapezoidais.

Seria interessante tratar estatisticamente os grandes conjuntos de placas de xisto gravadas para encontrar coerências a nível local e regional. Mas é isso mesmo que se está a tentar fazer no Projecto PLACA NOSTRA.



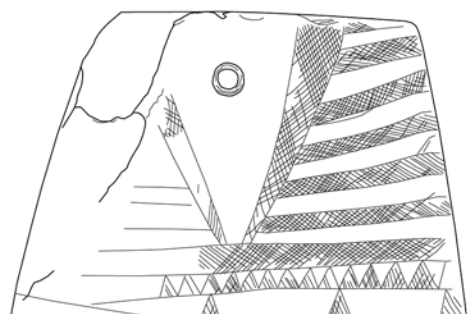
MB-251



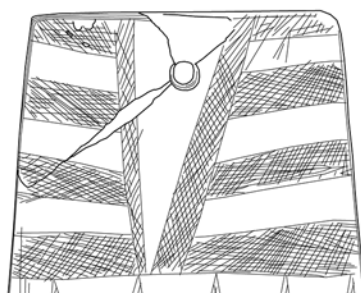
MB-252



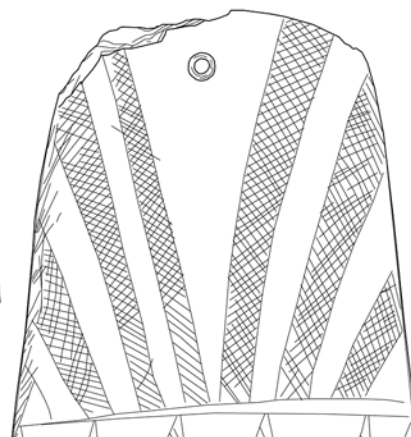
MB-254



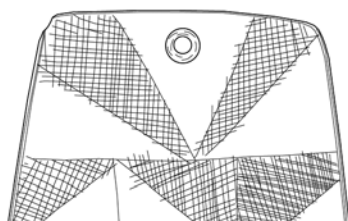
MB-255



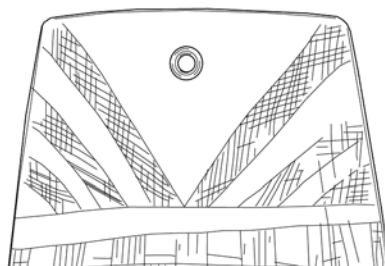
MB-257



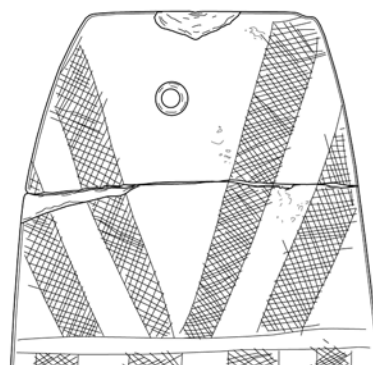
MB-258



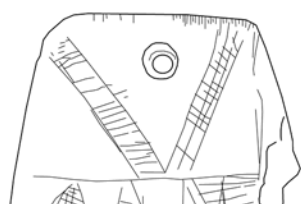
MB-259



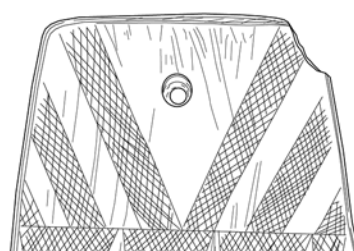
MB-261



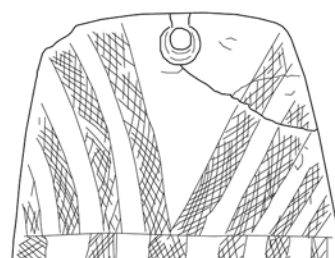
MB-263



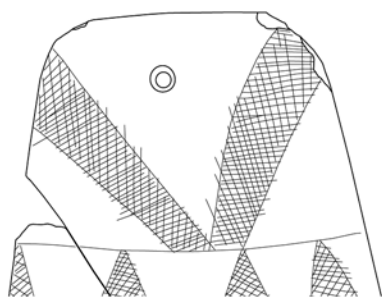
MB-264v



MB-265



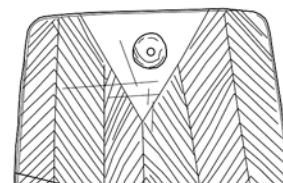
MB-266



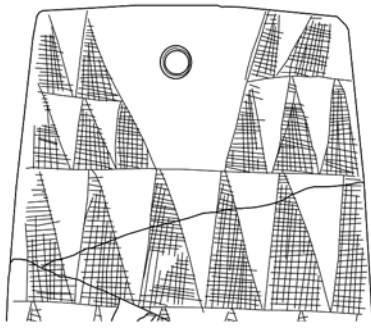
MB-294



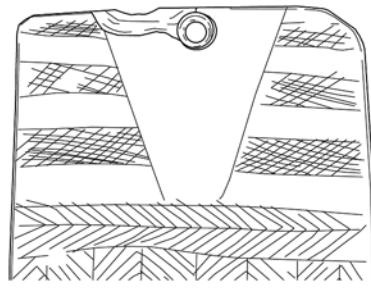
MB-295



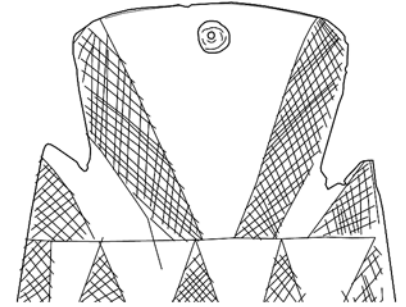
MB-XI-1



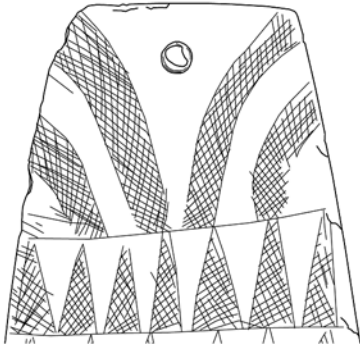
MB-267



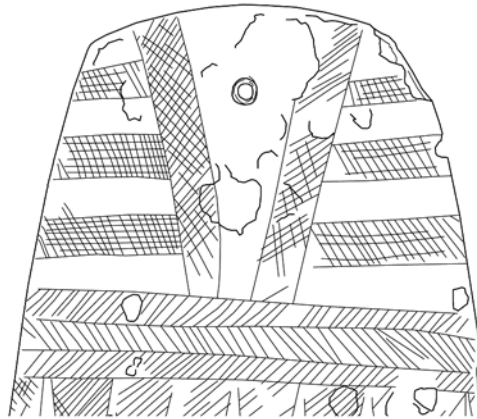
MB-270



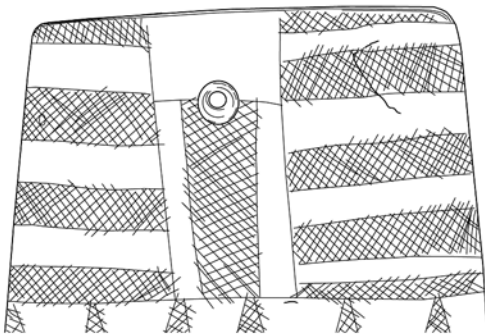
MB-X-1



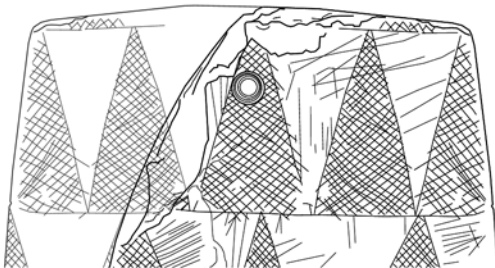
MB-254



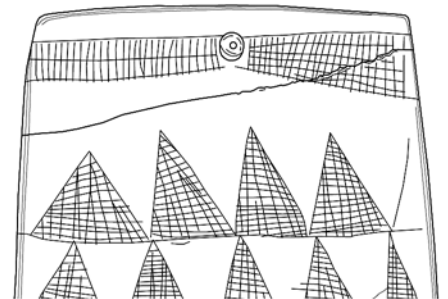
MB-256



MB-260



MB-253



MB-X-2

FIG. 2-11-A e B Cabeças das placas de Monte da Barca. Triangulares ou triangulóides (Fig. 2-11-A), molduradas (MB-255, -257, 295) ou simples (as restantes). Trapezoidais (trapezoidais típicas: MB-267, -270, -X-1; Subgrupo das trapezoidais: MB-254, -256). Rectangulóides (MB-260). Sem Cabeça (MB-253). Com espaço de Cabeça não delimitado (MB-X-2).

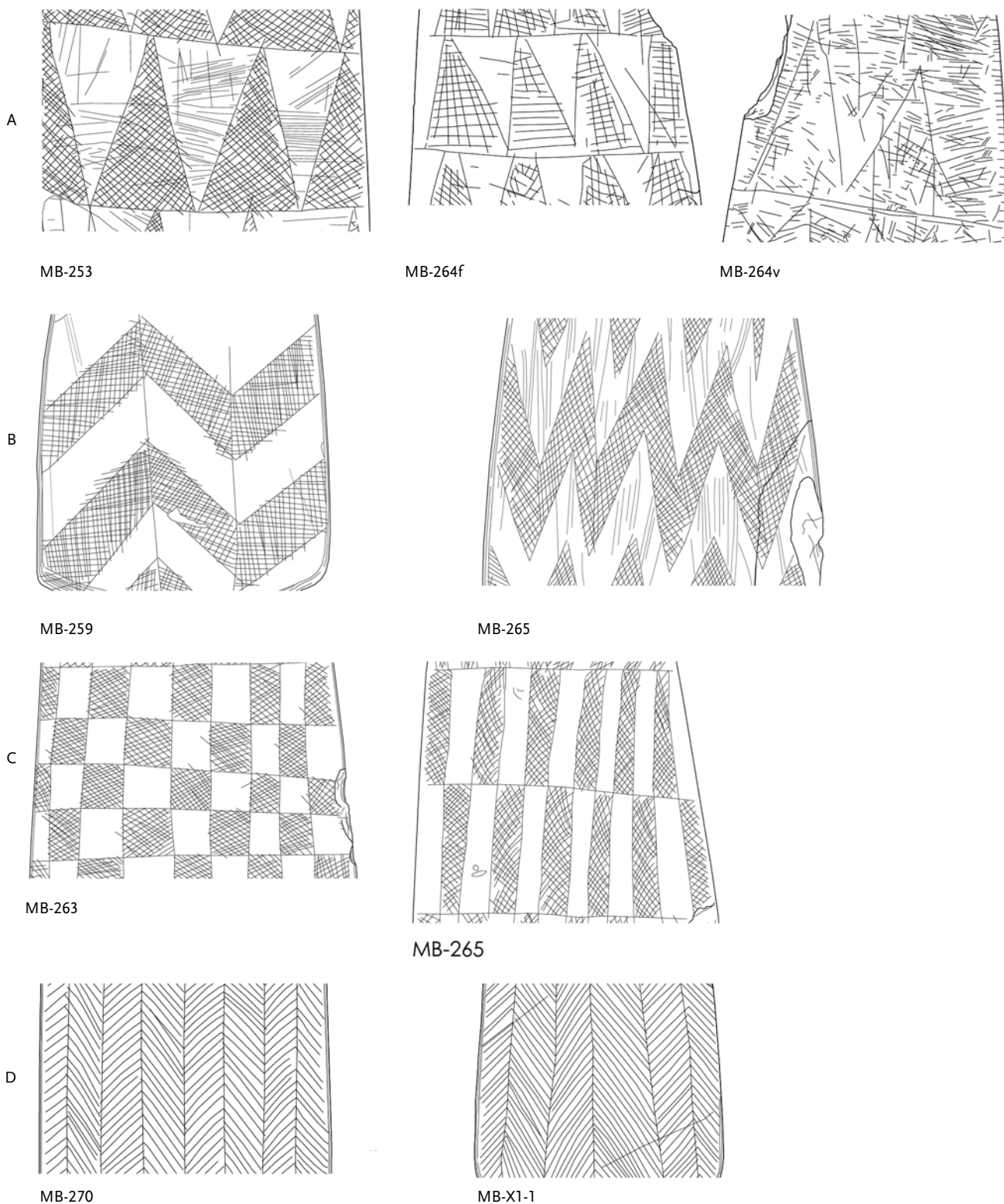
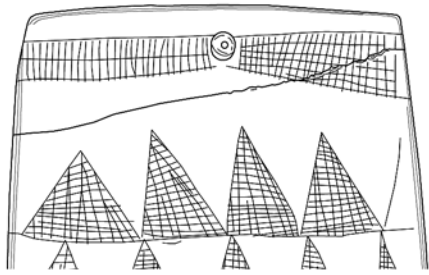
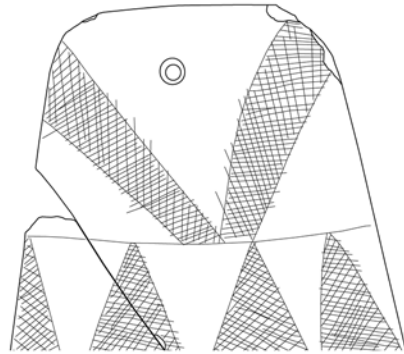


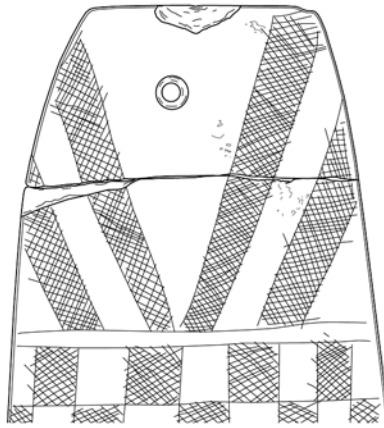
FIG. 2-12 Placas de Monte da Barca: os quatro principais motivos do Corpo. A: Triângulos preenchidos com o vértice para cima nas suas versões clássica (MB-253) e caótica (MB-264 verso) ou mal cuidada (MB-264 face). B: faixas ziguezagueantes organizadas por linhas-guia (MB-259) ou sem elas (MB-265). C: Xadrez com quadrados (MB-263) e retângulos (MB-265). D: faixas verticais preenchidas, paralelas (MB-270) e ligeiramente convergentes para o topo (MB-XI-1).



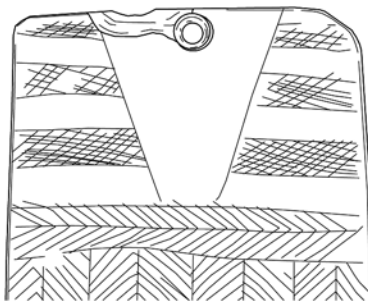
MB-X3



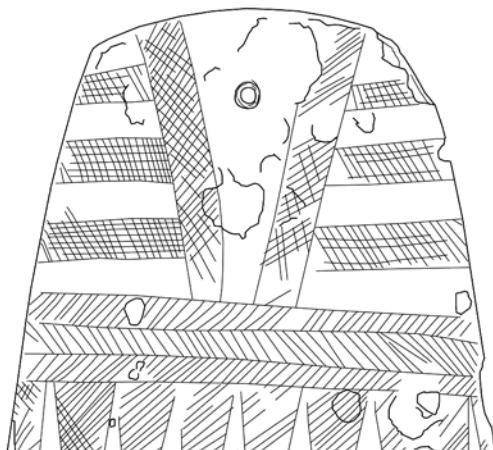
MB-294



MB-263

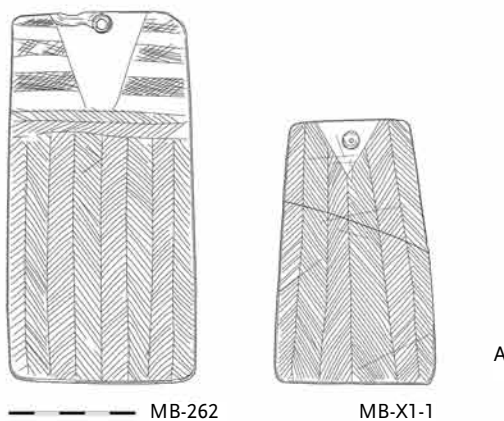


MB-262



MB-256

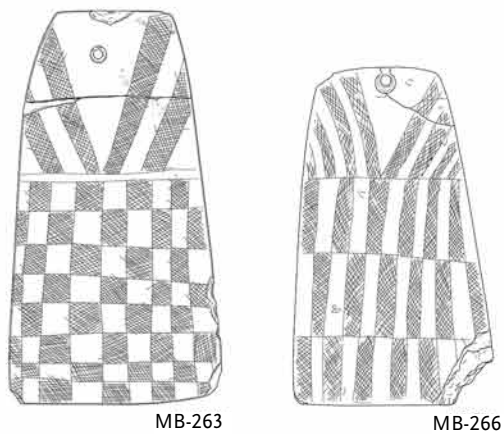
FIG. 2-13 Separadores Cabeça-Corpo nas placas do Monte da Barca. MB-X-3: sem Separador. MB-294: um fino traço inciso como Separador. MB-263: uma faixa como Separador (neste caso, vazia). MB-262: duas faixas como Separador (neste caso, preenchidas por traços oblíquos com orientação diversa de faixa para faixa). MB-250: três faixas como Separador (preenchidas por traços oblíquos com orientação diversa de faixa para faixa). Em outros grupos megalíticos (no de Reguengos de Monsaraz, em Évora e Montemor o Novo, por exemplo), encontram-se maiores números de faixas e Separadores de maior complexidade.



A



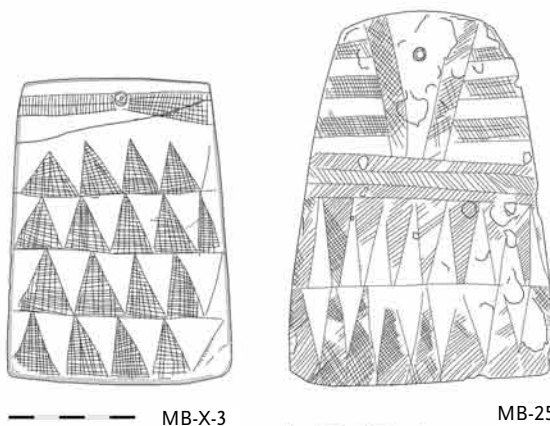
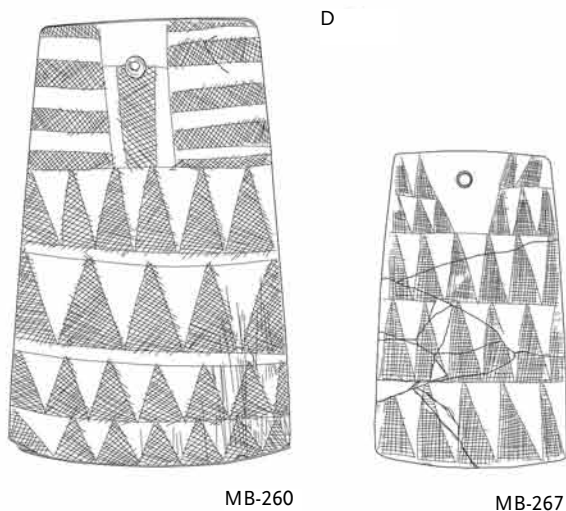
B



C



D*



MB-X-3

MB-256

FIG. 2-14 Catálogo síntese de formas e motivos das placas de xisto gravadas do Monte da Barca. A: placas com faixas verticais como motivo do Corpo, preenchidas com traços oblíquos de orientação diversa de faixa para faixa. B: placas com faixas zigzagueantes no sentido horizontal no Corpo, preenchidas, com e sem linhas-guia. C: placas com motivo em xadrez no Corpo, a primeira com quadrados, a segunda com rectângulos definindo duas subvariantes do motivo em xadrez. D: placas com triângulos no Corpo, distinguindo-se duas variantes, a dos triângulos afrontados pelo vértice (MB-256) e a das bandas de triângulos que não têm Separador do Corpo da placa. Destacou-se a placa recortada, ainda que mantida dentro do grupo.



MB-269a



MB-269c



MB-250

FIG. 2-15 Duas placas de que só se conhece a Cabeça e a placa anepígrafa MB-250.

Nas páginas seguintes:

FIG. 2-16 Placas com o corpo preenchido com faixas verticais e detalhe da face de MB-262. Placa (desaparecida) MB-XI-1: imagem recuperada, limpa e colocada à escala 1:1 a partir de Vicente, Andrade e Dias, 1974.

FIG. 2-17 Detalhe do Corpo de MB-262.



MB-262



MB-XI-1







FIG. 2-18 Placa MB-259 e detalhe.

MB-259





MB-268



MB-295

FIG. 2-19 Placas com faixas zigzagueantes preenchidas.

Nas páginas seguintes:

FIG. 2-20 Detalhe do Corpo da placa MB-268.

FIG. 2-21 Detalhe do Corpo da placa MB-295.







MB-265

FIG. 2-22 Placa
MB-265 e detalhe.





MB-261

FIG. 2-23 Placa
MB-261 e detalhe.





MB-263

FIG. 2-24 Placa MB-263.

Na página seguinte:

FIG. 2-25 Detalhe da placa MB-263.





MB-266

FIG. 2-26 Placa MB-266.

Na página seguinte:

FIG. 2-27 Detalhe da placa MB-266.





MB-X-1



MB-X-3

FIG. 2-28 Placas (desaparecidas) MB-X-1 e MB-X-3 (imagens recuperadas, limpas e colocadas à escala 1:1 a partir de Vicente, Andrade e Dias, 1974).



MB-251

FIG. 2-29 Placa MB-251.



MB-252



MB-253

FIG. 2-30 Placa MB-252, com a B1 preenchida com triângulos irregulares. Placa MB-253 reaproveitada, através do cuidadoso polimento do seu lado direito.

Na página seguinte:

FIG. 2-31 Detalhes da placa MB-252.



MB-252



MB-253



FIG. 2-32 Detalhes da placa MB-253 e vista do seu bordo repolido.
Nas páginas seguintes:
FIG. 2-33 Em cima, traços de polimento violento, em duas direcções, no verso da placa MB-253.
Em baixo, traços de polimento no verso da placa MB-265.
FIG. 2-34 Triângulo do Corpo da placa MB-252.



▲MB-253

▼MB-265







MB-254

FIG. 2-35 Placa MB-254 e detalhe da base do Corpo.





MB-255

FIG. 2-36 Placa MB-255.



MB-256

FIG. 2-37 Placa MB-256.

Na página seguinte:

FIG. 2-38 Detalhe da placa MB-256.





MB-257

FIG. 2-39 Placa MB-257.

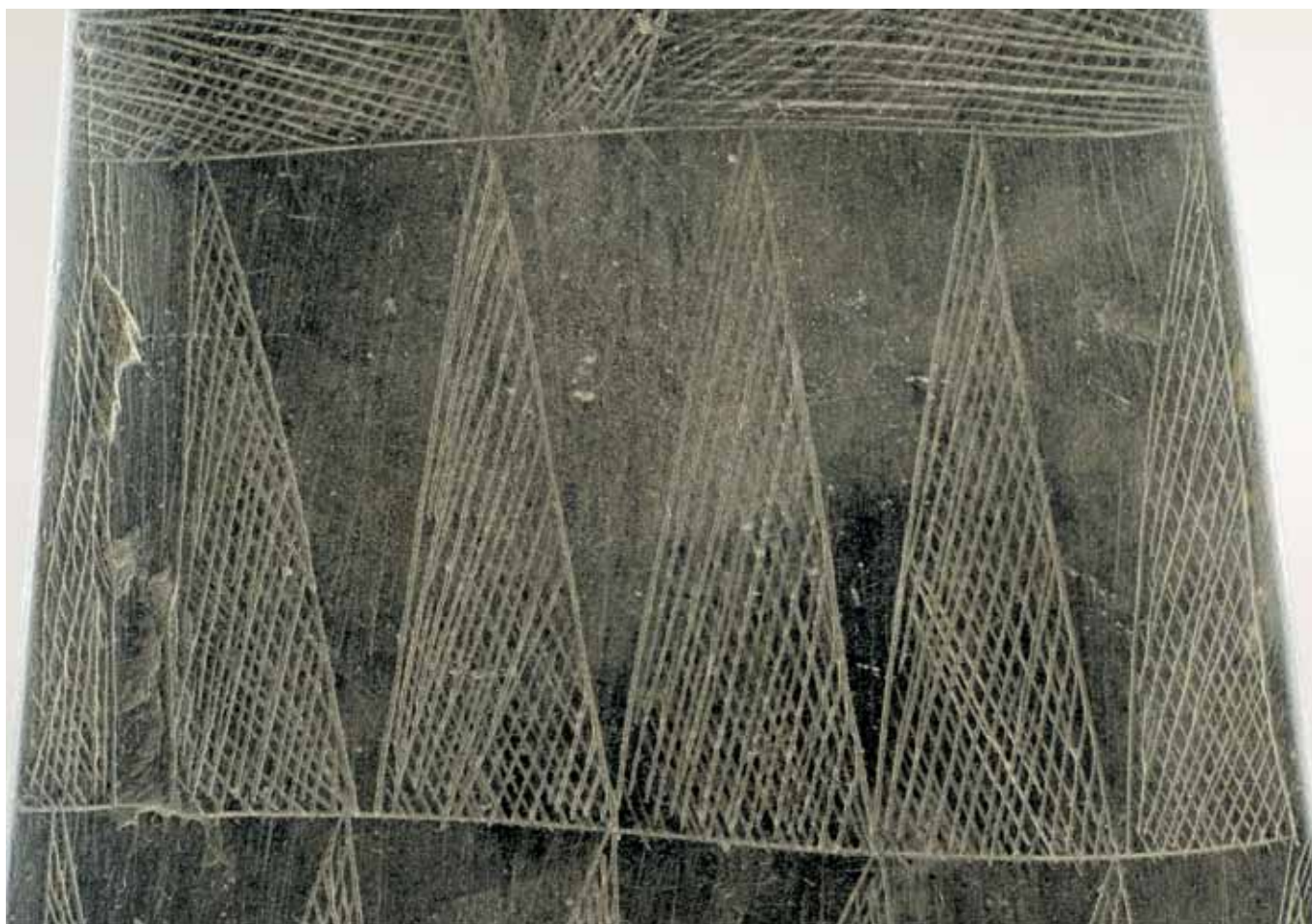


FIG. 2-40 Detalhes da placa MB-257.

MB-257



MB-258

FIG. 2.41 Placa MB-258.



MB-260

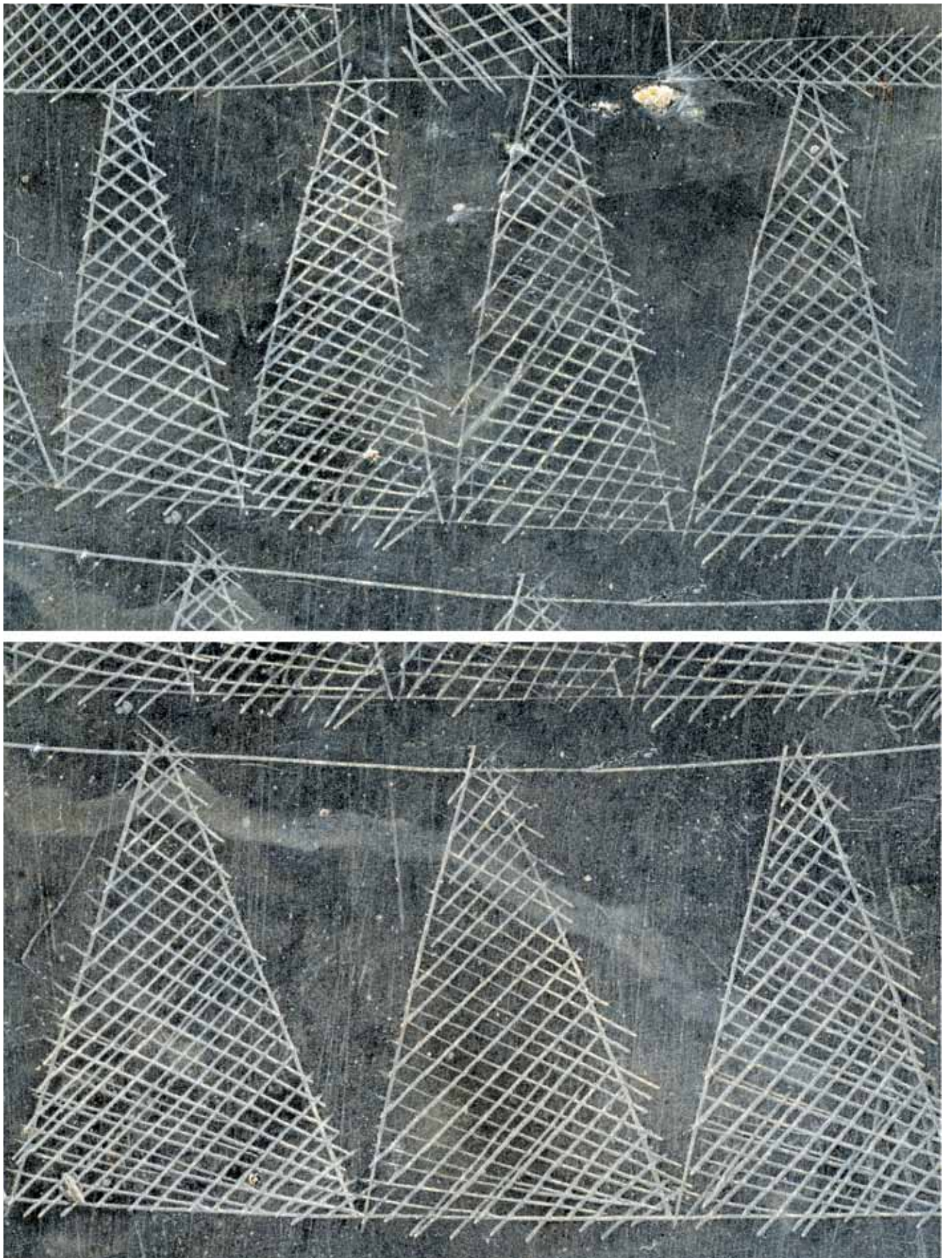
FIG. 2-42 Um excelente exemplo de gravação cuidada para uma placa de composição estudada: MB-260.

Nas páginas seguintes:

FIG. 2-43 Detalhe das bandas com triângulos da placa MB-260.

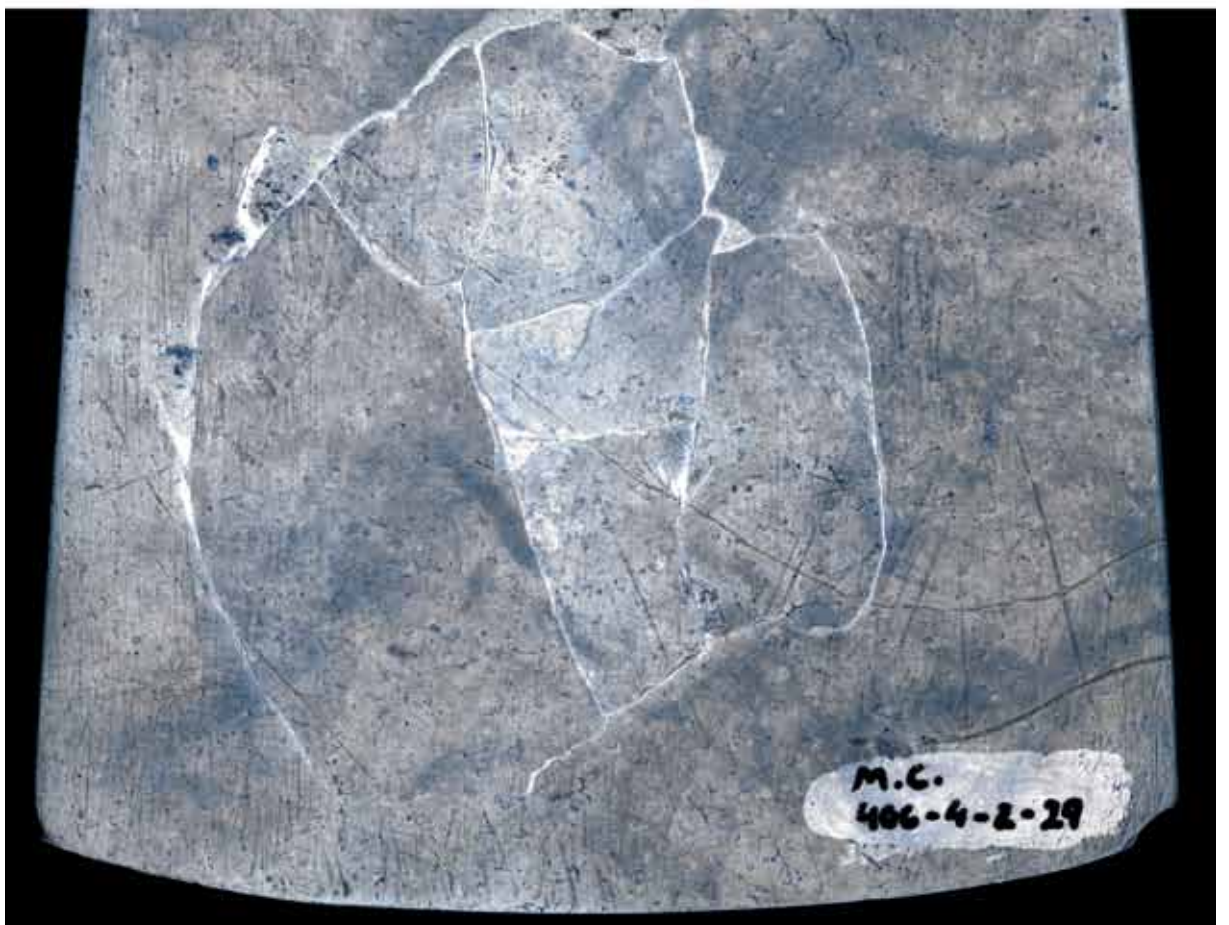
FIG. 2-44 Detalhe da Cabeça rectangular da placa MB-260.

FIG. 2-45 O verso da placa MB-260, onde é visível a numeração antiga e uma série complexa de linhas gravadas, entre as quais dois prováveis triângulos preenchidos. A imagem de baixo está fotograficamente invertida, para melhorar a definição dos traços.



MB-260





MB-260



MB-264

FIG. 2-46 As duas faces da placa MB-264.

Nas páginas seguintes:

FIG. 2-47 Detalhe da face da placa MB-264.

FIG. 2-48 Detalhe da face da placa MB-264.

FIG. 2-49 Detalhe do verso da placa MB-264.



MB-264 FACE



MB-264 FACE





MB-264 VERSO



MB-267



MB-269b



MB-269d

FIG. 2-50 Placas com triângulos no Corpo. MB-267 apresenta nas faces da Cabeça duas bandas de triângulos reticulados.

Nas páginas seguintes:

FIG. 2-51 Placas com triângulos no Corpo. MB-270 apresenta no verso intensos traços de polimento. MB-294 é uma placa com «Orelhas de Coelho».

FIG. 2-52 Em cima, detalhe da placa MB-270. Em baixo, detalhe da placa MB-294.

FIG. 2-53 As Cabeças das duas placas com «Orelhas de Coelho» MB-294 e -259.

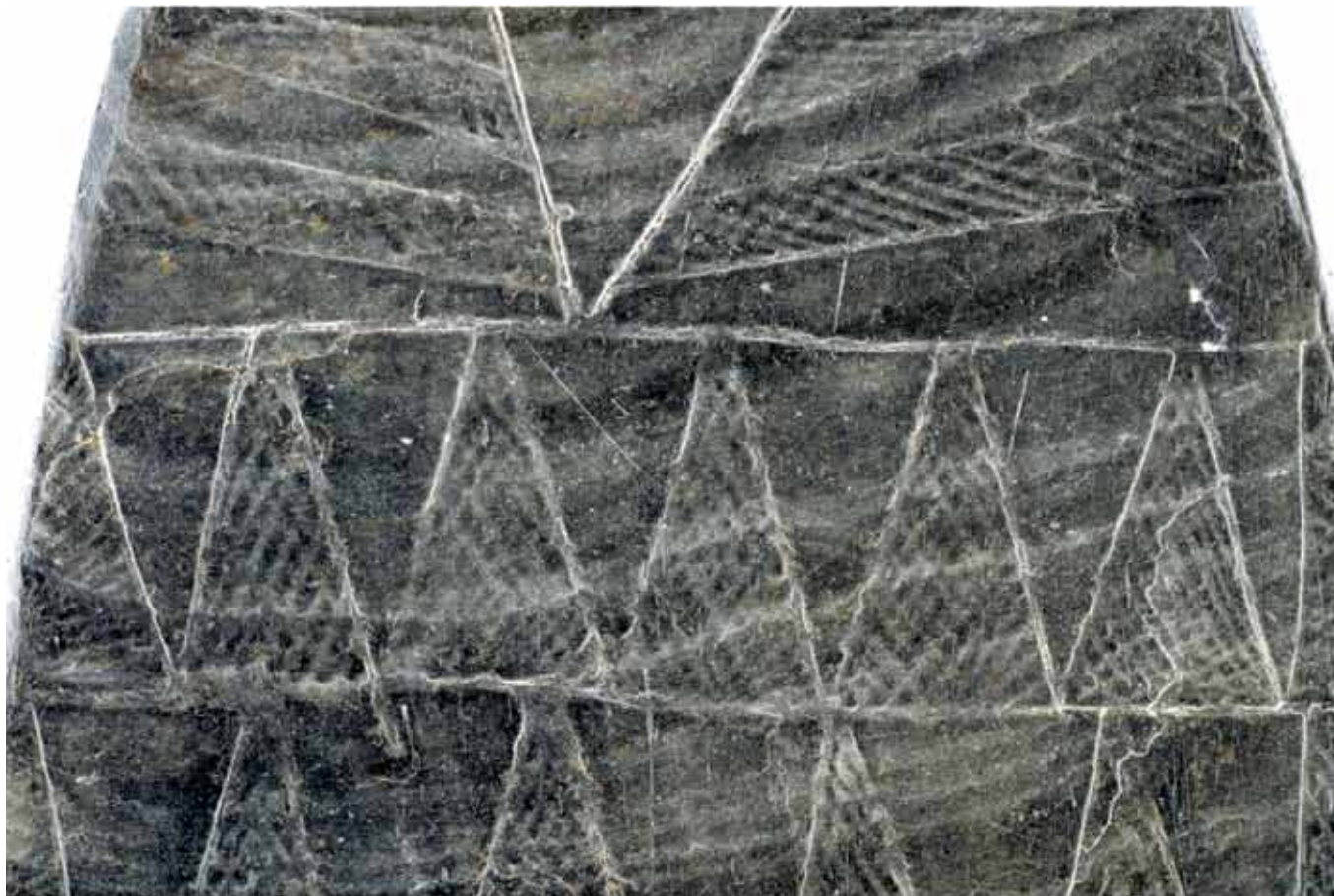


MoC.
406-4-2-29

MB-270



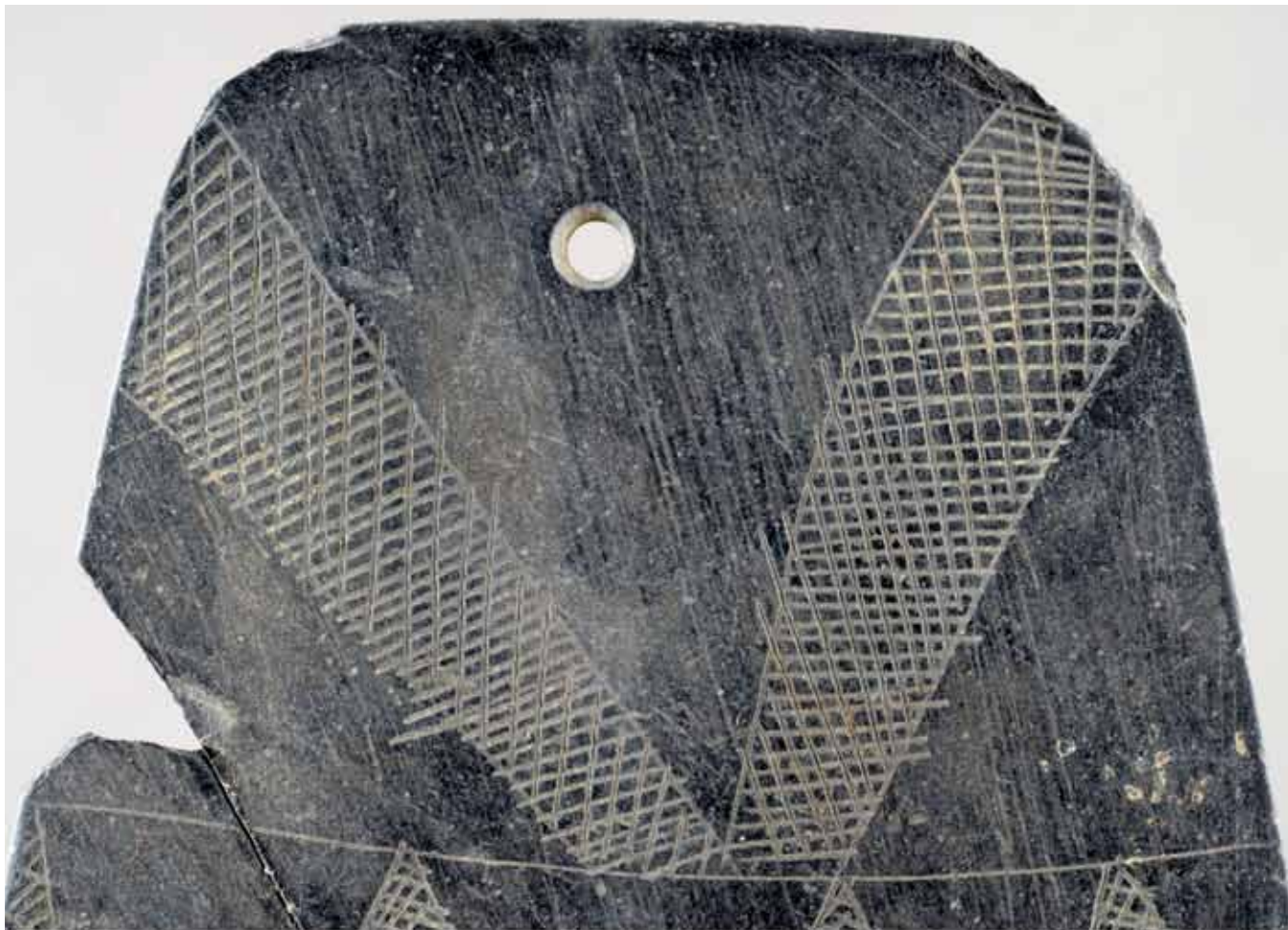
MB-294



▲MB-270

▼MB-294





▲MB-294

▼MB-259





MB-264f

FIG. 2-54 Detalhe da face da placa MB-264, vendo-se em cima a precisão da perfuração e em baixo um motivo em forma de pente.



▲MB-265

▼MB-256v



FIG. 2-55 Em cima, a perfuração correcta da face da placa MB-265. Em baixo, uma primeira tentativa falhada para perfurar o verso da placa MB-256, seguida por outra, com êxito.



▲MB-267

▼MB-262



FIG. 2-56 A Cabeça com triângulos estratigrafados nas faces, um motivo raro, da placa MB-267, com um Separador simples de um só traço. Em baixo, a junção Cabeça Corpo, através de um Separador com duas faixas, da placa MB-262.



TRÊS

OS BÁCULOS
DO MONTE DA BARCA

Ao clarear o dia, levantei o báculo e chamei os guerreiros

Memórias de um Chefe de aldeia

3.1. OS TRÊS BÁCULOS RECOLHIDOS EM 1971 NO MONTE DA BARCA E PUBLICADOS EM 1974 (ENTRETANTO DESAPARECIDOS)

OS BÁCULOS DO MONTE DA BARCA representam uma categoria quase ausente do Museu Municipal de Coruche, uma vez que todos os recolhidos por Prescott Vicente e companheiros desapareceram entretanto, em circunstâncias desconhecidas (o único artefacto de este tipo que pude descrever directamente foi o oferecido ao Museu pelo Presidente da Junta de Freguesia, e que não consta do artigo de 1974). Os desaparecidos foram comentados a partir das fotografias publicadas, ainda que não sejam possíveis medidas rigorosas e naturalmente completamente desconhecido o seu peso. Sobre eles, é o seguinte o comentário divulgado ao 3.º Congresso:

/⁹⁹ ...«e) – Báculos de xisto gravados – Estampa XII e XIII.

3 báculos com desenhos gravados só numa face, sendo:

1 quase completo, pois faltam-lhe apenas pequenas lascas no bordo do canto inferior da parte mais larga e com uma pequena falha no bordo exterior, talvez resultante de pancada violenta. É reproduzido na estampa XII;

2 incompletos, a que faltam as extremidades mais estreitas. Estão reproduzidos na estampa XIII;

1 fragmento de xisto que, pelas dimensões e forma, deveria ter pertencido a outro báculo. O maior dos três báculos é o que está quase completo. Tem 460 mm de comprimento, 128 mm na parte mais larga e 33,5 mm na mais estreita. A espessura máxima é de 13,5 mm. A face anterior é ligeiramente abaulada, curvatura que se esbate para a parte mais larga. Está coberta por desenhos de três tipos diferentes, dispostos em 47 faixas transversais; apenas nos últimos 60 mm da parte mais estreita é lisa, sem qualquer figura. Estes desenhos são os seguintes:

- faixas de triângulos isósceles preenchidos com desenho retiforme e com os vértices mais agudos apontando para a parte mais larga do báculo. É semelhante ao desenho do 1.º tipo das placas;
- grupo de quatro faixas estreitas de rectângulos preenchidos alternadamente com desenho retiforme, formando xadrez. É semelhante ao desenho do 3.º tipo das placas;
- grupo de quatro faixas estreitas, sendo duas com desenho retiforme, dispostas alternadamente, com outras sem preenchimento.

Na fotografia da estampa XII pode ver-se a distribuição destes três tipos de desenhos pelas 47 faixas transversais.

O desenho com faixas de triângulos é quase igual ao de um báculo da Anta do Couto dos Enchares, no Crato, diferindo apenas em parte, pela posição dos vértices mais agudos nos triângulos das seis primeiras faixas que apontam para o lado oposto.

Um dos báculos incompletos mede na parte mais larga 92 mm e 50 mm junto ao local onde está quebrado. O que dele existe tem de comprimento 240 mm. A espessura máxima é de

12 mm. Ambas as faces são um pouco abauladas, com curvatura mais acentuada na anterior, que se esbate para a parte mais larga.

^{/100} É coberto por faixas transversais com desenhos dispostos em espinha, parecendo um motivo vegetal de folhas inseridas num caule. Este efeito é obtido por faixas oblíquas convergentes que, alternadamente, são preenchidas com desenho retiforme, como se vê no n.º 2 da estampa XIII.

O outro báculo incompleto mede, na parte mais larga, 75 mm, e 55 mm junto ao local onde está quebrado. O que dele existe tem de comprimento 240 mm. A espessura máxima é de 9,5 mm. É quase plano, mas próximo à curva do báculo, onde é mais largo, é também um pouco abaulado. Está coberto por faixas longitudinais com desenhos. Ao longo dos bordos, interior e exterior, há uma faixa de triângulos isósceles preenchidos com desenho retiforme e com os vértices mais agudos voltados para a zona central do báculo. Junto a cada uma destas faixas e tangente aos vértices dos triângulos, há outra faixa também preenchida com desenho retiforme. A faixa central não tem desenho. Está figurado no n.º 1 da estampa XIII.»

(Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 99-100)

■ MB-XII – Fig. 3-1 (à esquerda) e 3-2 (em cima).

Este notável báculo, encurvado para a sua direita, como todos os restantes, tem uma altura máxima de 23,5 cm e uma largura no eixo horizontal da Cabeça de 10,6 cm. Não há propriamente uma distinção na decoração distribuída por toda a face gravada, ocupada por pequenos triângulos em banda. A arrumação destes triângulos e das bandas separadoras em xadrez é a seguinte, de cima para baixo:

1. 22 bandas de TPVC;
2. uma banda com quatro linhas de xadrez muito irregulares;
3. duas bandas de TPVC;
4. uma banda com quatro linhas de xadrez irregulares;
5. uma banda com TPVC;
6. uma banda contendo duas bandas reticuladas;
7. quatro bandas com TPVC;
8. uma banda contendo duas bandas reticuladas;
9. duas bandas com TPVC;
10. um espaço livre, não gravado.

Corresponde esta distribuição a uma organização significativa do espaço, em que as primeiras 21 bandas de TPVC correspondem à Cabeça do báculo e o restante ao seu cabo?

As figurações de báculos sobre xisto são imagens basicamente realistas de um artefacto simultaneamente sociotécnico e ideotécnico. Não têm que corresponder forçosamente a morfologias específicas do mesmo artefacto usado no mundo real. E que aliás, por ter desaparecido totalmente dos registos, seria muito provavelmente de matéria perecível, como a madeira. A noção de cabeça e de cabo são assim uma leitura subjectiva que varia com o artesão.

■ MB-XIII-1 – Fig. 3-1 (à direita, em cima) e 3-2 (à esquerda, em baixo).

Este pequeno báculo tem como motivo central, acompanhando da ponta ao fim, o desenvolvimento do artefacto, duas faixas encurvadas reticuladas, ladeadas por triângulos preenchidos com os vértices apontados para elas. Está fragmentado na extremidade proximal. A altura actual é de 12,1* e a largura máxima na Cabeça de 6,1 cm.

■ MB-XIII-2 – Fig. 3-1 (à direita, em baixo) e 3-2 (à direita, em baixo).

Este pequeno báculo tem como motivo único faixas adossadas umas às outras, sendo ainda observáveis 13 delas, preenchidas com faixas rectilíneas reticuladas, dispostas de forma a comporem falsas faixas ziguezagueantes. As falsas faixas ziguezagueantes são assim designadas por fornecerem um efeito visual à distância de faixas ziguezagueantes, mas na realidade as faixas que compõem os motivos estão desacertadas, convergindo uma reticulada com outra vazia. Está fragmentado na extremidade proximal. A altura actual é de 12,1* e a largura máxima na Cabeça de 7,6 cm.



FIG. 3-1 Os três báculos do Monte da Barca desaparecidos (desenho sobre fotografia de Vicente, Andrade e Dias, 1974, Est. XII e XIII).

► FIG. 3-2 Fotografia dos três báculos desaparecidos (segundo Vicente, Andrade e Dias, 1974, Est. XII e XIII).



MB-XII



MB-XIII-1

MB-XIII-2

3.2. O BÁCULO MB-293

COM O PESO ACTUAL de 300,94* gramas, o báculo MB-293 é o único reconhecidamente existente dos quatro inicialmente recolhidos no Monte da Barca.

O báculo apresenta-se fragmentado no topo, no que pode ter sido uma fractura antiga, e apresenta no seu bordo côncavo, o esquerdo, dois ferimentos de pico ou picareta. A sua altura integral não é mensurável, sendo a actual 32 cm*. Exactamente 10,7 cm abaixo da extremidade proximal, há um traço horizontal bem definido, que separa a área deixada sem decoração da do topo. Esta última, na sua parte visível, apresenta seis bandas verticais preenchidas com retícula e ainda uma muito incompleta, cujo desenvolvimento, tal como o da imediatamente anterior, se faria apenas na parte mais larga do encurvamento da peça. A largura da linha delimitadora é de 59,78 mm (6 cm, por arredondamento) e a maior largura medida com segurança da peça fixa-se em 78,40 mm (8 cm, por arredondamento). Na parte não decorada, vêem-se traços de polimento. O verso do báculo não foi decorado.

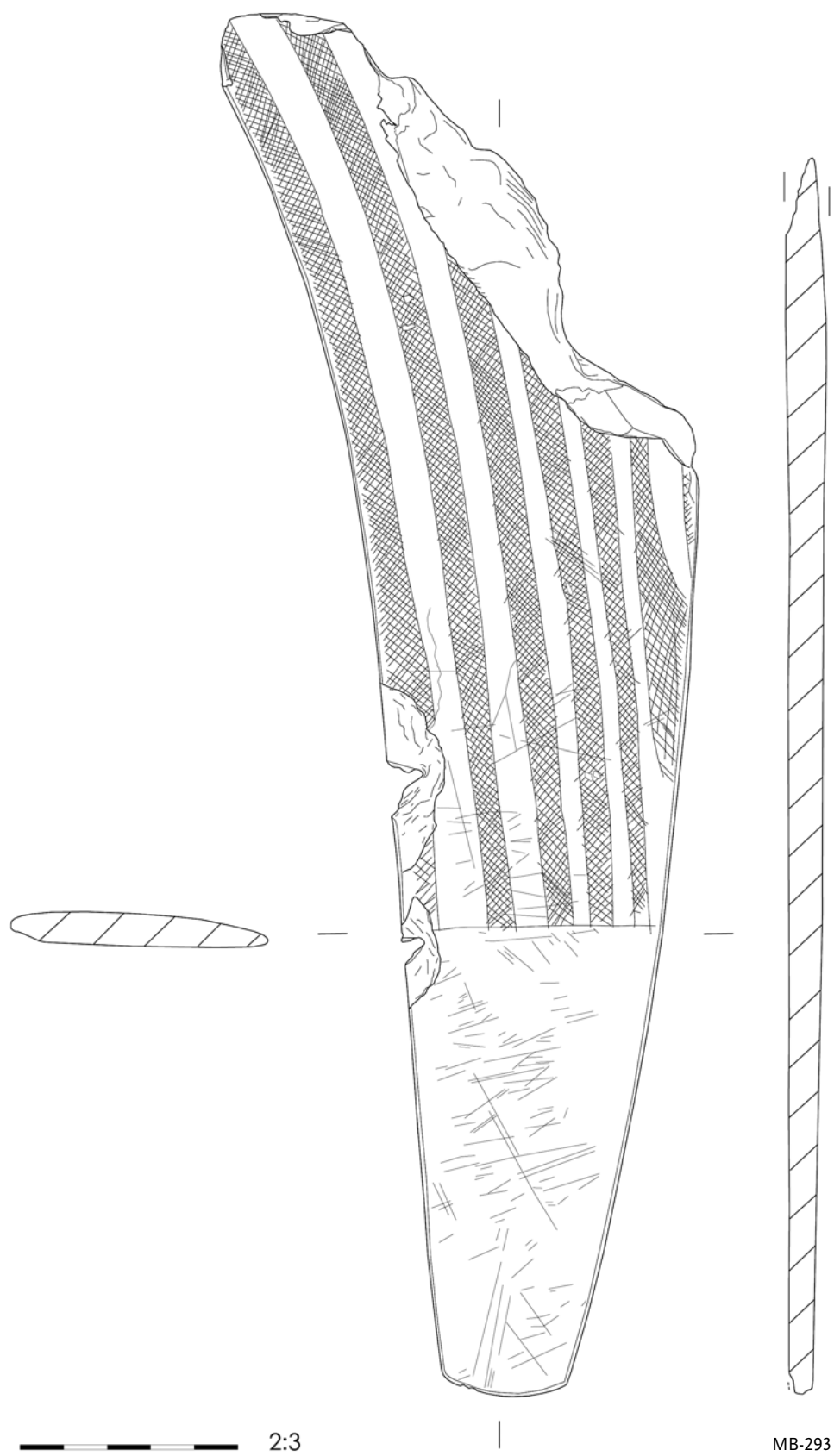


FIG. 3-3 Desenho do Báculo MB-293.



FIG. 3-4 Fotografia do Báculo MB-293.
Na página seguinte:
FIG. 3-5 Detalhe.



3.3. COMENTÁRIO AOS BÁCULOS DO MONTE DA BARCA

NA VERDADE, OS TRÊS BÁCULOS DE XISTO desaparecidos e o MB-293 configuram quatro tipologias distintas quanto aos motivos neles gravados e três quanto ao tamanho. Se eles são, como se pensa, símbolos de chefia, marcas de poder vertidas em xisto e acompanhando o chefe morto, teríamos aqui quatro gerações representadas, quatro chefaturas diferenciadas pelos motivos decorativos gravados no suporte:

1. báculo da Fig. 3.1., à esquerda: pequenos triângulos esguios, com o vértice para cima, compartimentados;
2. báculo da Fig. 3.1. à direita, em cima: triângulos no contorno do artefacto com vértices para o interior, moldurados por bandas reticuladas;
3. báculo da Fig. 3.1. à direita, em baixo: faixas ziguezagueantes reticuladas, com linhas-guia. A convergência das faixas faz-se na sequência desencontrada faixa lisa – faixa preenchida;
4. báculo da Fig. 3.3.: artefacto de grandes dimensões, com a representação do cabo assinalada por um espaço não decorado. A parte conservada está preenchida por bandas reticuladas.

O significado de estes artefactos não suscitou, apesar de tudo, grande controvérsia, sendo tradicionalmente referidos como simbolicamente associados ao báculo do pastor, ele próprio transposto para a categoria mais ampla e simbólica de pastor de povos (Gonçalves, 1993d). Isto não quer dizer que se trate apenas de um grande chefe mágico-religioso ou de um grande chefe de grupo. Provavelmente, trata-se da fusão dos dois.

Em grupos coevos do Leste europeu, a escultura de um indivíduo masculino sentado numa cadeira ou trono tem por vezes um instrumento parecido pousado sobre o ombro. Na verdade, o artefacto assim representado parece mais um *boomerang* que um báculo. O que não acontece em monumentos megalíticos e menires, em que as figurações, ainda que estilizadas, se aproximam muito da forma geral de estes artefactos ideotécnicos.

No antigo Egipto, a situação é, e não é, clara. Nas dinastias mais antigas, o símbolo do poder é a maça, na realidade uma arma que ganha simbolismo pela sua geometria fatal em combate (Fig. 3-6, em cima). Depois, surge o báculo, isolado ou associado ao chicote (Fig. 3-6, em baixo, e 3-7). Mas é a sua figura de instrumento dos pastores, e dos pastores de povos, que assinala esse aspecto, também mágico-religioso. Tal como mais tarde os báculos do bispo, pastor de ovelhas com duas patas, e dos rebanhos do cristianismo.

E os báculos da Bretanha têm provavelmente os mesmos significados, quer estejam gravados em antas ou em menires, como em Portugal, com formas sempre muito similares. Fixos na pedra ou móveis, em madeira para os vivos, em xisto gravado para os chefes mortos.



FIG. 3-6 Em cima, paleta do rei Narmer, onde o vemos empunhando uma maça de combate, antigo símbolo de poder (segundo el-Mallakh e Brackman, 1978). Em baixo o chicote (*nekhakha*) e o báculo (*heka*) de Tutankhamon (segundo Bongioanni e Croce, 2001).



FIG. 3-7 À esquerda, Ramsés II sentado no trono, empunhando um dos símbolos do poder faraônico. À direita, Seti I e a Deusa Ísis. Segundo Schulz e Seidel, eds., p. 172, Fig. 46 e p. 209, Fig. 117.

Não fazemos naturalmente ideia, por falta de dados antropológicos, sobre a duração das gerações no terceiro milénio nem sobre a duração média das chefaturas. No entanto, não existe, no conjunto identificado, qualquer artefacto que possa ser atribuído com segurança ao 4.º milénio. Também, em verdade, nada parece representar a segunda metade do 3.º milénio. Por outro lado, a gramática decorativa dos báculos é claramente idêntica à das placas, mudando apenas a orientação e as combinações dos motivos, o que é totalmente compreensível se observamos as completamente diferentes morfologias dos artefactos.

Recordaria que apenas um dos báculos se encontrava inteiro (MB-XII), registando os autores do artigo de 1974, para ele, uma altura de 46 cm, o que o torna efectivamente um grande báculo. Mesmo com reconstituições optimistas, nenhum dos outros báculos se lhe compara.

O que é muito interessante nos quatro báculos do Monte da Barca é que só a decoração de dois (MB-293 e MB-XIII-1) se aproxima e ainda assim não é igual. Na verdade, são quatro báculos diferentes, o que pode reforçar a ideia de que são símbolos de quatro chefaturas diferenciadas. Talvez o maior (MB-293) correspondesse a uma chefatura e MB-XIII-1 à chefatura seguinte, mas é impossível, sem a sua associação às deposições funerárias específicas, afirmá-lo.

Em Coruche, três monumentos megalíticos ortostáticos revelaram figurações de báculos.

O báculo da Anta Sul de Vale de Gato (Fig. 3-8) é o fragmento de um exemplar xisto idêntico aos do Monte da Barca.

Na Anta Oeste da Estrada de Montemor, um pequeno vaso carenado e corpo hiperbolóide foi decorado por impressão com figurações de báculos (Fig. 3-9, em cima). Na Anta do Chapelar, sobre uma forma cerâmica idêntica foram aplicados cordões cerâmicos que também representam báculos.

Ambos são provenientes das Câmaras dos respectivos monumentos.

Seriam os vasos dos Chefes?

A Anta Oeste da Estrada de Montemor, à parte dois trapézios de sílex, apresenta materiais inseríveis na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. e da primeira metade de este último. A cerâmica é evoluída e entre a relativamente numerosa pedra polida há uma goiva de anfibolito. Dois geométricos de sílex.

A Anta do Chapelar apresenta também um espólio evoluído, com placas de xisto gravadas e pontas de seta. Cerâmica do 3.º milénio. Igualmente, dois geométricos de sílex.

Mas, tão perto das grandes concentrações de placas de xisto gravadas, a primeira anta tem apenas quatro placas de xisto gravadas e a segunda sete.

Um fundo mais antigo e uma ocupação mais recente, com a cerâmica representando báculos? Tal como em Reguengos de Monsaraz, as reocupações de antigas estruturas ortostáticas são frequentes e as escavações de Manuel Heleno não permitem análises mais finas da situação.

Báculos sobre cerâmica são mais antigos que báculos de xisto?

Talvez.



FIG. 3-8 Topo de báculo de xisto gravado da Anta Sul de Vale de Gato e detalhe da divisão do topo e do cabo.



MNA 2004.382.13

1:1



MNA 2004.435.5

FIG. 3-9 Vasos com representações de báculos, o de cima, MNA 2004.382.13 (Anta Oeste da Estrada de Montemor), com a decoração impressa, o de baixo, MNA 2004.435.5 (Anta do Chapelar), com aplicações de argila. Ambos provém das Câmaras dos monumentos. Museu Nacional de Arqueologia.

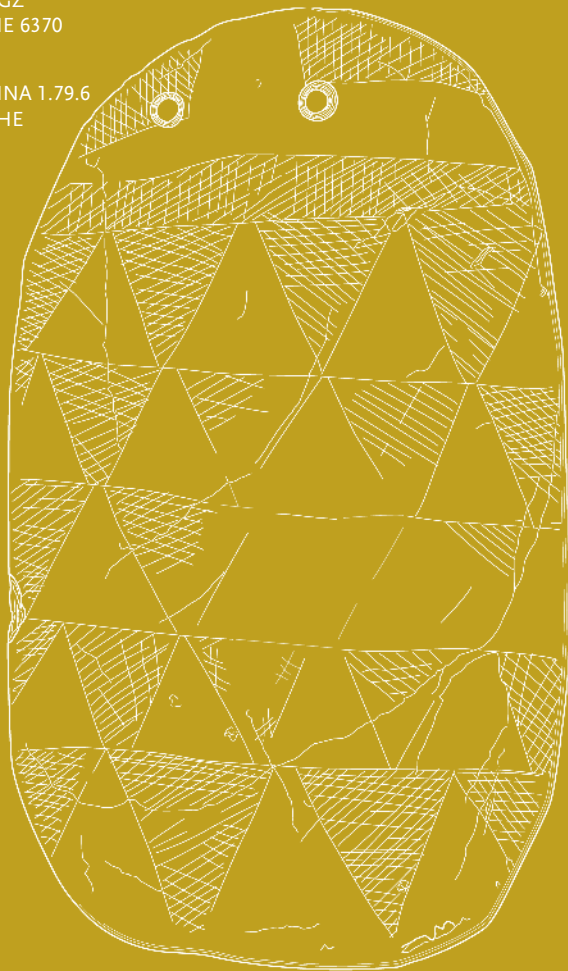


AGZ
ME 6370

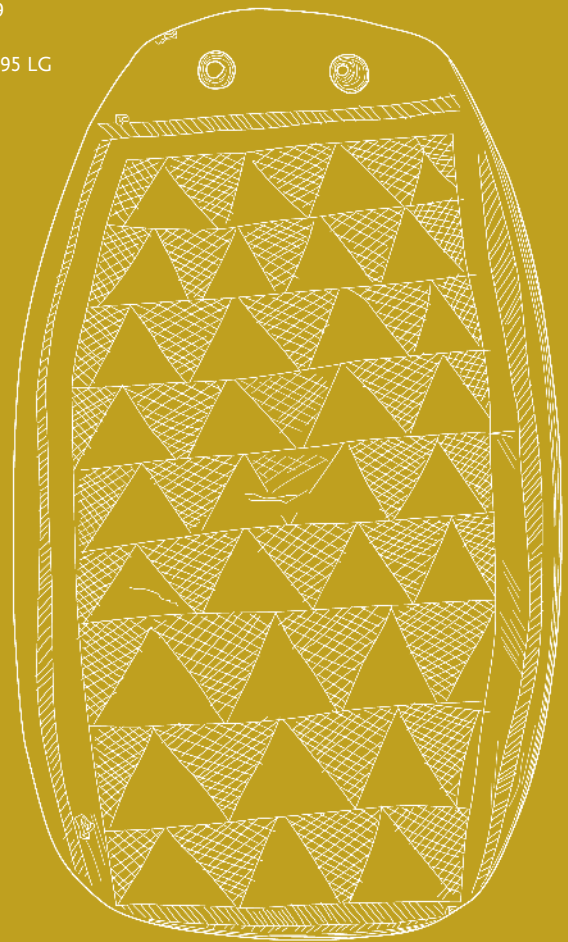


AGZ
ME 6369

MNA 1.79.6
THE



MNA 6495 LG



QUATRO



ALGUMAS BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE EXEMPLOS, PARALELOS E CASOS DE ESTUDO

Regressado a Inglaterra, revi as minhas notas de viagem

Charles Darwin

4.1. AS PRIMEIRAS LEITURAS, EM 1974, E UM SEU RÁPIDO COMENTÁRIO

NOS INÍCIOS DOS ANOS 70 DO SÉCULO 20, uma das preocupações maiores dos arqueólogos que trabalhavam em Pré-História era estabelecer redes comparativas para os achados arqueológicos. Metodologicamente, partia-se daí para a identificação de uma origem ou de uma área «cultural». E isso a partir quase exclusivamente da análise dos artefactos considerados «fósseis-directores», na boa tradição de Vere Gordon Childe. A esse nível, é bem curioso observar de perto uma passagem do texto de 1974 (Vicente, Andrade e Dias, 1974, p. 102-103) já atrás citada (UM, p. 26-27). Onde os autores valorizaram como factores de análise positiva:

1. as similitudes dos motivos das placas de xisto gravadas e a sua indiscutível característica «dolménica»;
2. as cerâmicas, com formas próximas das antas de Reguengos e Crato;
3. a pedra polida, que lhes recorda os artefactos recolhidos nas antas do Crato;
4. os báculos, também eles «dolménicos»;
5. o que chamam «alabardas», similares às da Península de Lisboa.

e de análise negativa (pela ausência):

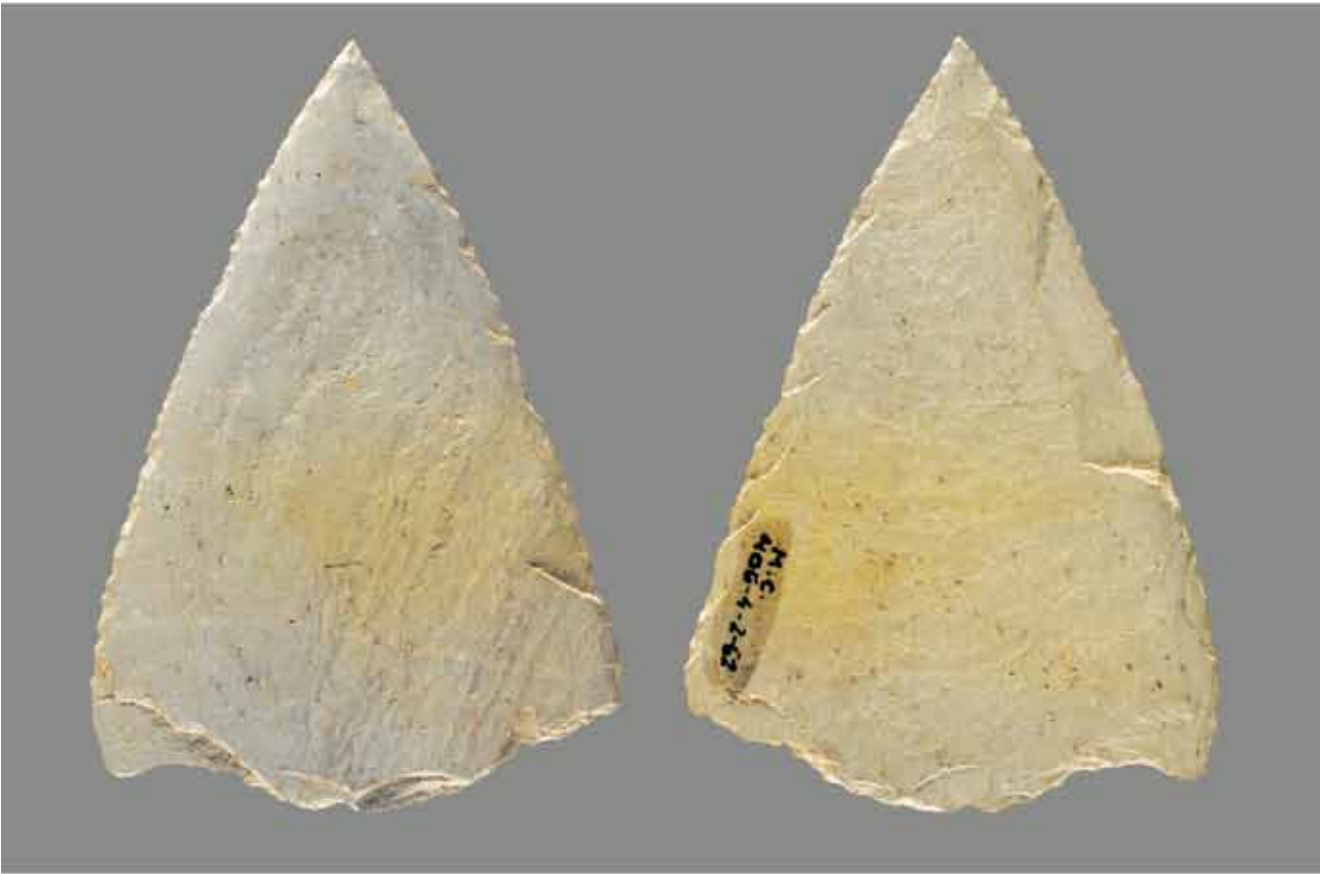
1. as pontas de seta;
2. os geométricos;
3. os lagomorfos de osso.

E acabam por reconhecer as dificuldades específicas e de leitura do contexto local e regional.

Sem dúvida que a referência à falta de dados publicados sobre as antas do concelho é uma indirecta para Manuel Heleno. Com efeito, os dados artefactuais sobre as antas de Coruche só recentemente foram recuperados, através dos reencontrados Cadernos de Campo do «grego»... sem coelhos, mas com geométricos e pontas de seta...

A questão das «alabardas» do Monte da Barca (na realidade, mais provavelmente, uma pequena «alabarda» e dois punhais) é uma questão complexa, devido ao carácter específico de estes artefactos. Coloco sempre a designação de «alabarda» entre aspas porque não temos a menor ideia sobre o tipo de encabamento que tiveram (nas verdadeiras alabardas, perpendicular ao cabo). A própria designação de «punhal» deveria ser sistematizada, talvez a partir da relação entre os eixos maior e menor, uma vez que há lâminas apontadas que são verdadeiros punhais e outros artefactos, com maiores eixos horizontais, que não sabemos bem para que serviam, ou, no caso dos artefactos votivos, que artefacto do quotidiano representavam.

► FIG. 4-1 «Alabarda» e punhal do Monte da Barca.



MB-291



MB-292

Presentes em esmagadora maioria nas necrópoles, muito raras em povoados, estudadas por Forenbaher (1999, p. 87-94), que as inclui na categoria das *large bifacial points*, as «alabardas» de sílex são comuns em toda a região do sílex, mas foram exportadas para áreas tão distantes como Reguengos de Monsaraz, onde estão descritas desde os Leisner (1951) e presentes nos meus próprios trabalhos (1999a). Essa importação indica uma de duas coisas: ou as «alabardas» tinham um significado simbólico concreto, que se difundiu, ou eram antes transportadas como componente de um «pacote» comercializável e a sua troca ou «venda» correspondia à difusão meramente artefactual, o que está longe de ser impossível.

No caso da «alabarda» de filito, trata-se da representação de um artefacto sobre um suporte completamente inadequado para a elaboração de utensílios. Primeiro, pela sua fragilidade. Depois pelo seu característico tipo de lascagem em lâminas finas, impossibilitando o retoque facial, a não ser o abrupto sobre o gume ou fio. É claramente *a imagem de um utensílio*, não *um utensílio*, o que acontece também, aliás, ainda que com implicações diferentes, com machados e enxós de pedra polida.

Sem dúvida que a atenção dedicada ao Crato deriva da publicação nos TAE dos numerosos artigos decorrentes da desgraçada intervenção de Agostinho Isidoro nas Antas daquele concelho e as referências a Reguengos derivam da seminal monografia dos Leisner, autores aliás referidos entre os sete citados na Bibliografia do artigo publicado em 1974. Talvez uma leitura mais atenta demonstrasse que também há lagomorfos (de xisto) em antas, em Reguengos, no Olival da Pega 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXIII, 67 e 68). No Crato, só muito recentemente se publicou o Coelho de pedra verde que aí recolhi, na Anta dos Penedos de S. Miguel (Gonçalves, 2009a, p. 533, Fig. 3.27, em cima). Geométricos (sobre lâmina) estão também presentes tanto nos monumentos megalíticos de Reguengos como nos do Crato. E nos de Coruche, infelizmente durante tanto tempo esquecidos nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia.

Claro que faltam no Monte da Barca as pontas de seta e os geométricos. E ambos, raramente associados, é certo, costumam estar presentes nos conjuntos funerários. Os geométricos nos monumentos da segunda metade do 4.º milénio. As pontas de seta, no 3.º milénio. E o facto, no que respeita às pontas de seta, é tanto mais estranho quando a associação de placas de xisto gravadas e pontas de seta parece ser frequente e umas quase inseparáveis das outras, pelo menos no 3.º milénio a.n.e..

4.2. PRESENÇAS E AUSÊNCIAS?

O CONJUNTO DE PLACAS GRAVADAS exumadas no sítio do Monte da Barca consiste actualmente em 29 exemplares, em melhor ou pior estado de conservação. No entanto, o número original seria provavelmente superior, uma vez que um número indefinido ficou na posse de particulares e só uma parte foi recuperada e está hoje no Museu de Coruche.

De este conjunto, salvaguarda-se uma placa anepígrafa, adiante referida (p. 140). A população tratada estatisticamente, sob a perspectiva das decorações, é portanto fixada em 28, com as reservas e limitações colocadas por três exemplares se encontrarem documentados fotograficamente, mas terem entretanto desaparecido, mas flutua de acordo com o tipo de análise. Mesmo os exemplares desaparecidos são usados para a estatística dos motivos principais, uma vez que deles temos imagens, apesar de os excluirmos de outras contagens, por não dispormos nem de medidas garantidamente correctas nem do peso. Para estes itens, o número de referência é, portanto, definido caso a caso.

Em 25 placas integralmente conservadas, registam-se em primeiro lugar vários grupos de ausências ou de presenças em números baixos:

1. existe apenas uma placa recortada;
2. existe apenas uma placa reaproveitada e outra gravada em ambas faces;
3. não existem placas com qualquer simbologia relacionada com olhos de Sol;
4. não existem placas com simetria radial;
5. não existem placas com a «síndrome das placas loucas»;
6. não existem placas híbridas;
7. não existem placas CTT.

Para além destas ausências, poderiam ainda ser referidos aspectos de significado minoritário, mas que poderiam indicar um eventual atelier único de fornecimento, tal é o caso da existência exclusiva de placas com uma única perfuração para suspensão.

As presenças verificadas devem ser entendidas de acordo com um projecto específico para a concepção da arquitectura da Cabeça das placas e do seu Corpo:

1. quanto à «Cabeça dentro da Cabeça», o número de Cabeças triangulares e de Cabeças trapezoidais, nas 21 placas em que ela é observável, é o seguinte: 16 triangulares contra 3 trapezoidais (1 não apresenta Cabeça por ser integralmente preenchida e outra é rectangular vertical). Convém no entanto recordar que as Cabeças triangulares se dividem na subcategoria dos lados principais rectilíneos ou encurvados e que, quando os vértices apresentavam um desvio igual ou inferior a 5 mm, não se considerou justificável a sua inserção dentro da categoria das Cabeças trapezoidais. Ainda assim, a estatística não é significativamente perturbada: 76% de Cabeças triangulares contra 14% de trapezoidais. As Cabeças rectangulares são

habitualmente minorias absolutas dentro dos conjuntos, aqui não ultrapassando os 5%, um único exemplar;

2. em 20 dos casos em que foi possível observação, as bandas laterais que definem a «Cabeça dentro da Cabeça» são radiantes em 8 casos, contra 9 em horizontal-vertical, e as minorias referem-se às 2 com «Orelhas de Coelho», uma variante das radiantes, e a 1 em que se verificam pequenos triângulos estratigrafados;

3. os motivos principais do Corpo, nas 26 situações registadas, consistem maioritariamente em

- triângulos preenchidos com o vértice para cima (17 - 65,4%, dos quais um com triângulos afrontados pelo vértice);
- faixas ziguezagueantes (4 - 15,4%, das quais 3 com linhas-guia);
- motivo em xadrez (3 - 11,5%);
- faixas verticais preenchidas (2 - 7,7 %);

4. quanto às perfurações para suspensão das placas ao peito do inumado, monumentos como a Anta 1 do Olival da Pega (Leisner, 1951), a Anta 1 da Herdade do Xarez (Gonçalves, 2006a; Gonçalves, no prelo), a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a), todos eles em Reguengos de Monsaraz e já publicados, e o *tholos* OP-2b, fases 1 e 2 (referido em Gonçalves, 1999a), forneceram dados diversificados, que seria útil comparar com os do Monte da Barca.

QUADRO 4.1. COMPARAÇÃO DO NÚMERO DE PERFURAÇÕES PARA SUSPENSÃO DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DE MONTE DA BARCA EM FUNÇÃO DE OUTROS MONUMENTOS JÁ ESTUDADOS E EM ESTUDO NO PROJECTO PLACA NOSTRA*

MON/SÍTIO	REGIÃO	ZERO	UMA	DUAS	TOTAL
ALJ	Aljezur	0 (0 %)	15 (71 %)	6 (29 %)	21
CBC	Évora	0 (0 %)	6 (55 %)	5 (45 %)	11
AGZ	Évora	9 (8,5 %)	87 (83 %)	9 (8,5 %)	105
LB-2	Évora	3 (27%)	8 (73 %)	0 (0 %)	11
PAR-1	Montemor o Novo	4 (3 %)	110 (83 %)	19 (14 %)	133
THE	Montemor o Novo	11 (11 %)	74 (76 %)	12 (12 %)	97
CBS-1	Reguengos de Monsaraz	3 (17 %)	11 (61 %)	4 (22 %)	18
OP-1	Reguengos de Monsaraz	13 (31 %)	28 (67 %)	1 (2 %)	42
OP-2b	Reguengos de Monsaraz	5 (24 %)	12 (57 %)	4 (19 %)	21
PSS-1	Reguengos de Monsaraz	5 (28 %)	11 (61 %)	2 (11 %)	18
STAM-3	Reguengos de Monsaraz	0 (0 %)	9 (100 %)	0 (0 %)	9
XZ-1	Reguengos de Monsaraz	2 (11 %)	13 (72 %)	3 (17 %)	18
PBR	Sines	1 (2 %)	35 (73 %)	12 (25 %)	48
MB	Vale do Sorraia	1 (3-0 %)	28 (97-100 %)	0 (0 %)	29

* O número indicado como total, e em função dos quais se organizam as estatísticas compreende placas inteiras e fragmentos de placa conservando o topo ou Cabeça. É sempre um total provisório, e não um verdadeiro número mínimo de indivíduos (*nmi*).

ALJ: monumentos colectivos de Aljezur; CBC: Cabacinhitos; AGZ: Anta Grande do Zambujeiro; LB-2: Anta 2 da Loba; PAR-1: Anta 1 do Paço de Aragão; THE; *tholos* do Escoural; CBS-1: Anta 1 da Herdade dos Cebolinhos; OP-1: Anta 1 ou Anta Grande do Olival da Pega; OP-2b: *tholos* anexo à Anta 2 do Olival da Pega; PSS-1: Anta 1 do Passo; STAM-3: Anta 3 da Herdade de Santa Margarida; XZ-1: Anta 1 da Herdade do Xarez; PBR: Pedra Branca; MB: Monte da Barca.

Neste Quadro, há observações interessantes a registar.

Começo por Monte da Barca, onde a única placa sem perfuração é claramente uma placa por acabar pelo que a percentagem das placas com uma única perfuração é efectivamente de 100%. Idêntico é o número na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (STAM-3), onde as nove placas inteiras ou com a Cabeça bem conservada são todas uniperfuradas. Próximos são os números da Anta 1 do Paço de Aragão, em Montemor, e da Anta Grande do Zambujeiro, ambas com 83% do total de placas e do *tholos* do Escoural, em Montemor o Novo (com 76%).

Ora a Anta 1 do Paço de Aragão é um monumento com tipologia evoluída e uma maciça presença do 3.º milénio. A Anta Grande do Zambujeiro deve configurar uma situação idêntica à da Anta 1 do Olival da Pega (construídas em fins do 4.º milénio e maciçamente reutilizadas no 3.º milénio). O *tholos* do Escoural é claramente um monumento do 3.º milénio. Tal como Monte da Barca...

Se as implicações cronológicas são evidentes, mostram aparentemente o domínio quase generalizado das placas de xisto gravadas com uma única perfuração para suspensão.

4.3. ANTAS AQUI TÃO PERTO... E ALGUMAS MAIS LONGE

OBJECTIVAMENTE, GEOGRAFICAMENTE, o sítio do Monte da Barca não fica próximo de nenhuma das antas «do concelho», sabendo nós como as delimitações administrativas actuais raramente coincidem com regiões naturais ou «culturais». No entanto, os concelhos que fazem «fronteira megalítica» com Coruche são exactamente Ponte de Sôr, Montemor, Mora e Arraiolos, que incluem poderosos núcleos megalíticos.

Quanto às placas de xisto gravadas, pelos arredores ficaremos, com uma fuga a Reguengos, que contém matéria muito coesa, e por isso útil.

E há também uma pequena questão, que tem que ver com minorias. Com centenas de placas de xisto gravadas disponíveis para comparação, há tipos que, por tão divulgados, não seria vantajoso mobilizar e trazer à discussão. Mas outros não.

Selecionei, para comparações imediatas, algumas placas menos frequentes.

No caso de MB-262, com bandas verticais adossadas no Corpo, exemplares semelhantes, ainda que alguns muito fragmentados, são comuns em STAM-3 (Reguengos) e Évora. Tal deve ter sido o motivo da placa da Anta 1 dos Cebolinhos (Leisner e Leisner, 1951, XXXIV, 21). Também em Reguengos, a placa de STAM-3 I.8-247 (Gonçalves, Fig. 84, p. 171) ou a placa de Comenda 2 (Leisner e Leisner, 1959, T. 39, 2, s/n) apresentam os mesmos motivos. Igualmente, a placa do Alandroal (Leisner e Leisner, 1959, T. 34, 2, # 13).

MB-X-3, a placa com uma banda horizontal em vez de Cabeça, e triângulos no Corpo (há uma variante com faixas zigzagueantes), tem comparações directas com as placas da Anta da Lameira, Crato (Leisner e Leisner, 1959, T. 6, 6-7, # 3), do Jazigo de Alcarapinha (Leisner e Leisner, 1959, T. 11, 1, # 99), Vila Viçosa, da Anta da Capela, Avis (Leisner e Leisner, 1959, T. 15, 3, # 72).

MB-256, a placa com triângulos afrontados, tem comparações directas com as placas da Anta da Horta Velha do Reguengo (Leisner e Leisner, 1959, T. 9, 6, # 12) e da Anta 1 do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1959, T. 40, 1, s/n).

MB-260, a placa com Cabeça rectangular, tem paralelismos em Évora e Aljezur.

MB-267, a placa com triângulos nas faces da Cabeça, é similar à da Anta 1 do Passo (Leisner e Leisner, 1951, XXI, 3).

MB-266, a placa com um tipo de xadrez construído com rectângulos, e não com quadrados, tem outras similares em Ferreira do Alentejo (Leisner e Leisner, 1959, T. 42, 1, # 27) e Elvas (na Anta do Poço Novo, Leisner e Leisner, 1959, T. 11, 2, # 4).

A «placa cabeçada» MB-258 é absolutamente idêntica à do *tholos* da Farisoa (Leisner e Leisner, 1951, XVI, 44), à exceção do facto de não estar perfurada, o que, nesta situação, não é importante, e à placa da Anta 1 do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 2), com a qual partilha a desajeitada banda que é o Separador Cabeça-Corpo.

Que concluir destes exemplos, longe de exaustivos? Sem dúvida a presença de exemplares tão semelhantes dispersos por áreas tão diversas significa qualquer coisa. Penso ser evidente que é impossível haver um único local para o fabrico de placas e Águas Frias (Gonçalves e Calado, no prelo), se é um bom exemplo não pode ser o único.

Os motivos e as similitudes entre as placas de Monte da Barca, das antas de Coruche, de Elvas, de Reguengos de Monsaraz, de Ponte de Sôr, Mora, e de outros monumentos e sítios do Centro e Sul de Portugal mostram a pujança de um subsistema mágico-religioso e a dispersão dos produtos fabricados por artesãos cuja deslocação aos sítios era inevitável. E, numa situação destas, as figuras representadas nas placas de xisto gravadas não poderiam ser de um antepassado local, mas antes de uma figura supralocal, naturalmente uma figura teomórfica.

Entre os motivos menos comuns nas placas, mas por isso mesmo importantes, contam-se os triângulos preenchidos com o vértice para cima em que se inserem outros triângulos, vazios. É um motivo conhecido no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz... e nas antas de Coruche, nas recolhas dos escuteiros locais, que reuniam, ao tempo da escavação do Cabeço do Pé da Erra, várias dezenas de exemplares. Dos que restam hoje, foi possível desenhar e fotografar alguns, apesar de não se saber de que antas são provenientes. Mais uma vez impressiona a semelhança, particularmente com a Anta 2 dos Cebolinhos em Reguengos (Gonçalves, 2003c).

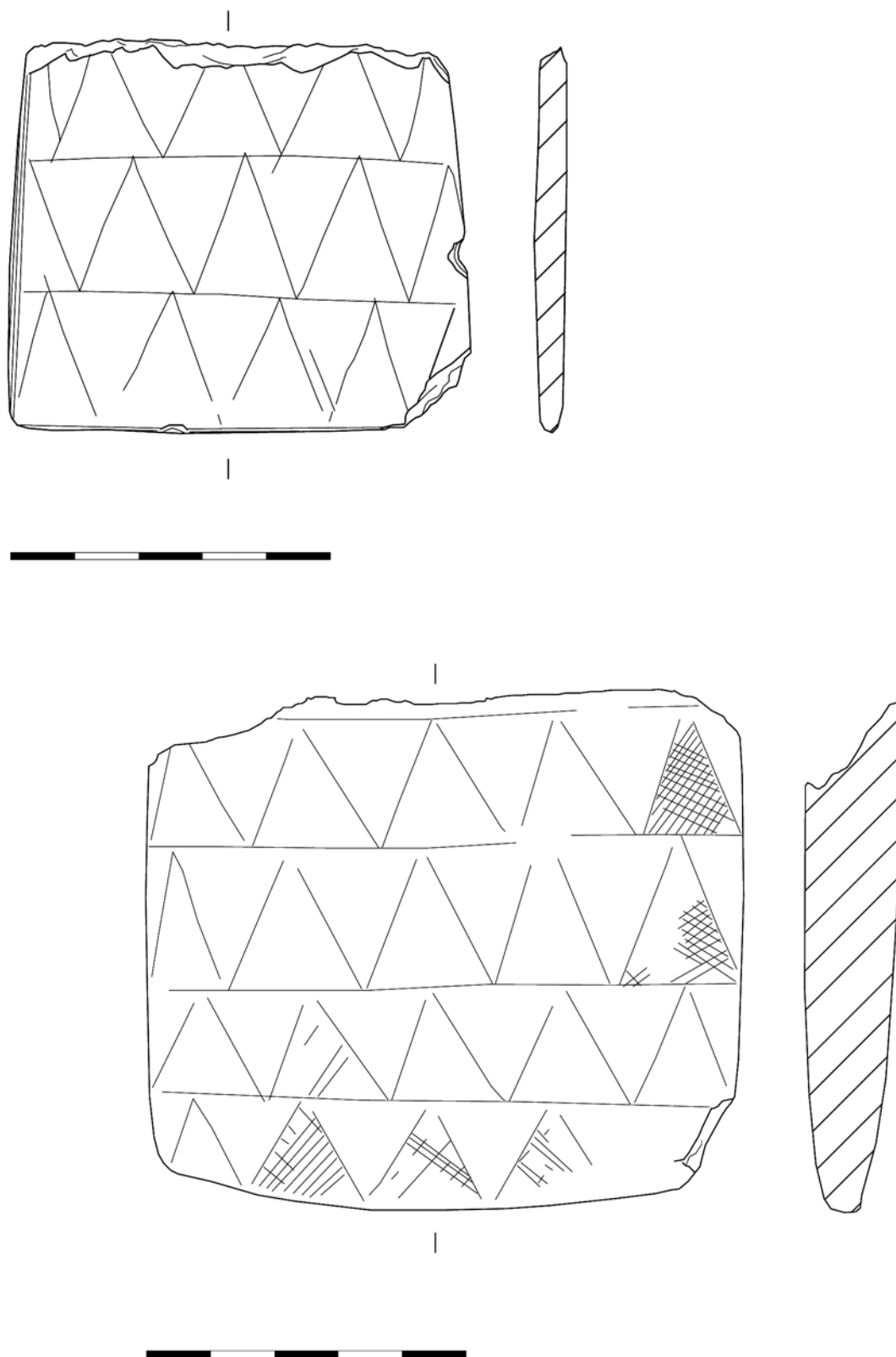


FIG. 4-2 Placas das antas de Coruche (não especificadas) da colecção dos Escuteiros locais. Exemplos de placas inacabadas ou em vias de execução.

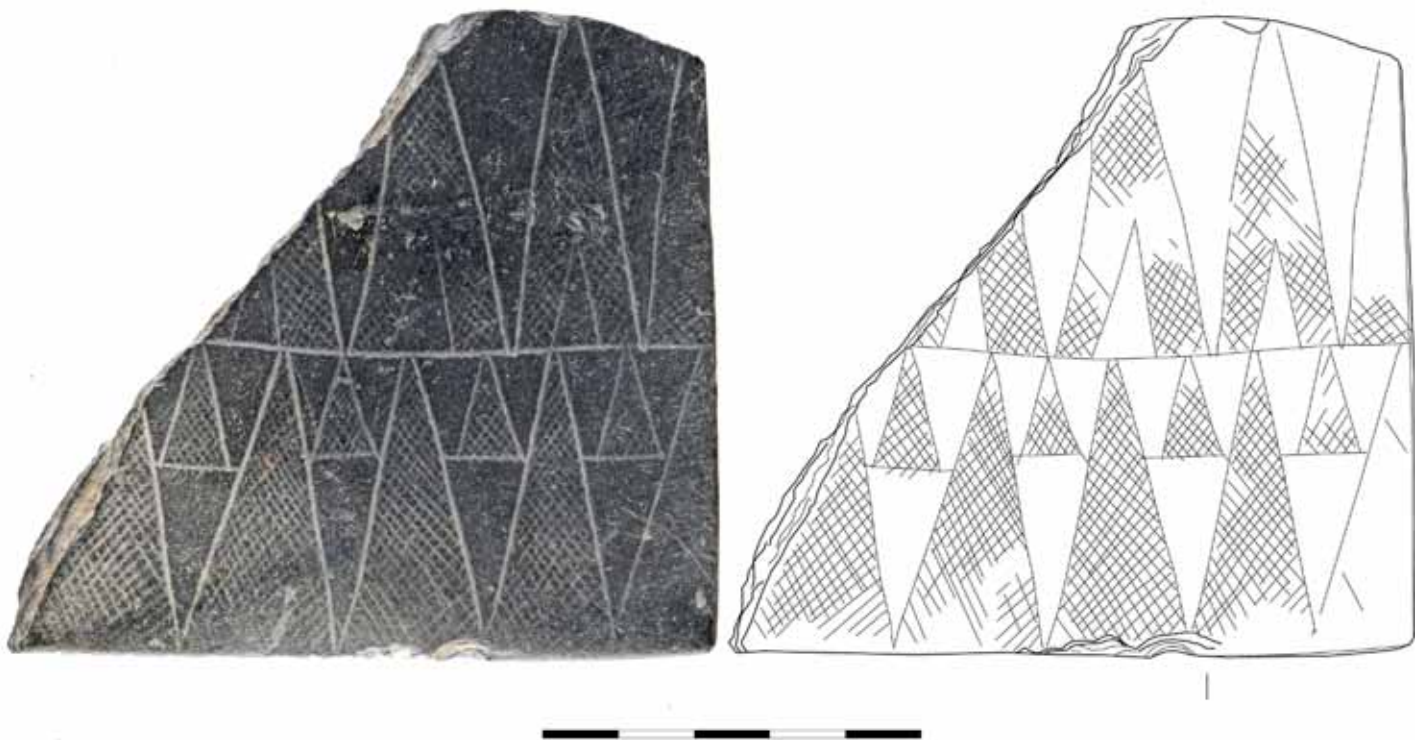
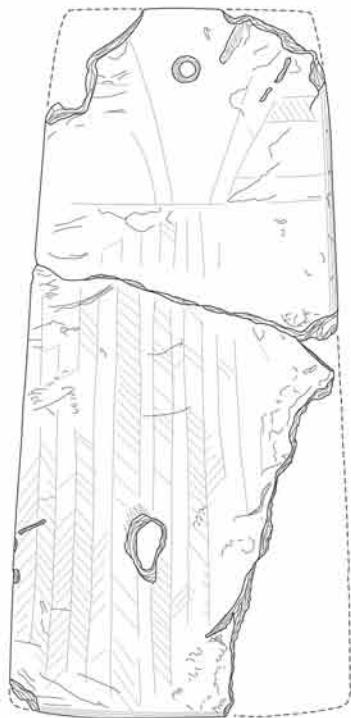


FIG. 4.3 Placas das antas de Coruche (não especificadas) da colecção dos Escuteiros locais. Preenchimento dos triângulos vazios de uma placa com outros, preenchidos, mais pequenos, e inclusão em triângulos preenchidos de outros, vazios. Tal como na Anta 2 dos Cebolinhos (Gonçalves, 2003c).

Na página seguinte:

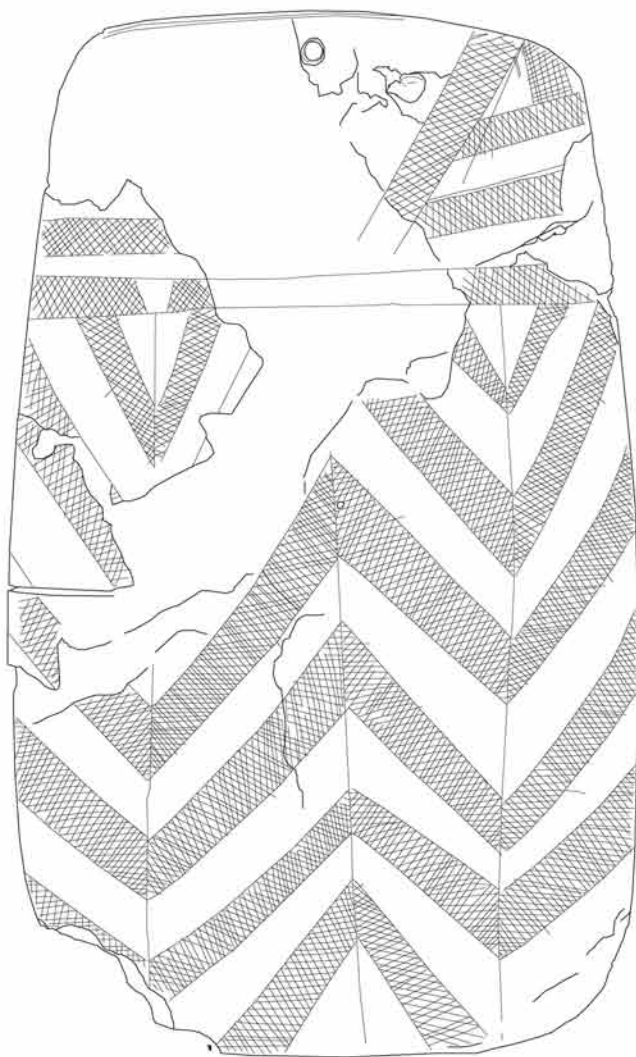
FIG. 4.4 Alguns exemplos da universalidade dos motivos principais das placas. Recordando as quatro categorias presentes em Monte da Barca. Com *faixas verticais preenchidas*, em cima à esquerda, placa da gruta artificial 2 de Carenque (Loures, Lisboa). Com *motivo em xadrez*, em cima, à direita, placa do *tholos* do Escoural (Montemor o Novo). Com *faixas zigzagueantes na horizontal* (organizadas por linhas-guia), em baixo, à esquerda, placa do monumento de Marcela (Vila Real de Santo António, Algarve). Com *bandas com triângulos preenchidos com o vértice para cima* (e «Orelhas de Coelho»), em baixo, à direita, placa do *tholos* do Escoural.



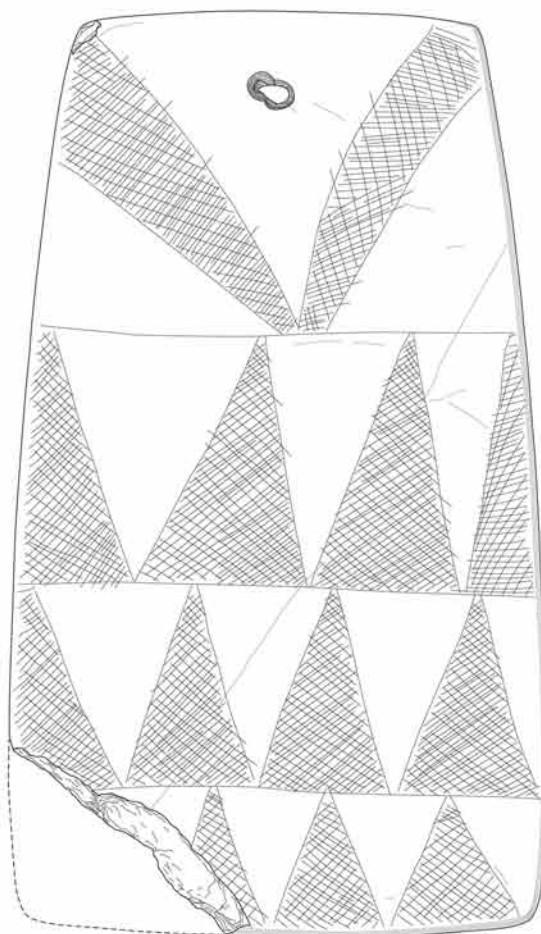
Carenque 2 CAR II-43571



1.TE.1.79.100
1.TE.1.79.149d

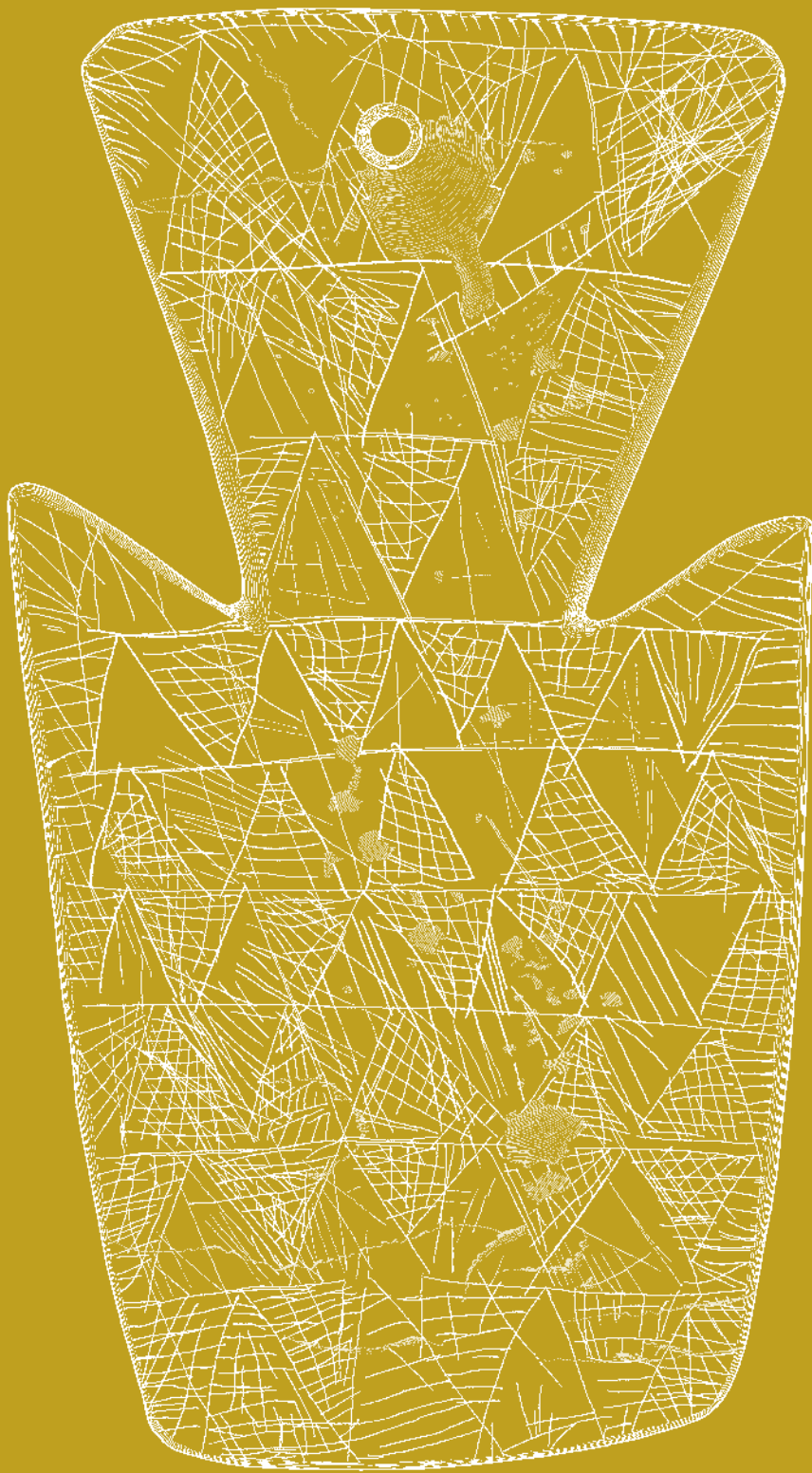


985.47.28



1.TE.1.79.19a





CINCO

AS CRONOLOGIAS POSSÍVEIS
(QUE SÃO POUCAS)

Tempus fugit

Dito latino

AO OBSERVARMOS AS PLACAS DE XISTO (E OS BÁCULOS) do sítio funerário do Monte da Barca, bem como os conjuntos artefactuais a eles presumivelmente associados, temos três ângulos de aproximação, directos e indirectos:

1. a morfologia arquitectónica dos monumentos ortostáticos com placas conhecidos na região;
2. a composição dos contextos artefactuais registados para o Monte da Barca;
3. as próprias placas e os báculos recuperados do Monte da Barca.

Quanto ao primeiro ponto, o facto mais notável que se regista no megalitismo de Coruche é sem dúvida o de nele estarem presentes as arquitecturas primitivas, cistóides, e a presença de corredores curtos e médios. Parece haver aqui, com excepção das últimas fases, a quase totalidade das morfologias do megalitismo alentejano, ainda que sem os monumentos de corredor muito longo e os *tholoi*.

Quanto aos contextos artefactuais do Monte da Barca, a primeira impressão que decorre deles, mais do que uma ligação ao litoral decorrente das «alabardas», é o conjunto cerâmico, muito próximo do do Grupo megalítico Crato – Nisa. Faltam, é certo, as colunas de impressões a pente, comuns nas Antas do Crato e na Anta dos Penedos de São Miguel, em particular, mas os pequenos vasos de Corpo hiperbolóide, por vezes com pequenas asas horizontais ou mamilos decorativos, estão longe de ser comuns na Estremadura. O universo do Alto e Médio Alentejo está assim presente, fundido, neste estranho sítio.

Quanto às placas, não seria difícil defender que nos encontramos perante

1. um grupo mais recente, ainda que representado por apenas um exemplar, o das placas recortadas;
2. um outro, ainda mais recente, o das decorações caóticas, com motivos inacabados, como se pode ver numa das faces da placa MB-264;
3. as restantes placas agrupam-se sem dificuldade em qualquer um dos momentos da vida das placas decoradas.

Se realmente as placas recortadas representam a penúltima fase do uso das placas, e as com decoração caótica a sua última fase, então a leitura das várias situações detectadas no Monte da Barca tem de ser feita em função de um complexo de presenças e ausências, como não é incomum, mas sobretudo pela proporção que cada motivo ou característica formal representa no conjunto.

E se a grande maioria das placas tanto pode pertencer aos últimos séculos do 4.º milénio como à primeira metade do 3.º, a situação em que se enquadram as placas de excepção leva

também a pensar no carácter de reduzida visibilidade, ou mesmo desfocado, que assinala os meados do terceiro milénio.

Outro indicador cronológico, infelizmente de largo espectro cronológico, as placas de xisto e as de grés ou xisto gresoso, lisas, com «falsos olhos», distribuem-se de uma forma significativa, indiciando também um caminho Alentejo – Ribatejo – Penínsulas de Lisboa e Setúbal. Na Anta de Vale Beiró (RMC, p. 16, n.º 5), temos um exemplo típico de este tipo de placas, um exemplar uni-perfurado. Tal como... na Anta 3 da Herdade da Zambujeira, Crato (Isidoro, 1975, Fig. XII). Ou na Sepultura 1 do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). Ou em Alapraia 2 (Cascais), uma gruta artificial de onde provém ALP-2-72, uma placa de xisto gravada, mas com «falsos olhos» gravados posteriormente (Gonçalves, 2005a, p. 169, fig. 12.2.).

Mostrando os caminhos das ideias ou ideologias, rentes aos da economia de troca.

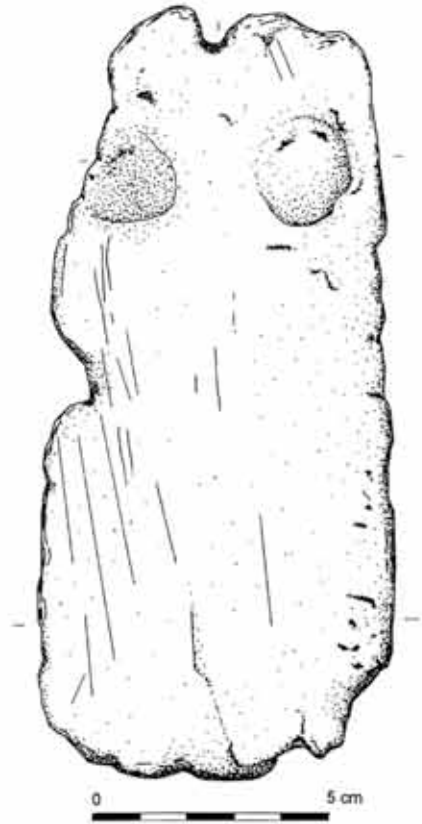
A rara matéria orgânica recolhida no Monte da Barca, quase toda descontextualizada, impede datações absolutas, pelo que a questão da cronologia relativa se torna inevitável.

Não é fácil propor datas para o megalitismo a partir de simples conjecturas baseadas em similitudes artefactuais. Não há, porém, outra solução: com as devidas reservas, o espaço funerário do Monte da Barca parece ter sido usado temporalmente algures durante o último século do 4.º milénio e os primeiros do 3.º milénio a.n.e.

As suas relações com as Penínsulas de Lisboa e Setúbal lêem-se no sílex e nos artefactos produzidos nesse tipo de suporte («punhais») e na cópia em filito de uma «alabarda» de sílex.

As suas relações com o Alentejo médio e, sobretudo, o Alto Alentejo, estão bem patentes no relativamente elevado número de placas de xisto gravadas e nos próprios báculos. Não se trata assim, completamente, de um monumento completamente periférico, mas de uma sólida presença megalítica, com artefactos ideotécnicos inconfundíveis em número elevado. Quem não tem cão, caça com gato (e não fica necessariamente mal servido). No caso do Monte da Barca, quando não há granito ou xisto por perto... escava-se o chão. Ou não... independentemente das cronologias.

FIG. 5-1 Placas não decoradas, mas com «falsos olhos». Uma das muitas evidências da extensão do subsistema mágico-religioso em inícios do 3.º milénio e dos contactos inter-regionais. A placa de cima é a de Coruche (Anta de Vale Beiró) e à direita a placa AS 26 da Anta da Soalheira, Alter do Chão, segundo Oliveira, 2006, p. 164. Em baixo, à esquerda, placa de Torres Vedras (Cabeço da Arruda 1, Segundo Leisner, 1959, Tafel 6, 63, aqui em 2:3). Em baixo, à direita, placa do Crato (Herdade da Zambujeira, Isidoro, 1975, Fig. XII, retocada e restituída à dimensão de 2:3).



2:3





FIG. 5-2 Placas recortadas com ombros oblíquos, os mesmos caminhos das placas com «falsos olhos»: Alentejo – Litoral (Península de Lisboa). Em cima, à esquerda a placa MB-X-1 do Monte da Barca (Coruche), à direita: placa MNA 2002.64.114, da Anta de Vale Beiró (Coruche), segundo Martinho, 2006, 2.º vol. Figura 90, p. 309. Em baixo, à esquerda, placa da Buraca da Moura, Torres Novas, segundo Andrade, Maurício e Souto, 2010. Todas a 2:3. À direita, placas da Anta da Marquesa (Leisner e Leisner, 1959 Tafel 4), todas a 1:3., uma subcategoria específica dentro das placas recortadas com cabeças trapezoidais.

SEIS

UMA SÍNTESE FINAL? LEITURAS DE CONTEXTOS. CHAVES PERDIDAS. FECHADURAS ENCRAVADAS. NEVOEIRO?

«Ojalá se te acabe la mirada constante,
la palabra precisa, la sonrisa perfecta.
Ojalá pase algo que te borre de pronto:
una luz cegadora, un disparo de nieve.»

Silvio Rodríguez

«Dites-moy où, n'en quel pays,
Est Flora, la belle Romaine;
Archipiada, née Thais,
Qui fut sa cousine germaine;
Echo, parlant quand bruyt on maine
Dessus rivière ou sus estan,
Qui beauté eut trop plus qu'humaine?
Mais où sont les neiges d'antan?»

François Villon

6.1. UMA SÍNTESE FINAL? LEITURAS DE CONTEXTOS

KEITH JARRETT, UM PIANISTA DE JAZZ que aprecio particularmente, pelo equilíbrio entre o classicismo e a modernidade e pela sua contínua e extraordinária transformação e mudança, dividiu a sua composição *The survivors suite* (ECM 827 131-2, 1976) em duas partes, *Beginning* (27':12") e *Conclusion* (21':18"). Gostaria de um dia escrever um trabalho com esta estrutura simples e com um desequilíbrio tão pequeno entre dois componentes habitualmente em extremos distantes, fugindo a proporções que seriam verdadeiramente «clássicas» se uma parte central (ausente da *survivors suite*) existisse com a dimensão de, digamos, pelo menos 56 horas...

Mas, na verdade, começar pelo *princípio*, passar directamente ao *fim* e esquecer o *entretanto*, não é completamente possível na «minha» Arqueologia, pelo que o melhor é mesmo regressar ao universo real. Grupar as leituras possíveis, no fim de este estudo? Por certo, e de acordo com diversas categorias, quase todas elas incompreensíveis sem o que atrás se disse:

1. qual a arquitectura do monumento ou sítio do Monte da Barca;
2. que informação podemos extrair dos artefactos recolhidos;
3. qual o contexto «cultural» local, do 4.º e do 3.º milénio, para o Monte da Barca;
4. que contexto amplo, no subsistema mágico-religioso que inclui o uso das placas de xisto gravadas;
5. que cronologia relativa podemos avançar.

Vamos ponto por ponto:

6.1.1. Ainda que seja sempre desagradável dizê-lo...

Ainda que seja sempre desagradável dizê-lo, a arquitectura do monumento ou sítio do Monte da Barca é-nos completamente desconhecida e não será exagero dizer que nunca será possível avançar com uma hipótese minimamente fundamentada. Pessoalmente, sempre pensei que este poderia ser um grande sepulcro colectivo escavado no solo, mas não estruturado com ortóstatos, as «grandes pedras» do Megalitismo «clássico». Mas agora não estou tão certo. Todos os conteúdos próprios ao megalitismo estão aqui, mas também o mesmo acontece nas estruturas de Aljezur (Gonçalves, 2005a), na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992; Gonçalves, 1995 e 2003b) e, de algum modo, na Lapa da Galinha (Gonçalves, Andrade e Pereira, no prelo). Isto é: em quase todos os monumentos e sítios funerários.

A «casca» do Monte da Barca, se é que alguma vez existiu, desapareceu completamente. E, se tivesse existido, o que seria? Esteios de granito? – não há granito por perto. Esteios de xisto? – não há xisto nas vizinhanças. Esteios de calcário?, como na Península de Lisboa? – não é impossível, mas onde está o calcário em condições de fornecer esteios de dimensão suficiente?

Não parece assim provável tratar-se de um monumento ortostático clássico.

Seria então uma grande fossa escavada no chão arenoso? Com uma estrutura eventualmente reforçada por troncos ou tábuas de madeira? Não há precedentes conhecidos no Alentejo, mas Coruche está dividida – a margem direita de um grande rio tão perto... que a toca...

Finalmente, as concentrações de monumentos megalíticos ortostáticos do concelho estão muito para Sul da convergência Divor – Sorraia, essa micro Mesopotâmia. E as próprias antas são aqui muito mais complexas do que parecem, próximas das antas de Montemor, mas também diferentes delas, sem os grandes monumentos de corredor, mas com vários monumentos antigos, mais pelo espólio que pela arquitectura.

Felizmente, não saber o que uma coisa foi está a anos luz de nos obrigar a inventar explicações. Ponto final.

6.1.2. A informação que podemos extrair dos artefactos...

A informação que podemos extrair dos artefactos recolhidos é coerente e sólida? Sem qualquer dúvida. Por categoria, é observável que...

A pedra lascada é a habitual nos conjuntos megalíticos, ainda que não existam geométricos, nem sequer pontas de seta. Ora se uns são relativamente frequentes em monumentos da segunda metade do 4.º milénio, as outras surgem por vezes em grande abundância (atingindo na Anta 1 do Paço de Aragão o impressionante número de mais de 3527!! Isto é: um *nmi* de 705 arqueiros com carcazes de 5 setas ou 504 com carcazes de 7 setas. Fora as mulheres e as crianças, que não sabemos se usavam arcos, ainda que provavelmente sim).

Três artefactos sobressaem ao lado do conjunto inodoro de lâminas de sílex, retocadas e não retocadas. São eles os artefactos hoje inventariados com os números 291 e 292. O primeiro é uma «alabarda» de filito claro, o segundo um «punhal» de sílex. O terceiro, também um «punhal» de sílex, não está actualmente disponível, fazendo parte de um lote que nunca deu entrada no Museu de Coruche, mas a imagem dele publicada (Vicente, Andrade e Dias, 1974, Est. VII, 1) mostra-o muito semelhante a MB-292.

Se os artefactos de sílex correspondem a formas e a matéria-prima importada e excelente para artefactos técnicos, o filito usado como base para a «alabarda» corresponde a uma rocha rica em micas, resultando da recristalização de argilas. Na verdade, é tão frágil que só pode funcionar como suporte de artefactos ideotécnicos, sendo absolutamente desaconselhável para a obtenção de artefactos técnicos.

Neste caso, poderemos sem grande risco falar de uma imitação de artefactos de sílex, como as «alabardas», num suporte macio, de proveniência (muito) mais próxima que o sílex. Devido ao tipo de lascagem de este material, não é possível o desbaste rasante feito nos artefactos de sílex, uma vez que a foliação do filito, próxima da dos xistos, arranca aos blocos folhas finas, tipo massa folhada, impedindo retoques rasantes, que destruiriam as camadas uma a uma.

Temos assim duas peças sobre material importado, com os retoques típicos da Estremadura de origem, e outra que as imita, mas sem o retoque rasante, que razões do suporte impossibilitam.

A *pedra polida* constitui um ponto de interesse, tanto pela sua presença em monumentos do 4.º milénio a.n.e. como pela sua ausência em muitos do 3.º. Não se trata de uma norma, mas de uma situação verificada em grupos megalíticos ortostáticos (frequência e números relativamente consideráveis) e em monumentos de falsa cúpula (onde por vezes se regista uma ausência quase total). Para a Península de Lisboa, ver Boaventura, 2009. No Monte da Barca, os autores do texto de 1974 assinalam três machados, um dos quais fragmentado (op. cit. Est. V, 1-2) e um fragmento de um «formão» de xisto. As peças de anfibolito, os machados, têm secção rectangular, frequente na primeira metade do 3.º milénio, onde a pedra polida se faz rara nas necrópoles. Toscos e usados são, pelo que não seria impossível que pertencessem aos construtores daquele espaço funerário e não aos mortos que nele foram colocados.



FIG. 6-1 Artefacto para adorno pessoal (pendente de seixo) do Monte da Barca. 2:1.

Artefactos para adorno pessoal são muito escassos... mais apropriadamente: apenas dois. O primeiro, uma conta discóide, foi classificado como de pedra verde. Quanto ao outro, trata-se do pendente da Fig. IX:3 do texto de 74, que nada tem que ver com qualquer reaproveitamento das placas de xisto gravadas. Aliás, o pendente foi talhado no que parece ser um seixo de rio, e

não apresenta qualquer gravação. Interessante é o facto de não se ter recolhido qualquer conta discóide de xisto, componentes de colar tão frequentes no megalitismo alentejano ou estremeño. Mas, numa situação de este tipo, não é impossível que artefactos tão pequenos tenham desaparecido sem terem sido identificados ou recolhidos, o que tira relevância à sua ausência. O mesmo não se pode dizer dos alfinetes de cabelo, cuja visibilidade é maior, mas estes podem ter tido o mesmo destino dos ossos humanos e de outra matéria orgânica que o sítio deveria obrigatoriamente conter: num meio tão ácido foram simplesmente destruídos pela passagem do tempo.

A *cerâmica* recolhida no Monte da Barca nunca foi o objecto prioritário de este trabalho, mas sem ela não podemos compreender os enquadramentos e os paralelismos, sempre muito menos visíveis na pedra lascada e na pedra polida.

Poucos monumentos megalíticos com monografias próprias, recentes, apresentam catálogos de formas elucidativos. Mas como se evocaram paralelismos com o Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, farei referência a dois monumentos de grande significado no Grupo – OP-1, a Anta Grande ou Anta 1 do Olival da Pega, (Leisner e Leisner, 1951, p. 236-252) e STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a).

Podemos aproximar-nos das cerâmicas do Monte da Barca através de duas das suas características principais: a forma geral e as decorações (incluindo nelas os diferentes tipos de mamilos, quer funcionais quer simbólicos).

A forma geral das cerâmicas, a sua morfologia básica, reúne formas simples e «eternas» (as pequenas taças), mas também outras, mais específicas, como é o caso dos pequenos vasos de corpo hiperbolóide e fundo mais ou menos convexo, delimitado por carena. Se para as primeiras não é minimamente interessante procurar paralelos, a tal ponto a sua difusão é grande, os segundos justificam maior atenção. Começarei pelas antas do concelho. Onde eles estão presentes no Grupo do Azinhal, Azinhalinho e Outeiro Alto (Anta Oeste da Estrada de Montemor, RMC, p. 39, 11) e na Anta das Várzeas (RMC, p. 89, 10). Mas há uma advertência a ter em conta: o *Roteiro Megalítico de Coruche*, que é de algum modo a concretização de um projecto dos anos 80, não tem objectivos monográficos e as imagens apresentadas correspondem a um critério que nem sequer foi divulgado e muito menos justificado. Na verdade, não temos sequer a mínima ideia sobre a representatividade das peças patentes nas ilustrações e é assim com prudência que se citam presenças, provavelmente a reforçar com outras, ainda não disponíveis.

Quanto aos mamilos aplicados nas cerâmicas, temos ainda maior dificuldade em os classificar, considerando o tipo das fotografias do RMC e o seu ângulo de tomada. Esteticamente, são boas fotografias, mas escapa-lhes o olhar do arqueólogo «megalítico»... Algumas observações são, mesmo assim, possíveis:

1. os mamilos sobre a carena de fundo têm um bom paralelo na Anta Leste da Estrada de Montemor (RMC, p. 53, 6), mas recordam sobretudo as taças carenadas de dimensão média que, tal como o formato maior, são bem conhecidas em contextos da transição do 4.º para o

3.º milénio. A funcionalidade de estes mamilos é muito duvidosa, uma vez não se verificar, pelas suas reduzidas dimensões, qualquer dificuldade na prensão e transporte do recipiente, cheio ou vazio, pelo que talvez se possam aproximar da categoria seguinte;

2. os mamilos apareados, junto ao bordo, ou a meia altura da parede externa do vaso, tal como os anteriores, são facilmente associáveis aos seios da Deusa, representados sobre vários suportes sobretudo cerâmica, ver Gonçalves, 1988, 2005, Gonçalves e Alfarroba, 2010, mas também osso polido, ver Gonçalves, 1989a, vol. 2. Se efectivamente o são, é impossível sabê-lo com certeza, a não ser quando estão associados a outros componentes das representações teomórficas, nomeadamente os olhos de Sol ou as pinturas faciais ou tatuagens da Deusa;

3. os mamilos horizontais alongados surgem em recipientes de pequena dimensão, pelo que objectivamente não seriam funcionais. Mas mais uma vez recorro que alguns dos vasos colocados junto aos mortos nos monumentos funerários foram expressamente feitos com esse fim. Tal como a pedra polida, ou ainda mais que ela, são imagens de recipientes – ou então vasos cerâmicos expressamente feitos com a condicionante de um espaço funerário restrito, onde dificilmente cabem formas de grandes dimensões. Esta situação vai alterar-se, no entanto, com a chegada das sociedades agro-metalúrgicas, que chegam a colocar nas sepulturas pratos e outros recipientes de grandes dimensões, veja-se o prato de bordo almenadrado do Monte Novo dos Albardeiros ou o vaso-tambor de Alapraia 2;

4. os mamilos horizontais perfurados na vertical, quase formando pequenas asas, não correspondem a modelos frequentes. Na versão Monte da Barca, a sua funcionalidade para um processo de suspensão parece evidente. O facto de se organizarem aos pares, na vertical, reforçam a ideia de se tratar de vasos para suspensão com cordas finas ou fibras vegetais, mais que tendões de cervídeo, excessivamente espessos para os diâmetros funcionais das perfurações.

A Anta 1 do Olival da Pega revelou um conjunto impressionante de cerâmicas (355 vasos), mas poucos se assemelham aos do Monte da Barca. As Estampas XXIV a XXVII da monografia dos Leisner mostram-nos a quase totalidade dos vasos recolhidos, numa surpreendente variedade de formas e com diferentes tipos de mamilos. Leisner e Leisner (1951, p. 243) escreveram: «A anta continha uma quantidade extraordinária de cerâmica. Uma avaliação cuidada, baseada nos fragmentos dos bordos de diferentes vasos, dá o mínimo de 355 vasos; mas, depois de se terem separado estes fragmentos de bordos, restam ainda numerosos fragmentos de paredes, na sua maioria, de vasos maiores. Além desta riqueza em quantidade, há uma variedade de formas de material e de fabrico que excede tudo, até hoje conhecido, em espólios de antas portuguesas. Também apareceram, pela primeira vez, em número maior, restos de vasos com variada decoração incisa.».

No entanto, se esquecermos as formas decoradas (a maioria com motivos mais ou menos simbólicos), o que encontramos nas cerâmicas da Anta Grande do Olival da Pega é um impressionante conjunto de formas maioritariamente dos inícios do 3.º milénio, que pouco têm que ver com as identificadas no Monte da Barca. Taças são sempre taças e globulares... globulares, mas onde semelhanças e diferenças são mais significativas. Nas formas compósitas, a questão

muda completamente. Claro que o vaso de OP-1 (Leisner e Leisner, 1951), representado na Est. XXVII-28, um pequeno vaso de corpo hiperbolóide, tem o fundo plano. E as únicas parelhas sugeridas pelo XXVII-29 devem-se ao facto de ter um bordo exvertido, mas o Corpo do vaso é mais troncocónico que hiperbolóide. E, se analisarmos as cerâmicas com mamilos de OP-1, veremos que os da Est. XXIX (Leisner e Leisner, 1951) também não são aproximáveis dos do Monte da Barca. XXIX-1 e -6 são próximos dos identificados no vizinho *tholos* OP-2b (ou no *tholos* do Escoural), XXIX-2, -4, -5, -7 e -15, -17, -18 e -21 são pouco elucidativos. Na verdade, só XXIX-3 poderia representar mamilos-seios. Mas ao observar directamente o fragmento cerâmico pareceu-me sempre que ele poderia pertencer à mesma categoria de XXIX-1 e -6, em que uma pequena coroa de mamilos, adossados uns aos outros, rodeia todo o bordo do vaso.

Não é assim pelas cerâmicas que se aproxima legitimamente o Monte da Barca do Grupo Megalítico de Reguengos. Mais próximas elas estão das antas a Sul e – claro – do Grupo megalítico Crato-Nisa, de que só diferem pela ausência de decoração impressa, patenteada nas antas do Crato desde 1970 (Isidoro, 1970, Anta 1 do Couto do Biscaia; Isidoro, 1973b, Est. XVIII e XIX, Anta 2 da Herdade da Costa).

► FIG. 6-2 Cerâmicas do Monte da Barca. Em cima, o vaso MB-234 (ø 8,4 cm). Em baixo, o vaso MB-235 (ø 4,9 cm).

Nas páginas seguintes:

FIG. 6-3 Cerâmicas do Monte da Barca. O vaso carenado e de corpo hiperbolóide MB-242 (ø 12 cm) com dois pequenos mamilos apareados sobre a carena, tal como as taças carenadas da transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e.

FIG. 6-4 Cerâmicas do Monte da Barca. Em cima, o vaso de corpo cilindróide com colunas de três mamilos, similares à do vaso do monumento da Folha das Barradas (Leisner, 1965, Tafel 35, n.º 33), MB-240 (ø 9,4 cm). Em baixo, o vaso de corpo troncocónico MB-241 (ø 10,5 cm), com um par de mamilos simbólicos.

FIG. 6-5 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-241.

FIG. 6-6 Cerâmicas do Monte da Barca. Em cima, o vaso de corpo troncocónico com colunas de duas asas horizontais para suspensão MB-245 (ø 7 cm). Em baixo, o vaso de corpo convexo MB-247 (ø 4,5 cm), com um par de mamilos simbólicos.





FIG. 6-3



FIG. 6-4





FIG. 6-6
◀ FIG. 6-5





FIG. 6-8 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-247.

◀FIG. 6-7 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-245.

As *placas de xisto gravadas* justificaram este trabalho, e são dele o objectivo principal, pelo que não era minha intenção alongar-me de novo nem sobre elas nem sobre os báculos, ambos tipos de artefactos ideotécnicos atrás largamente comentados. No entanto, algumas observações são indispensáveis:

As formas

Apenas uma das placas recolhidas (MB-X-1) aparece com o típico recorte, bem conhecido, por exemplo, na Anta da Marquesa (Leisner e Leisner, 1959, Tafel 4, 6-7-8), ainda que a recorte idêntico nem sempre corresponda motivos semelhantes. Apesar de algumas ligeiras diferenças formais, MB-X-1 não está longe da placa identificada na Anta de Vale Beiró (no grupo de Água Doce). As restantes são trapezoidais e subrectangulares, ainda que MB-270 pareça uma miniatura da forma «Ovo de Avestruz», ME 5137, identificada na Anta de Cabacinhitos (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2005, p. 57, fig. 12).

As decorações

As decorações do Corpo das placas são, como é hábito, maioritariamente compostas por triângulos preenchidos com o vértice para cima, organizados em bandas horizontais. Mas identificaram-se também bandas verticais preenchidas com oblíquas de orientação diferente de banda para banda (um motivo raro), faixas zigzagueantes com e sem linhas-guia e motivos em xadrez.

As decorações laterais das Cabeças incluem faixas radiantes, simples (incluindo a tipologia «Orelhas de Coelho») ou múltiplas, faixas horizontais, faixas oblíquas, bandas simétricas de triângulos e bandas mais ou menos horizontais, convergindo para a perfuração única, central. Quanto à sua morfologia, há Cabeças triangulares, trapezoidais, subrectangulares e... placas de xisto gravadas sem Cabeça. Uma boa amostragem.

As dimensões

As dimensões (altura) das placas de xisto gravadas do Monte da Barca variam entre um valor mínimo de 120,53 e máximo de 171 mm e a espessura lida num ponto médio entre 3,38 a 14,80 mm. Em termos de altura, são placas que apresentam pouca amplitude entre as dimensões máxima e mínima, contrariamente ao que se presencia em outros contextos.

As perfurações

As perfurações apresentam duas particularidades extraordinárias: apenas uma placa não tem perfuração – e essa é uma placa inacabada, abandonada antes ainda de ter qualquer decoração, pelo que a ausência de perfuração em MB-250 não tem qualquer significado; todas as restantes placas de xisto gravadas têm apenas uma perfuração central, não existindo qualquer outra com duas perfurações.

Os *báculos* recolhidos no Monte da Barca apresentam três claros grupos de dimensão, sendo o de maior altura MB-293. Apesar de actualmente fragmentado no topo, deveria atingir dimensão considerável. Segue-se MB-XII, um artefacto de excelente acabamento, e, depois, com dimensões muito semelhantes, XIII-1 e XIII-2. Se as decorações gravadas, em todos, apenas em uma das faces,

são comuns em báculos de outros grupos megalíticos, MB-XII apresenta, na área do cabo, uma inclusão de duas bandas em xadrez, separadas pela decoração principal, neste caso bandas de triângulos. Na verdade, e como sempre sublinhei, os báculos apresentam exactamente os mesmos motivos que as placas, *ainda que com arranjos diferentes dos componentes da gramática decorativa*.

O facto de serem decorados unifacialmente implica, neste caso, que, se o morto segurasse um báculo à maneira dos faraós egípcios, a face decorada mostraria a Cabeça do báculo virada para a esquerda do observador, apoiada no lado direito do cadáver, que o empunharia com a mão direita. Os mais antigos faraós usavam como símbolo de poder uma maça de combate, só mais tarde um báculo.

6.1.3. O contexto «cultural» local, do 4.º e do 3.º milénio, para o Monte da Barca, deve então ler-se em função dos povoados e dos monumentos megalíticos da área?

Quanto aos monumentos megalíticos não tenho qualquer dúvida, quanto aos povoados não os conhecemos ainda bem. O Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves 1982, 1983-84b) reunia uma ocupação compacta do 3.º milénio (uma imagem das estruturas habitacionais em Gonçalves, 1988) e uma pequena oficina de talhe de placas de xisto gravadas. O Monte do Lacrau parece ser pós-megalítico e a restante ocupação do Vale do Sorraia hoje conhecida é sobretudo do Neolítico antigo.

Os monumentos megalíticos de Coruche estão concentrados na área mais a Sul do Concelho, perto de outros grupos megalíticos com os quais devem ter maiores afinidades. Foram objecto de um «Roteiro», mas o seu estudo está ainda por fazer, apesar de uma tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa (Martinho, 2006), que incidiu sobre o «grupo de Água Doce e Azinhal». A polémica arrumação dos monumentos por «núcleos» ou «percursos» levanta muitas questões, uma vez que os monumentos assim grupados numa perspectiva exclusivamente geográfica, pertencem na verdade a tempos e realidades muito distintos. As escavações de Manuel Heleno, com registos de campo de duvidosa utilidade, uma vez que muito raramente ele estava no terreno, permitem apenas falar em termos tão generalistas que se tornam grosseiros.

Os «grupos», «núcleos» e/ou percursos propostos no «Roteiro», são:

1. Água Doce;
2. Azinhal;
3. Vale de Gato;
4. Bertandos.

Pensei ser um bom exercício cruzar dados por monumentos. Abandonei a perspectiva da pedra polida, uma vez que não há certeza sobre se algumas das enxós não serão antes machados (e é certo que a forma muito resumida em que se organizou no RMC o inventário do espólio dos monumentos não ajudaria muito). Também excluí do Quadro lâminas e lamelas, cuja diferenciação não está explícita, e a pedra afeiçoada.

Suprimi também os monumentos em que se não identificaram as categorias seleccionadas e, compreensivelmente, os que não tinham espólio.

E os resultados, com a reserva de se basearem num inventário que pode conter erros de detalhe, ou/e classificação dos artefactos, mas não grandes erros de pesadas consequências, foram os seguintes:

QUADRO 6.1. MONUMENTOS MEGALÍTICOS DE CORUCHE E O MONTE DA BARCA											
NÚCLEO	DESIGNAÇÃO	PXG	BC	PG	GEOM	ALB	PNH	PS	CDS	APV	CER
ÁGUA DOCE	Anta de Vale Beiró	🍏 11	○	🍏 6	🍏 2 TPZ	🍏 1	○	🍏 77	🍏 22	🍏 2	🍏 15
AZINHAL	Anta do Mouchão das Azinheiras	○	○	○	🍏 6 TPZ	○	○	○	🍏 1	○	○
AZINHAL	Anta do Tanque do Monte	○	○	○	🍏 5 TPZ	○	○	○	○	○	○
AZINHAL	Anta do Tanque Velho	🍏 14	○	○	🍏 3 TPZ	○	○	🍏 4	🍏 1	○	🍏 10
AZINHAL	Anta 2 do Mouchão das Azinheiras	○	○	○	🍏 13 TPZ & SGM	○	○	○	○	○	○
AZINHAL	Anta Oeste da Estrada de Montemor	🍏 4	○	○	🍏 2 TPZ & TRG	○	○	🍏 35	🍏 5	○	🍏 37
AZINHAL	Anta do Curral da Mosca	○	○	○	🍏 4 TPZ	○	○	○	🍏 1	○	🍏 1 <
AZINHAL	Anta 1 da Guarita	○	○	○	🍏 1 TPZ	○	○	○	○	○	○
AZINHAL	Anta da Roça de Linhares	○	○	🍏 1	○	○	○	○	○	○	○
AZINHAL	Anta de Vale das Covas	○	○	○	🍏 3 TPZ + 2?	○	○	○	○	○	🍏 <
AZINHAL	Anta de Vale Cordeiro	○	○	○	○	○	○	○	○	○	🍏 <
AZINHAL	Anta Leste da Estrada de Montemor	🍏 1	○	○	○	○	○	🍏 14	○	○	🍏 1 <
AZINHAL	Anta 2 da Guarita	○	○	○	🍏 6 TPZ	○	○	○	🍏 7	○	🍏 <
AZINHAL	Anta de Vale Pereiro no Azinhalinho	○	○	○	🍏 1 TPZ	○	○	○	○	○	🍏 <
VALE DE GATO	Anta do Chapelar	🍏 7	○	○	🍏 2 G	○	○	🍏 41	🍏 1	○	🍏 50
VALE DE GATO	Anta Sul de Vale de Gato	🍏 11 + 26	🍏 1	○	🍏 1 G	🍏 1	○	🍏 46	🍏 18	🍏 11	🍏 21
VALE DE GATO	Anta Norte de Vale de Gato	○	○	○	🍏 9 TPZ + 1 SGM + 2 G?	○	○	🍏 6	🍏 3	○	🍏 1+ >
BERTIANDOS	Anta 1 da Aldeia de Bertianos	¹ >	○	○	○	○	○	🍏 70	🍏 >	🍏 1	🍏 9 >
BERTIANDOS	Anta 2 da Aldeia de Bertianos	○	○	○	🍏 4 TPZ + 1 TRG + 1?	○	○	🍏 1	○	🍏 1	○
BERTIANDOS	Anta 3 da Aldeia de Bertianos	○	○	○	🍏 4 TPZ + 2?	○	○	🍏 2	🍏 10	○	🍏 1
BERTIANDOS	Anta 4 da Aldeia de Bertianos	○	○	○	🍏 2 TPZ	○	○	○	○	○	🍏 <
SEM GRUPO	Anta das Várzeas	🍏 14	○	🍏 2	🍏 1 G?	○	○	🍏 23	🍏 1	○	🍏 4
SEM GRUPO	MONTE DA BARCA	🍏 29	🍏 4	○	○	🍏 1	🍏 2	○	○	🍏 1	🍏 n

🍏 presença (seguida sempre que possível pelo número de exemplares registado no RMC)

○ ausência

TPZ: trapézios; TRG: triângulos; SGM: segmentos; G: geométrico não especificado (a autora do texto tanto indica *geométrico* sem especificar, como *trapézio*; algumas classificações parecem duvidosas, parecendo tratar-se de artefactos com outras tipologias). Corrigi as designações quando o Roteiro Megalítico de Coruche apresenta fotografias integrais dos conjuntos microlaminares, o que nem sempre acontece. Nessas situações, um ponto de interrogação assinala as peças de classificação indirecta impossível.

> numerosos fragmentos

< poucos fragmentos

Para começar, em 23 monumentos com espólio significativo (incluindo o Monte da Barca), apenas existem placas de xisto gravadas em nove. O número de monumentos com uma a 10 placas é de quatro (dois dos quais com apenas uma placa). O número de monumentos com 11 a 20 placas é de três. O número de monumentos com 21 a 37 placas é de dois, um com 37, a Anta Sul de Vale de Gato. Mas é bom não esquecer que nem todas as placas de xisto gravadas do Monte da Barca (num montante actual de 29) foram recolhidas.

O que aproxima e o que separa este monumento de Vale de Gato e o sítio do Monte da Barca?

Em ambos, a presença de placas de xisto gravadas, báculos, «alabardas», artefactos para adorno pessoal de pedra verde e cerâmica. Mas as ausências não estão sintonizadas...

Podemos descer mais na minúcia e separar categorias?

Sem dúvida: a grande divergência entre os dois conjuntos encontra-se nos artefactos para adorno pessoal, com 29 registos na Anta Sul de Vale de Gato e apenas dois no Monte da Barca (a conta de pedra verde desaparecida e o pendente de seixo de rio) e nas pontas de seta, 46 em Vale de Gato e nenhuma no Monte da Barca. As outras diferenças de número não são significativas.

O último argumento tem que ver com a morfologia: a Anta Sul de Vale de Gato não tem planta ou alçado disponíveis e a definição do tipo de monumento só pode ser feita segundo o Roteiro, que sintetiza ou cita directamente o caderno de campo de Manuel Heleno: «grandioso tumulus», «anta com câmara poligonal de sete esteios e um corredor longo com dois esteios de cada lado», «Os esteios são de grande dimensão», «...ocupação da câmara, do corredor e mesmo da estrutura tumular junto ao corredor», «..Manuel Heleno escavou também um nicho junto ao corredor, dentro do qual estava uma placa de xisto decorada» (todas as citações, RMC, p. 64).

Estamos assim perante uma dúvida clássica: seria Monte da Barca um monumento como a Anta Sul de Vale de Gato?

Em termos de arquitectura, não me parece – era impossível os construtores do edifício da Cooperativa não terem identificado os grandes blocos dos esteios da Câmara ou Corredor, se eles tivessem mesmo existido.

Em termos de cultura material... bem, há apenas um báculo na Anta Sul de Vale de Gato, mas ele lá está, traduzindo provavelmente uma única geração de uma pré-chefatura regional (ao contrário das quatro de Monte da Barca).

No que se refere às placas de xisto gravadas, uma categoria presente no Monte da Barca, a das *placas recortadas*, está presente numa das antas de Coruche, Vale Beiró. No primeiro caso, com apenas um exemplar, no segundo com dois.

Que anta é esta, de Vale Beiró?

Para já, a sua tipologia arquitectónica parece evoluída, com um Corredor longo, de 6+5 ou 6 esteios. O espólio recolhido também não é «antigo»: pontas de seta, placas de xisto gravadas e placas de grés, uma das placas com «falsos olhos» (RMC, p. 16: 5), outra com simetria central radial (RMC, p. 16: 7), outra ainda a única placa recortada conhecida em Coruche, para além da do Monte da Barca (RMC, p. 16: 4), cerâmica de tipologia evoluída, componentes de colar de pedra verde... Talvez os dois trapézios e alguma cerâmica se possam referir a uma fase ainda do

4.º milénio (final), mas a grande maioria do espólio é claramente atribuível aos primeiros séculos do 3.º milénio a.n.e. e os elementos inicialmente referidos podem mesmo ser supervivências sem significado.

A placa de xisto gravada da Anta de Vale Beiró tem o mesmo recorte da do Monte da Barca e a decoração é praticamente idêntica, só divergindo pelo facto de apresentar uma decoração do Corpo com três bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (contra as quatro do Monte da Barca) e um *Indicador de fim de placa*, também reticulado, isolado da banda que se lhe segue. Mas esta banda, em termos de preenchimento de espaço, corresponde à banda reticulada que se segue à última banda de triângulos da placa do Monte da Barca. Em sequência, é assim, sendo *B* a abreviatura de Banda (numeradas de cima para baixo) e Δ a representação de triângulos reticulados com o vértice para cima:

Monte da Barca: B1 de $\Delta\Delta\Delta$ + B2 de $\Delta\Delta\Delta$ + B3 de $\Delta\Delta\Delta$ + B4 de $\Delta\Delta\Delta$ + Banda reticulada (= Indicador de fim de placa)

Vale Beiró: B1 de $\Delta\Delta\Delta$ + B2 de $\Delta\Delta\Delta$ + B3 de $\Delta\Delta\Delta$ + Banda lisa + Banda reticulada (= Indicador de fim de placa).

Divergência mínima, portanto.

Monte da Barca seria assim contemporâneo de uma segunda utilização de Vale Beiró?

Não é impossível. É mesmo provável.

No Quadro, há também um ponto a reter: quantos monumentos com geométricos contêm placas de xisto gravadas? E qual a associação, se existe, com as pontas de seta, eficazes substitutos dos geométricos?

Basta contar:

Em 23 antas com espólio, nove têm placas, 18 têm geométricos, apenas seis têm placas e geométricos. Dos 18 monumentos com geométricos, apenas nove têm também pontas de seta.

Dos 18 monumentos apenas com geométricos, têm cerâmica 13.

Dos nove monumentos com geométricos e pontas de seta, oito têm cerâmica.

Das seis antas com placas de xisto gravadas e geométricos, todas têm cerâmica.

12 monumentos com geométricos não foram contaminados por placas de xisto gravadas. São eles:

Núcleo do Azinhal: Anta 1 da Guarita, Anta 2 da Guarita, Anta 2 do Mouchão das Azinheiras, Anta de Vale das Covas; Anta do Curral da Mosca; Anta do Mouchão das Azinheira; Anta do Tanque do Monte; Vale Pereiro no Azinhalinho.

Núcleo de Bertianos: Antas 2, 3 e 4 da Aldeia de Bertianos.

Núcleo de Vale de Gato: Anta Norte de Vale de Gato.



FIG. 6-9 Placas da Anta de Vale Beiró. MNA. 2:3. A placa recortada 2002.64.114 (em cima, à esquerda) tem uma estrutura semelhante à da placa MB-X-1, salvo pelo espaço vazio que naquela separa a terceira banda do Indicador de fim de placa. A placa 2002.64.109 (em cima, à direita) tem a decoração do Corpo não diferenciada do espaço onde surge uma pequena Cabeça triangular para cuja base convergem traços oblíquos. A placa 2002.435.15 (em baixo) tem uma Cabeça rectangular preenchida com faixas quebradas, condizendo com o Corpo, e contrasta com a placa de Cabeça rectangular MB-260, cuja composição é mais complexa. *Imagem invertida, para melhor visualização.*



FIG. 6-10 Placas da Anta de Vale Beiró. MNA. 2:3
Em cima, à esquerda, placa 2002.64.108, com Cabeça a toda a largura do topo da placa, em triângulo equilátero, com decoração do Corpo bipartida, organizada por uma linha-guia central que parte do vértice do triângulo Cabeça. Tipo conhecido em outras antas alentejanas, mas não em Monte da Barca. Em cima, à direita, 2002.64.133, uma placa CTT, um tipo muito difundido, mas que também não está presente em Monte da Barca. Em baixo, a placa 2003.58.1, recortada, mas de Cabeça rectangular, com duas perfurações funcionais e dois «falsos olhos». O Corpo foi preenchido com triângulos pequeninos, do tipo dos que encontramos na placa MNA 2006.361.2, da Courela dos Nascedios, Mértola. Que é, pela organização da Cabeça, uma placa CTT (Gonçalves, 2006, p. 182 e 207).

E é curioso registar que deles apenas três (Bertiandos 2 e 3, Anta Norte de Vale de Gato) apresentam pontas de seta, e em números baixos: 1, 2, 6, respectivamente. Cinco não têm cerâmica (Anta 1 da Guarita, Anta 2 do Mouchão das Azinheiras, Anta 2 da Aldeia de Bertiandos, Anta do Tanque do Monte, Anta do Mouchão das Azinheiras), três apenas um vaso (Anta do Curral da Mosca, Anta 3 da Aldeia de Bertiandos, Anta Norte de Vale de Gato) e quatro apenas restos irreconhecíveis (um vaso muito fragmentado?).

Parece claro, aqui como em outros grupos megalíticos, que uma fase «antiga» do megalitismo ocidental, com geométricos, sem pontas de seta e sem placas, com pouca ou nenhuma cerâmica, foi sobreposta, em alguns monumentos, por uma nova fase, com placas de xisto gravadas e pontas de seta. Tal como na Anta 1 do Xarez, e mesmo na Anta Grande do Olival da Pega, em Reguengos, ou nas antas do Crato.

Em situações concretas, como nas antas de construção mais simples, os geométricos dominam, associados por vezes a machados de secção circular e corpo picotado. Numa segunda fase, as antas com corredor curto ou médio acrescentam a cerâmica ao conjunto votivo e, por fim, nos finais do 4.º milénio e nos primeiros séculos do 3.º, outros monumentos entram na sequência megalítica, não nos sendo permitido esquecer que ela está cheia de complexas sobreposições – uso continuado de grutas naturais, construção de grutas artificiais ou *tholoi*... e reaproveitamento de monumentos anteriores, como no caso clássico de STAM-3 (e de tantos outros monumentos do Centro e Sul de Portugal).

Ora as placas de xisto gravadas poderiam, num monumento, representar uma segunda (ou terceira) fase no processo de deposições funerárias. Aqui, nem sempre isso aconteceu, verificada a sua ausência em parte significativa deles.

6.1.4. Placas de xisto gravadas e conjuntos ideotécnicos

No seu contexto amplo, no subsistema mágico-religioso que inclui o uso das placas de xisto gravadas, poderíamos perguntar qual o conjunto artefactual que corresponde a uma associação específica de componentes. Na realidade, as placas de xisto gravadas são apenas um componente de um conjunto que tem sido sistematicamente ignorado. Ignorado por não se saber exactamente o que compõe uma deposição funerária completa a que uma placa esteja associada. Em Monte Canelas 1 (Parreira, 2010), não havia uma associação totalmente explícita entre as placas e os restantes artefactos votivos. No caso da deposição da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a), havia uma associação entre parte do esqueleto e a grande placa recortada J.8-667, o que permitiu, através da datação do crânio, datar indirectamente a placa. Mas mais nenhum artefacto votivo estava associado a esta deposição funerária. O mesmo aconteceu na Cova das Lapas (Gonçalves, 1999b), onde ao enterramento «do feiticeiro» apenas estava associada uma placa.

Em todos os monumentos e sítios conhecidos no Centro e Sul de Portugal, a quantidade de placas, por vezes muito numerosas, não corresponde a artefactos específicos claramente associados. Mesmo na fase em que as placas surgem com a representação de um Jovem Deus (Gonçalves, 2007a), a sua conexão a cerâmicas com decoração simbólica, por exemplo, não está registada em condições mínimas de fiabilidade.

Como se não conhece, com certeza, monumentos megalíticos directamente construídos pelos portadores das placas de xisto gravadas, o que acontece é não haver uma associação garantida entre um tipo de arquitectura megalítica e o complexo mágico-religioso que inclui as placas.

Obviamente que as placas não aparecem isoladas, e o facto de serem o suporte de um conjunto de figurações, abstractas e concretas, permite supor alterações sociais de grande impacto nos últimos séculos do 4.º milénio a.n.e. O mesmo acontece no primeiro século do 3.º milénio e o que vem a seguir é sem dúvida a fase mais agitada das antigas sociedades camponesas. A construção dos povoados e quintas fortificados, o controlo da arqueometalurgia e das rotas do cobre, a Revolução dos Produtos Secundários na sua versão ibérica, incluindo o cobre, o colapso do modelo económico-social que gerou as sociedades de pastores, agricultores e metalurgistas do 3.º milénio e, finalmente, a complexa e difícil interpretação das rotas de difusão europeia das cerâmicas campaniformes constitui uma seriação de eventos que está longe de estar completamente esclarecida, até mesmo no que à cronologia absoluta diz respeito (Gonçalves e Sousa, 2007).

Mas a ignorância, por falta de dados, de um quadro geral legível não nos obriga, de modo algum, a inventar uma perspectiva ou a aceitá-la, não por ela ser falsa, mas por estar mutilada à partida e a ausência de componentes chave não permitir a sua utilização correcta.

6.2. CHAVES PERDIDAS. FECHADURAS ENCRAVADAS...

NA REALIDADE, O MAU DAS ESCAVAÇÕES de Manuel Heleno ou de Agostinho Isidoro (ainda que estas últimas tenham sido em muito menor número) é também o facto de terem literalmente secado territórios. No Crato, ainda há antas por escavar – e eu próprio escavei uma, a Anta dos Penedos de S. Miguel, limpei o Corredor da Anta Grande do Tapadão e várias ficaram por lá. Em Coruche, não sabemos. Talvez a Anta 3 da Herdade do Azinhalinho, recentemente identificada, no caso de ela ser realmente uma anta.

Mas o que é espantoso, quer no sentido português quer no castelhano da palavra, é a razia efectuada por Manuel Heleno nos anos 30. Nem os Leisner, em Reguengos, escavaram metade do que havia para escavar. Nem arqueólogos mais a Norte, em tempos mais recentes, o fizeram. Mas em Coruche praticamente nada escapou. Como explicá-lo? Por influência de alguém, cuja ligação ao Museu, então dirigido por Manuel Heleno, não é conhecida?

Não o sabemos, mas nunca vi nada assim na arqueologia portuguesa do megalitismo.

Perderam-se as chaves, mas o método usado na escavação das antas encravou as fechaduras. E, aí, definitivamente.

6.3. NEVOEIRO?

O MEGALITISMO «DE CORUCHE» é mesmo um megalitismo «de Coruche» ou vários fragmentos dos de Ponte de Sor, Arraiolos, Mora, Évora, Montemor?

Esta é a *tricky question* que quase sempre se tenta evitar. E que alguns esquecem (se é que dão por ela), procurando não desagradar a alguém.

Como agrupar, local, regional e «culturalmente» o megalitismo? Ele há sítios em que essa situação é muito fácil – veja-se Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951, Gonçalves 1994, 1996 [2003], 1999a, 2001, 2003a, particularmente). Outros em que é muito mais complicado, como a Península de Lisboa (veja-se Boaventura, 2010...).

Na verdade, os monumentos ortostáticos registados no actual concelho de Coruche têm uma considerável coesão de espólios, que apesar de tudo conhecemos melhor que os detalhes das arquitecturas, separando-se uma fase claramente antiga, com geométricos, artefactos de pedra polida de secção circular e corpo picotado, de conjuntos com pontas de seta e placas de xisto gravadas. Subdivisões dentro de estes grupos são ainda possíveis e a elas voltaremos noutra altura. Mas as arquitecturas estão pessimamente documentadas e, em alguns casos, não coincidem exactamente com os espólios para elas expectáveis. Costumo dizer aos meus alunos da Faculdade de Letras de Lisboa que um monumento funerário colectivo é um pesadelo para o arqueólogo que o escava, uma vez que ao colocar o tio Alfredo na câmara funerária, se perturbou a deposição anterior do avô Francisco, da prima Marta e de mais uns quantos. Há assim que escavar com inteligência e registar com detalhe o que se está escavando. E, naturalmente, durante os trabalhos, e não ao fim de semana, como fazia Manuel Heleno.

Nevoeiro? Sem dúvida. Mas há esperança de vermos alguma coisa através dele. As antas de Coruche, tal como o Monte da Barca, merecem-no.

Lisboa, Primavera de 2009,
Setúbal, Inverno de 2010

SETE

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Tantas vozes!
Quantas me faltam?
Quais devo esquecer?



- ANDRADE, M.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2010) – Contributos para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço calcário estremenho. 1: estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 2.ª Série, 22, p. 239-259.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Letras de Lisboa sob a direcção de Victor S. Gonçalves. 2 vols. policopiados.
- BONGIOANNI, A.; CROCE, M. S., eds. (2001) – *The Illustrated Guide to the Egyptian Museum in Cairo*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- BUENO-RAMÍREZ, P. (1992) – Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. Paris. Tome 16. 2-3. p. 573-604.
- BUENO-RAMÍREZ, P. (2010) – Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas. In MAICAS, R.; CACHO, C.; GALÁN, E.; MARTOS, J. A. eds. - *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museu Arqueológico Nacional, p. 39-77.
- BUENO-RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2008) – Dioses y antepasados que salen de las piedras. In GARCIA SANJUAN, L. (coord) - *Patrimonio megalítico: más allá de los límites de la Prehistoria*. Sevilla: Boletín del Instituto andaluz del Patrimonio Histórico, 67. p- 62-67.
- BUENO-RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BERMEJO, R. (2010a) – Graffias de los grupos productores y metalúrgicos en la cuenca interior del Tajo. La realidade del cambio simbólico. In GONÇALVES e SOUSA, eds. - *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* [Colecção Cascais, Tempos Antigos, # 2]. Cascais: Câmara Municipal, p. 489-517.
- BUENO-RAMÍREZ, P.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; BARRIELA GARRIDO, P. (2003) – Placas, estatuas, ídolos. Representaciones antropomorfas megalíticas en Galicia. A Carballeira (Pontevedra). *Brigantium*. Coruña, 14, p. 47-61.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- el-MALLAKH, K.; BRACKMANN, A. (1978) – *The Gold of Tutankhamen*. New York: Newsweek Books.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tomo LIX, p. 107-192.
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and Exchange of bifacial flake stone artifacts during the portuguese Chalcolithic*. BAR International séries. Oxford: Archaeopress.
- GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1978a) – Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca, 28-29, p. 147-162.
- GONÇALVES, V. S. (1978b) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1982) – O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *CLIO*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. 4. p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84a) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa: UNIARCH. 1. p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84b) – Programa para o estudo da evolução das sociedades agro-pastoris, das origens à metalurgia plena, dos espaços abertos aos povoados fortificados, no Centro de Portugal (ESAG). *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa: UNIARCH. 1. p. 207-211.
- GONÇALVES, V. S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1(88). *Portugália*. Porto. Nova Série. 8. p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1988) – La Préhistoire. In Albert d'Haennens (dir.), *Histoire du Portugal*. Bruxelles: Editions Artis-Historia. p. 21-35.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto. Nova Série. 9-10. p. 49-61.

- GONÇALVES, V. S. (1989a) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ. 2 vols. 1.º vol: 566 pp, incluindo mapas, figuras e outras ilustrações, para além de extra-textos; 2.º vol: 252 estampas (desenhos e fotografias).
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal. 7. p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC. 264 pp, 22 Mapas, 28 Figuras, 48 Fotografias.
- GONÇALVES, V. S. (1993a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 15. 5.ª série. p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1993b) – As práticas funerárias nas sociedades do 4.º e do 3.º milénios. O Megalitismo. *História de Portugal* dirigida por João Medina, Vol. 1, coordenado por Victor S. Gonçalves, Parte V. Lisboa: Ediclube. p. 245-284.
- GONÇALVES, V. S. (1993c) – A Deusa das placas de xisto. *História de Portugal* dirigida por João Medina. Vol. 1, coordenado por Victor S. Gonçalves. Lisboa: Ediclube. p. 310-312.
- GONÇALVES, V. S. (1993d) – Os báculos, símbolos de poder?. *História de Portugal* dirigida por João Medina. Vol. 1, coordenado por Victor S. Gonçalves. Lisboa: Ediclube. p. 312-313.
- GONÇALVES, V. S. (1994) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*. Viseu, 2. p. 115-135. (Actas do Seminário «O megalitismo no Centro de Portugal», Mangualde, 20-22 de Novembro de 1992)
- GONÇALVES, V. S. (1995) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1996 [2003]) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4.º e 3.º milénios. *OPHIUSSA*. Zero. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) – Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP. P. 83-91
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000a) – *Muitas antas, pouca gente?*. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2000b) – Debate em torno às origens do megalitismo. *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 303-307
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, n.º4-2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 472 p. (Trabalhos de Arqueologia 32).
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003b) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Actas do 2.º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000. Trabalhos de Arqueologia. 25. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) – A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2; p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) – Debate, *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Actas do 2.º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000.
- GONÇALVES, V. S. (2003e) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2.ª edição, revista e aumentada com dois novos ensaios, do volume primeiramente publicado em 1995. Cascais: Câmara Municipal
- GONÇALVES, V. S. (2003f) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.

- GONÇALVES, V. S. (2004a) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *Arqueólogo Português*. 22. P. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito: breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7. 1. p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004c) – As deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2004d) – As placas de xisto gravadas da região de Évora. In CD ROM editado pela Fundação Eugénio de Almeida.
- GONÇALVES, V. S. (2005a) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2005b) – *As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2005c) – Manifestações do Sagrado no Ocidente Peninsular. 6. As representações da Deusa no edifício funerário tipo *tholos* do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª S. 23, p. 197-229.
- GONÇALVES, V. S. (2005d) – *Cascais há 5000 anos: espaços de vida, espaços de morte e contextos para ambos* In *Cascais há 5000 anos*, p. 63-195. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2005e) – Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainaké*. Málaga. XXVI, p. 89-114.
- GONÇALVES, V. S. (2005f) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. Aljezur: Câmara Municipal. Texto publicado em *O Arqueólogo Português*. 22. p. 163-318, republicado sob a forma de livro, com um estudo introdutório inédito.
- GONÇALVES, V. S. (2006a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As Placas Híbridas: Definição do conceito, alguns poucos exemplos e, de novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2; p. 27-59.
- GONÇALVES, V. S. (2006b) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto: 1. A placa de xisto gravada (medieval?) da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1; p. 185-195.
- GONÇALVES, V. S. (2007a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 8. Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. Vol. 24, p. 167-231.
- GONÇALVES, V. S. (2007b) – Breves reflexões sobre os caminhos das antigas sociedades camponesas no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 15, p. 79-94.
- GONÇALVES, V. S. (2008a) – Na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., dois subsistemas mágico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. In HERNÁNDEZ PÉREZ, M.; SOLER DÍAZ, J.; LÓPEZ PADILLA, J., eds. *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. Tomo II, p. 112-120.
- GONÇALVES, V. S. (2008b) – *A utilização pré-histórica da Gruta de Porto Covo (Cascais). Uma revisão e algumas novidades*. Cascais: Câmara Municipal. [Colecção *Cascais, Tempos Antigos*, #1].
- GONÇALVES, V. S. (2009a) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. [Colecção *Cascais, Tempos Antigos*, #3] Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2009b) – Construir para os mortos. Grutas artificiais e antas na Península de Lisboa. Algumas leituras prévias. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras: Câmara Municipal, p. 237-260.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) – *Na margem do Grande Rio. 2. Práticas funerárias das antigas sociedades camponesas: o limite oriental do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz*. EDIA/Ministério da Cultura.
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). *CLIO*, Lisboa, 3. p. 153-164.
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CAUSTRE, F., E ARRUDA, A. M. (1983-84) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). Campanha 3(83). *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa, 1. p. 229-230.
- GONÇALVES, V. S.; Treinen-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M., ZAMMIT, J. (1983-84) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). Campanha 2(82). *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa, 1. p. 225-227.

- GONÇALVES, V. S.; DAVEAU, S. (1983-84) – Programa para o estudo do Baixo-Tejo e afluentes: projecto para o estudo da antropização do Vale do Sorraia (ANSOR). *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa, 1. p. 203-206.
- GONÇALVES, V. S.; DAVEAU, S. (1985) – A evolução holocénica do Vale do Sorraia e as particularidades da sua antropização (Neolítico e Calcolítico). In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. 2. p. 187-197.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) – A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. *Actas do colóquio internacional O Neolítico atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela. UISPP. p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V. S. - *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2003) – Novos dados sobre as práticas funerárias das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In GONÇALVES, V. S. - *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. *Actas do 2.º Colóquio internacional sobre Megalitismo*. Reguengos de Monsaraz, 2000.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, s. 4, 22, p. 113-162.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004b) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *Arqueólogo Português*, s. 4, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinhitos (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1; p. 43-109.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005) – As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (N.ª S.ª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2; p. 5-53.
- GONÇALVES, V. S.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F. (2005) – The archaeometallurgy of Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª S. 23, p. 231-255.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2007) – Algumas breves reflexões sobre quatro datas ¹⁴C para o Castro da Rotura, no contexto de 3.º milénio a.n.e. nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, vol. 24, p. 233-266.
- GONÇALVES, V. S.; ALFARROBA, A. (2010) – Ver ao longe no 3.º milénio a.n.e. Sobre a localização e o significado do Monte Novo dos Albardeiros. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. [Coleção Cascais, Tempos Antigos, # 2]. Cascais: Câmara Municipal, p. 297- 322.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds. (2010) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* [Coleção Cascais, Tempos Antigos, # 2]. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (no prelo) – As placas de xisto gravadas e o báculo da Lapa da Galinha.
- ISIDORO, A. (1961) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. 44 (3), p. 206-228.
- ISIDORO, A. (1963a) – Esboço arqueológico do Crato (Alto Alentejo) – Novos elementos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 19 (1), p. 71-75.
- ISIDORO, A. (1963b) – Esboço arqueológico do Crato (Alto Alentejo) – Novos elementos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 19 (2), p. 174-177.
- ISIDORO, A. (1964) – Esboço arqueológico do Crato (Alto Alentejo) – Novos elementos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 19 (3-4), p. 353-359.
- ISIDORO, A. (1965-1966) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 20 (1-2), p. 29-57.

- ISIDORO, A. (1965) – A anta do Couto de Enchares (*Resumo*). *Lucerna*. Porto, 4, p. 166.
- ISIDORO, A. (1966) – Contribuição para o estudo da arqueologia do concelho de Alter do Chão. *Lucerna*. Porto, 5, p. 384-414.
- ISIDORO, A. (1967-1968) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 20 (3-4), p. 285-297.
- ISIDORO, A. (1969) – Antas do concelho de Portalegre. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 21 p. 181-191.
- ISIDORO, A. (1973a) – Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) – Novos elementos – IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 22 (1), p. 41-56.
- ISIDORO, A. (1973b) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 22 (2), p. 107-124.
- ISIDORO, A. (1975) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – VI. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 20 (3-4), p. 285-297.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951), reeditado em 1985 – *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: IAC (UNIARQ/INIC)
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. 2. Lieferung. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. 3. Lieferung. Berlin: Walter de Gruyter.
- LILLIOS, K. (2002) – Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 5;2; p. 135-152.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the dead. Memory, identity and the engraved stone plaques of neolithic Iberia*. Austin: University of Texas Press.
- MAICAS, R.; CACHO, C.; GALÁN, E.; MARTOS, J. A. (2010) – *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museu Arqueológico Nacional.
- MARTINHO, C. (2006) – *Aspectos do megalitismo nas Herdades da Água Doce e Azinhal (Coruche)*. Tese de mestrado apresenta à Faculdade Letras de Lisboa sob direcção de Victor S. Gonçalves. Policopiado.
- MARTINHO, C.; CALAIS, A. C., coord. (2009) – *Roteiro megalítico de Coruche*. Coruche: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (1997) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Marvão.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Edições Colibri/ Universidade de Évora.
- PARREIRA, R. (2010) – As placas de xisto gravadas do hipogeu I de Monte Canelas (Alcalar). In GONÇALVES e SOUSA, 2010, p. 399-419.
- PURCELL, H. (2003) – *Dido and Aeneas, King Arthur, Diocletian, Timon of Athens, 3 Odes*. DGG [ARCHIV]. 000289 474 6722 9 /A /B 5/.
- ROCHA, L. (2005) – *Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Letras de Lisboa sob a direcção de Victor S. Gonçalves. 2 vols. policopiados.
- SAVALL, J. (2010) – *Dinastia Borgia. Chiesa e potere nel Rinascimento*. ALIAVOX, AVSA 9875AO/C.
- SCHULZ, R.; SEIDEL, Matthias, eds. (2001) – *Egipto. O Mundo dos faraós*. Lisboa: Konemann.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. In *Francisco Tavares Proença Júnior, catálogo*. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 90-112.
- VICENTE, E. P.; ANDRADE, G. M.; DIAS, V. M. R. (1974) – Uma jazida pré-histórica no vale do Sorraia. In: *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), Vol. I [org. 1.ª Subsecção da 2.ª Secção da Junta Nacional da Educação]. Porto: Ministério da Educação Nacional, Junta Nacional da Educação, 1974, p. 91-104.
- WAAL, E. de (2010) – *The Hare with Amber Eyes. A hidden inheritance*. Londres: Chatto & Windus. [edição *Hardcover*].

AGRADECIMENTOS

O Autor regista o seu reconhecimento

À Câmara Municipal de Coruche e ao seu Presidente, Dionísio Mendes, que apoiaram a edição de este livro.

A Gil Miguéis de Andrade, que cedeu uma fotografia inédita de ele próprio, Prescott Vicente e Ricardo Belo, na segunda metade dos anos 50 do século 20, os três de visita a Olelas (não há fotografias no Monte da Barca). Foto de Eduardo da Cunha Serrão.

A Ana Cristina Calais e Dulce Patarra, que, no Museu Municipal, deram todo o apoio necessário e reduziram as burocracias a um mínimo ideal, demasiadas vezes impossível em outros contextos, e resolveram pequenas e grandes dificuldades de percurso.

Ao director do Museu Nacional de Arqueologia, Luís Raposo, que autorizou uma fotografia relâmpago do fragmento de báculo da Anta Sul de Vale de Gato e, de novo, ao MMC, que mo fez chegar às mãos pelos 15' necessários...

A Marisa Cardoso, pela sua atenta vigilância de um original que parecia ter vindo de Vale de Gatos...

A Luísa Guerreiro e Carla Martinho, que esclareceram uma dúvida sobre o número de pontas de seta da Anta 1 do Paço de Aragão e a esta última que tirou dúvidas sobre o inventário da Anta de Vale Beiró.

A Luís Araújo, sábio egiptólogo, colega e amigo, que, a meu pedido, mas com impressionante rapidez, me inundou de imagens dos báculos reais egípcios.

A Isabelle Faust e Paul Lewis, que, sem o saberem, deram uma ajuda. E também a Keith Jarrett e Brad Melhdau... a Léo Ferré e a Youn Sun Nah, a esta última com cumprimentos pelo seu luminoso quarto CD...

A Rui Boaventura que, num prazo que foi um novo *record* olímpico, digno do Guinness, reviu o texto e caçou gatos em fuga.

A Ana Catarina Sousa, uma im-placável placófoba, que mesmo assim deu duas mãos, e o seu semi-destruído portátil, para o registo de passagens finais, arranjou fotocópias e discutiu factos e ideias. E, na fotografia de laboratório, atrapalhou, como sempre (sem um dossier cheio de notas trocadas tudo se faz, mas está longe de ser a mesma coisa). E, no entanto...

NOTAS SOBRE OS SEPARADORES

Os Separadores dos sete capítulos de este trabalho têm como ilustração imagens que estão longe de ser decorativas. Por isso, passo a explicá-las.

- Separador 1: A magnífica imagem de Valença (1882-1962), o desenhador de Manuel Heleno, mostra uma placa de xisto gravada da Anta do Rabaçal que entra na categoria das exceções à norma. Na verdade, por entre a decoração «barroca» do suporte, sobressaem as figuras simplificadas de quatro ídolos almerienses, três dos quais centrados. Entre estes, a figura central apresenta uma «saia» com componentes decorativos constituídos basicamente por faixas encurvadas, preenchidas. Há mais alguns exemplos de estas exceções dentro do geometrismo básico que a grande maioria das placas apresenta. Mas esta é uma obra prima do Caos e do Significante tornados Arte.
- Separador 2: Uma placa do monumento ortostático da Pedra Branca (Gonçalves, no prelo) com uma rara Cabeça rectangular. Museu do IGM, 50(31).
- Separador 3: Materiais provenientes do monumento 1 do Cabeço da Arruda, incluindo uma considerável diversidade de tipos de placas, uma com decoração em ambas faces e outra lisa, com «falsos olhos», a que se alude no texto (Leisner, 1965, Tafel 6).
- Separador 4: Placas sem Cabeça claramente definida, como uma do Monte da Barca. Em cima, e da esquerda para a direita, Anta Grande do Zambujeiro (MEV 6370 e 6369), em baixo: *Tholos* do Escoural 1.79.6 e Lapa da Galinha MNA 6495 (Gonçalves, Andrade e Pereira, no prelo).
- Separador 5: Uma variante das placas de xisto gravadas recortadas, bem diferente das conhecidas em Coruche, a placa J.8-667 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 2003a, Fig 87, p. 176).
- Separador 6: Uma típica placa com «Orelhas de Coelho», *Oryctolagus cuniculus plaquensis* (1+1 banda radiante encurvada, definindo a Cabeça), de um género conhecido do Alentejo médio até Aljezur e à Península de Lisboa. *Tholos* do Escoural, MNA 1.79.19a. Monografia em curso de preparação.
- Separador 7: aspectos (censurados) do ambiente de trabalho (que nada tem que ver com o *desktop*...).

ÍNDICE DAS FIGURAS E QUADROS

UM

FIG. 1-1 Mapa de localização segundo Vicente, Andrade e Dias, 1974	19
FIG. 1-2 Vista actual do sítio funerário do Monte da Barca	20
FIG. 1-3 Mapas de localização de Coruche	21
FIG. 1-4 Prescott, Andrade e Belo em Olelas	22
FIG. 1.5 e 1.6. Imagens do sítio segundo Vicente, Andrade e Dias, 1974	23, 24
FIG. 1-7 Localização do Monte da Barca (junção das CMP)	27
FIG. 1-8 Imagem do Monte da Barca visto do Alto do Castelo (Coruche)	28
FIG. 1-9 Topo da placa da Alcáçova de Santarém	32

DOIS

QUADRO 2.1. Registo, estado, peso, caracterização...	37
QUADRO 2.2. Medidas observadas nas placas...	38
QUADRO 2.3. Composição dos componentes das placas	39
FIG. 2-1 Placas de que só se conhece a Cabeça	43
FIG. 2-2 Placa anepígrafa MB-250 e placas com faixas verticais	45
FIG. 2-3 Placas com o Corpo decorado com faixas zigzagueantes	48
FIG. 2-4 Placas com o Corpo decorado com motivos em xadrez	49
FIG. 2-5 Placas com o Corpo decorado com triângulos	56
FIG. 2-6 Placas com o Corpo decorado com triângulos	57
FIG. 2-7 Placas com o Corpo decorado com triângulos	58
FIG. 2-8 Placas com o Corpo decorado com triângulos	59
FIG. 2-9 Placas com o Corpo decorado com triângulos preenchidos	60
FIG. 2-10 anatomia básica de duas placas de xisto	62
FIG. 2-11-A e B Cabeças das placas de Monte da Barca	64, 65
FIG. 2-12 Placas de Monte da Barca: os quatro principais motivos do Corpo	66
FIG. 2-13 Separadores Cabeça-Corpo	67
FIG. 2-14 Catálogo síntese de formas e motivos	68
FIG. 2-15 Duas placas de que só se conhece a Cabeça e a placa anepígrafa	69
FIG. 2-16 Placas com o corpo preenchido com faixas verticais e detalhe da face de MB-262	70
FIG. 2-17 Detalhe do Corpo de MB-262	71
FIG. 2-18 Placa MB-259 e detalhe	72
FIG. 2-19 Placas com faixas zigzagueantes preenchidas	73
FIG. 2-20 Detalhe do Corpo da placa MB-268	74
FIG. 2-21 Detalhe do Corpo da placa MB-295	75

FIG. 2-22 Placa MB-265 e detalhe	76
FIG. 2-23 Placa MB-261 e detalhe	77
FIG. 2-24 Placa MB-263	78
FIG. 2-25 Detalhe da placa MB-263	79
FIG. 2-26 Placa MB-266	80
FIG. 2-27 Detalhe da placa MB-266	81
FIG. 2-28 Placas (desaparecidas) MB-X-1 e MB-X-3	82
FIG. 2-29 Placa MB-251	83
FIG. 2-30 Placa MB-252 (...), Placa MB-253 reaproveitada	84
FIG. 2-31 Detalhes da placa MB-252	85
FIG. 2-32 Detalhes da placa MB-253	86
FIG. 2-33 Em cima, traços de polimento (...) no verso da placa MB-253 [e] MB-265	87
FIG. 2-34 Triângulo do Corpo da placa MB-252	88
FIG. 2-35 Placa MB-254	89
FIG. 2-36 Placa MB-255	90
FIG. 2-37 Placa MB-256	91
FIG. 2-38 Detalhe da placa MB-256	92
FIG. 2-39 Placa MB-257	93
FIG. 2-40 Detalhes da placa MB-257	94
FIG. 2-41 Placa MB-258	95
FIG. 2-42 Um excelente exemplo de gravação (...) MB-260	96
FIG. 2-43 Detalhe das bandas com triângulos da placa MB-260	97
FIG. 2-44 Detalhe da Cabeça rectangular da placa MB-260	98
FIG. 2-45 O verso da placa MB-260	99
FIG. 2-46 As duas faces da placa MB-264	100
FIG. 2-47 Detalhe da face da placa MB-264	101
FIG. 2-48 Detalhe da face da placa MB-264	102
FIG. 2-49 Detalhe do verso da placa MB-264	103
FIG. 2-50 Placas com triângulos no Corpo	104
FIG. 2-51 Placas com triângulos no Corpo. MB-270, (...) MB-294	105
FIG. 2-52 Em cima, detalhe da placa MB-270 (...) [e] MB-294	106
FIG. 2-53 As Cabeças (...) com «Orelhas de Coelho» MB-294 e -259	107
FIG. 2-54 Detalhes da face da placa MB-264	108
FIG. 2-55 Em cima, a perfuração correcta da face da placa MB-265. Em baixo, uma primeira tentativa falhada para perfurar o verso da placa MB-256	109
FIG. 2-56 A Cabeça com triângulos estratigrafados nas faces MB-267, (...) [e] a junção Cabeça Corpo (...) da placa MB-262.	110

TRÊS

FIG. 3-1 Os três báculos do Monte da Barca desaparecidos	116
FIG. 3-2 Fotografia dos três báculos desaparecidos	117
FIG. 3-3 Desenho do Báculo MB-293	119
FIG. 3-4 Fotografia do Báculo MB-293	120
FIG. 3-5 Detalhe	121
FIG. 3-6 Em cima, paleta do rei Narmer (...) Em baixo o chicote (<i>nekhakha</i>) e o báculo (<i>heka</i>) de Tutankhamon	123
FIG. 3-7 À esquerda, Ramsés II sentado no trono	124
FIG. 3-8 Topo de báculo de xisto gravado da Anta Sul de Vale de Gato	126
FIG. 3-9 Vasos com báculos	127

QUATRO

FIG. 4-1 Alabarda e punhal do Monte da Barca	131
QUADRO 4.1 Comparação do número de perfurações para suspensão das placas de xisto gravadas de Monte da Barca em função de outros monumentos já estudados e em estudo no Projecto PLACA NOSTRA	134
FIG. 4-2 Placas das antas de Coruche (não especificadas)	138
FIG. 4-3 Placas das antas de Coruche (não especificadas)	139
FIG. 4-4 Alguns exemplos da universalidade dos motivos principais das placas	140

CINCO

FIG. 5-1 Placas não decoradas, mas com «falsos olhos»	145
FIG. 5-2 Placas recortadas com ombros oblíquos	146

SEIS

FIG. 6-1 artefacto para adorno pessoal	151
FIG. 6-2 Cerâmicas do Monte da Barca (...) MB-234 (...) [e] MB-235	155
FIG. 6-3 Cerâmicas do Monte da Barca MB-406	156
FIG. 6-4 Cerâmicas do Monte da Barca. (...) MB-240(...) [e] MB-241	157
FIG. 6-5 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-241	158
FIG. 6-6 Cerâmicas do Monte da Barca. (...) MB-245. Em baixo, o vaso de corpo convexo MB-247	159
FIG. 6-7 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-245	160
FIG. 6-8 Cerâmicas do Monte da Barca. Detalhe do vaso MB-247	161
QUADRO 6.1 Monumentos megalíticos de Coruche e o Monte da Barca	164
FIG. 6-9 Placas da Anta de Vale Beiró	167
FIG. 6-10 Placas da Anta de Vale Beiró	168

RESUMO

O SÍTIO FUNERÁRIO DO MONTE DA BARCA foi identificado por puro acaso em 1971, durante o processo que conduziu à sua destruição, presumivelmente integral, e foi apresentado ao 3.º Congresso Nacional de Arqueologia (Porto) em 1973, parcialmente publicado nas suas Actas, em 1974.

Peças do espólio desapareceram entretanto e outras, inéditas, foram recuperadas por iniciativa da Câmara Municipal de Coruche.

Em 2008, ao abrigo dos Programas de investigação PLACA NOSTRA e ANSOR (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa – UNIARQ – *Grupo de trabalho sobre as antigas sociedades camponesas*) foi iniciado o estudo do conjunto das 29 placas de xisto gravadas nele recolhidas, dos quatro báculos e, por extensão, de alguns materiais associados.

Descrevem-se aqui as placas e os báculos e comenta-se a integração do sítio no seu ambiente megalítico.

O autor acredita não haver argumentos para defender que o sítio do Monte da Barca foi um monumento megalítico, inclinando-se antes para uma grande fossa escavada na rocha macia, para enterramentos colectivos, talvez como em Aljezur. Claro que o espólio recolhido é «megalítico». Tão «megalítico» como o que se encontra em antas... grutas naturais e artificiais e *tholoi*...

O megalitismo, para além de um estilo arquitectónico, é um subsistema mágico-religioso próprio a certas fases das antigas sociedades camponesas e com esta flexibilidade deverá ser entendido.

O sítio funerário do Monte da Barca corresponde assim a uma das fases evoluídas do megalitismo ortostático, mais precisamente àquela que associa as placas de xisto gravadas aos rituais funerários.

Pela sua própria posição geográfica, Monte da Barca está entre o mundo do Alto Alentejo e as Penínsulas de Lisboa e Setúbal. Artefactos de pedra polida, sílex, as placas de xisto gravadas e as cerâmicas partilham mundos em comunicação.

A sua grande importância reside também na sua própria localização, em paisagem totalmente aberta, com visibilidade extrema a partir da margem direita do Sorraia, onde se localiza o povoado do Monte do Lacrau e, mais a montante, o Cabeço do Pé da Erra, com uma área de trabalho de placas de xisto gravadas.

A cronologia proposta aponta para algures num intervalo de tempo que engloba o último século do 4.º milénio e os primeiros do 3.º a.n.e.

ABSTRACT

THE BURIAL SITE OF MONTE DA BARCA (in the Coruche county) was identified by pure chance in 1971, due to a series of events that have ended in its entire destruction. The findings were subsequently presented to the 3rd National Congress of Archaeology (Porto) in 1973 and partly published in its *Proceedings* in 1974.

Some of the artefacts, the unpublished ones, were retrieved by initiative of the mayor of Coruche.

In 2009 however, under the ANSOR and PLACA NOSTRA research programs (from the Lisbon University Centre of Archaeology UNIARQ – *Work Group on ancient peasant societies*), all 29 schist plaques, four schist crosses and by extension other associated materials have started to be studied.

We describe here these ideotechnical artefacts and proceed to classify their cultural environment as a megalithic context.

The author argues against the categorization of the Monte da Barca site as a megalithic monument *stricto sensu*, and that it should instead be perceived as a large collective burial pit, dug into the soft rock, similar perhaps to the Aljezur situation. The ensemble is of course considered as megalithic as any other group of artefacts unearthed in a megalithic monument *per se*, such as dolmens, natural or rock-cut caves and *tholoi*...

Megalithism is, in addition to an architectural manifestation, part of a magical and religious subsystem, characteristic of certain phases of the evolution of ancient peasant societies – something to be taken into account when attempting to understand their rituals.

The burial site of Monte da Barca is therefore simultaneous with an advanced phase of orthostatic megalithism, specifically one that includes engraved schist plaques in burial sites.

From a merely geographical point of view, the site of Monte da Barca is connected to the Alentejo and to the Lisbon and Setúbal Peninsulas. The polished stone artifacts, knapped flint, schist plaques and pottery also shows the same access routes. Also worth mentioning is the visibility conditions of the site, with a view to the right bank of the Sorraia River, the Calcolithic camp of Monte do Lacrau and to the Pé da Erra settlement (which includes a manufacturing area for the engraved schist plaques).

Chronologically the site is somewhere between the last century of the 4th millennium and the first centuries of the 3rd millennium BCE.

